



**Universidade Federal
da Grande Dourados**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG**

MARLI AVELINO DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES ‘SOBRE’ E ‘DE’ INDÍGENAS A PARTIR DOS
OLHARES DE ESTUDANTES DA CIDADE DE DOURADOS - MS.**

DOURADOS – MS.
2024



**Universidade Federal
da Grande Dourados**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGG**

MARLI AVELINO DOS SANTOS

**REPRESENTAÇÕES ‘SOBRE’ E ‘DE’ INDÍGENAS A PARTIR DOS
OLHARES DE ESTUDANTES DA CIDADE DE DOURADOS - MS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas – Universidade Federal da Grande Dourados - para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert



DOURADOS – MS.
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237r Santos, Marli Avelino Dos
REPRESENTAÇÕES SOBRE E DE INDÍGENAS A PARTIR DOS OLHARES DE
ESTUDANTES DA CIDADE DE DOURADOS- MS [recurso eletrônico] / Marli Avelino Dos
Santos. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Jones Dari Goettert.
Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Alunos Indígenas. 2. Diversidade Cultural. 3. Escolas não Indígenas. 4. Construção do
"outro". I. Goettert, Jones Dari. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**REPRESENTAÇÕES ‘SOBRE’ E ‘DE’ INDÍGENAS A PARTIR DOS
OLHARES DE ESTUDANTES DA CIDADE DE DOURADOS - MS.**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Jones Dari Goettert

(Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal da Grande Dourados)
Orientador e Presidente da Banca

Prof^a Dr^a Flaviana Gasparotti Nunes

(Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal da Grande Dourados)

Prof^a Dr^a Lauriene Seraguza Olegario de Souza

(Faculdade Intercultural Indígena- FAIND)

Dedico este trabalho a todas e
todos que atuam na/pela educação
- e aos educandos.

AGRADECIMENTOS

Chega o tempo de respirar e relembrar tudo o que foi vivido...

Momentos que perpassaram o ambiente universitário e, mesmo que a chegada tenha sido virtual, criou laços, senso de cooperação e amizades que vou levar por toda a vida.

A emoção toma conta, pois as batalhas não foram poucas: mãe solo, professora do ensino regular, filha da Dona Maria - que esteve presente não só a me apoiar, mas nas falas de outra Maria (“Carolina Maria de Jesus”), nas aulas *online*, que ela aproveitava para ouvir enquanto fazia o almoço, nostalgávamos juntas, agora com sentimento de alívio, por tantos momentos de “*Quarto de Despejo*”, que vivemos nos anos 80 e 90. É essa mulher que me inspira todos os dias, é o olhar de orgulho de uma analfabeta que vê a filha se tornar Mestre em Geografia que me impulsionou em todas as vezes que achei que não ia dar conta...

A partir disso, sigo o clichê.

Agradeço a Deus por ter permitido que eu tivesse saúde, sabedoria e forças espirituais para prosseguir nessa caminhada de quatro anos e realizar este trabalho.

Aos meus familiares, principalmente às filhas da Dona Maria, minhas irmãs Marcia, Marilza e Marilda, e ao meu pai Mariano que, mesmo do plano espiritual, deve estar olhando por mim. E à pessoinha que mais importa, meu filho Pedro, a quem, antes de agradecer, quero pedir perdão por todos os lugares aos quais deixei de ir contigo para me dedicar à escrita; pelas vezes que não te dei a atenção que você merecia; pelas brincadeiras que deixamos de fazer. Agradeço por sempre compreender quando dizia que tinha que estudar.

Agradeço imensamente ao meu professor e orientador Jones, de toda a vida acadêmica, por sempre acreditar na minha capacidade de realizar, mesmo que em muitos momentos eu tenha duvidado dela, saído do trajeto, ele fez questão de me lembrar: “Marli, eu confio em você e quero que você acredite também!”. Deixo aqui mais uma vez o meu agradecimento e minha admiração infinita.

Aproveito para agradecer também o professor Charlei Aparecido que, como coordenador, sempre me atendeu, muitas vezes fora da universidade, na sua casa, para as diversas assinaturas e preenchimento de documentações necessárias.

Agradeço aos demais professores que deram sustentação na formação da pós-graduação, dividindo sempre seus conhecimentos. Muito obrigada professora Flaviana Gasparotti, professora Ivani e todo o grupo de professores que fizeram parte da disciplina.

A todos que participaram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, colegas de turma, sem dúvidas vocês me enriqueceram com as suas falas e contribuições, se tornaram

amigos pessoais, em especial a Beatriz Vera, Clariana e Jaquerson, que foram meus pontos de discussão acadêmica e desabafos quando o processo estava pesado.

Agradeço também às amigas da escola que sempre estiveram torcendo por mim: Elis Roberta, Marcilene, Luis Henrique e Flávia. Obrigada! Vocês deixaram meus dias mais alegres e esse suspiro de alegria deixou o processo mais leve.

Não posso esquecer da minha amiga de profissão que se tornou de vida, Odolina Fortaleza, que me ouve e fortalece todos os dias.

A uma mulher incrível, Regina Mota, colega de profissão que se tornou amiga, quero deixar registrada a admiração que tenho por tudo que você representa. Regina intermediou diretamente com a escola Castro Alves para que eu pudesse realizar os questionários com os alunos. Sem a sua ajuda este trabalho não teria sido possível.

Aproveito para agradecer a todos os educadores da escola que me receberam de braços abertos. A professora Adriana Zaira, que cedeu um tempo de suas aulas, as diretoras e a todo o corpo docente. Agradeço também a coordenadora da escola Menodora Fialho de Figueiredo, que ajudou na intermediação com os alunos indígenas da instituição, a direção e todos os educadores que fazem parte da escola.

Por falar em escola, quero agradecer aos estudantes que participaram das entrevistas e questionários, sem vocês este trabalho não existiria! Vocês abrilhantaram esta pesquisa de uma forma indescritível, deram sentido à teoria estudada e, mais ainda, foram autores, escreveram e desenharam a vida na escola, porque a escola é viva.

À Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGG - pelo imenso orgulho de ter feito parte em mais uma etapa de minha formação acadêmica. Quero deixar um agradecimento especial à secretária Erika que sempre foi tão solícita e extremamente eficiente.

À Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul/FUNDECT, que financiou esta pesquisa, quero, além de agradecer, parabenizar pelo incentivo dado a tantos estudantes do Mato Grosso do Sul. Saibam que isso faz toda a diferença tanto para a qualidade das pesquisas quanto na vida de muitos estudantes que, assim como eu, não dispunha de outra renda.

A todos e todas que eventualmente eu tenha esquecido peço desculpas e deixo aqui o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

A construção da identidade, as relações sociais e os conflitos entre as diferenças culturais são questões relevantes no cotidiano dos alunos indígenas em escolas não indígenas da cidade de Dourados/MS. Considerando a população dos povos originários na cidade de Dourados e as relações desenvolvidas entre estudantes indígenas e não indígenas nas escolas públicas do município, esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo e na Escola Estadual Castro Alves, ambas em Dourados/MS. O objetivo foi analisar questionários e desenhos feitos pelos alunos participantes, abordando temas como reconhecimento, conhecimento do espaço da Reserva Indígena de Dourados (RID), questões culturais, reprodução de estereótipos e estigmas, além da construção do “outro”. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, com o uso de fontes escritas em forma de questionários e gráficas em desenhos. O estudo proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a realidade vivida pelos alunos indígenas ao ingressarem em escolas urbanas. Além de promover a reflexão sobre a importância do papel do professor como mediador no processo de aprendizagem, evidenciou-se a necessidade de estratégias que transcendam os limites da escola para efetivar o reconhecimento da cultura indígena.

Palavras-chave: Alunos Indígenas. Escolas Não Indígenas. Relações Sociais. Construção do “Outro”. Diversidade Cultural.

RESUMEN

La construcción de identidad, las relaciones sociales y los conflictos entre diferencias culturales son reflexiones pertinentes sobre la vida cotidiana de los estudiantes indígenas en escuelas no indígenas. Al considerar la población de pueblos originarios de la ciudad de Dourados y la forma en que se desarrollan las relaciones entre estudiantes indígenas y no indígenas en el espacio de las escuelas públicas del municipio. La investigación se llevó a cabo en la Escuela Estadual Menodora Fialho de Figueiredo y en la Escuela Estadual Castro Alves de Dourados/MS. Tuvo como objetivo analizar cuestionarios y dibujos realizados por los estudiantes que participaron en la investigación, abordando temas de reconocimiento, conocimiento del espacio de la Reserva Indígena de Dourados (RID), y cuestiones culturales, reproducción de estereotipos y estigmas, además de la construcción del "otro". La metodología utilizada se basa en la investigación cualitativa a través de fuentes escritas y gráficas. El estudio permitió comprender mejor la realidad escolar que viven los estudiantes indígenas al ingresar a las escuelas urbanas. Además de permitir reflexionar sobre la importancia del papel del docente como mediador en el proceso de aprendizaje, también se evidenció que, si bien el proceso de reconocimiento de la cultura indígena es efectivo, se necesitan estrategias que vayan más allá de los muros de la escuela.

Palabras clave: Estudiantes Indígenas. Escuelas No indígenas. Relaciones Sociales. Construcción del "Otro". Diversidad Cultural.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Moradores indígenas da RID.....	28
Figura 2. Prédio residencial em Dourados.....	28
Figura 3. Indígenas na carroça e não indígenas na caminhonete	29
Figura 4. Caminho para a escola 1.....	35
Figura 5. Caminho para a escola 2	35
Figura 6. Caminho para a escola 3	36
Figura 7. Fachada da Escola Estadual Castro Alves – Dourados/MS.	44
Figura 8. Escola Castro Alves - Corredor das salas de aula e pátio externo	45
Figura 9. Um curumim. Um menino contente!	94
Figura 10. Uma curimim.....	96
Figura 11. <i>Kunhã Poranga</i>	98
Figura 12. O fogo das festas.....	100
Figura 13. Chama/língua de fogo/labareda.....	102
Figura 14. O perfume que o fogo tem.....	104
Figura 15. O fogo que identifica.....	106
Figura 16. Seus rituais.....	108
Figura 17. Fogo e Maracá.....	110
Figura 18. Casa indígena em Dourados.....	112
Figura 19. “Tocas de índio”.....	113
Figura 20. Um homem, sua casa, a natureza e o seu artefato.....	115
Figura 21. Um indígena em Dourados.....	116
Figura 22. Figura indígena.....	118
Figura 23. Só tinha teto... não tinha parede	119
Figura 24. Minha casa.....	121
Figura 25. De mãos dadas.....	122
Figura 26. Oi!	124
Figura 27. “Eles vivem na sociedade como todos os outros”	125
Figura 28. Reunidos na fogueira.....	127
Figura 29. As meninas de vestido.....	128
Figura 30. Imaginar.....	130
Figura 31. Um lugar de morar.....	132
Figura 32. “Isso é uma aldeia”.....	134
Figura 33. Meu lugar.....	136
Figura 34. Lugar de céu de nuvens.....	137
Figura 35. Uma família indígena e seus elementos.....	139
Figura 36. Simbolismos.....	141
Figura 37. “Gosta da cultura”	143
Figura 38. Casa de família.....	144
Figura 39. Vizinhança.....	146
Figura 40. “... vários desenhos”.....	148
Figura 41. Um lugar frutífero.....	150
Figura 42. De mãos dadas com a alegria!!!	151
Figura 43. O vento a soprar.....	153
Figura 44. Oi entre nós!	154
Figura 45. “Oi amigo!”	156
Figura 46. Futebol.....	157
Figura 47. Brincando no quintal.....	159
Figura 48. Tomando um tereré.	160

Figura 49. Soltando pipa.....	162
Figura 50. Uma bicicleta na rua.....	164
Figura 51. Uma carroça.....	165
Figura 52. Uma carroça e uma pessoa.....	167
Figura 53. Uma família na carroça.....	168
Figura 54. Vivendo e vivenciando a cidade.....	170
Figura 55. Caminho.....	171
Figura 56. “Você poderia me dar comida?”	173
Figura 57. “Pode me dar água?”	174
Figura 58. “Você me roubou!”.....	176
Figura 59. A vingança.....	178
Figura 60. Tensão.....	180
Figura 61. Levando seus alimentos.....	182
Figura 62. “KKKK Seu indígena”.....	184
Figura 63. Um homem de chapéu.....	186

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Identificação/Nome.....	45
Quadro 2. Pergunta 1: A respeito da sua origem étnica, você se considera.....	46
Quadro 3. Pergunta 2a: Na sua família tem algum indígena?	47
Quadro 4. Pergunta 2b: Qual é o grau de parentesco?	47
Quadro 5. Pergunta 3a: Você já visitou a Reserva Indígena de Dourados?.....	49
Quadro 6. Pergunta 3b: Se sim, qual foi a sua percepção do lugar? Relate o que viu lá. Se não, como você imagina que seja?	50
Quadro 7. Pergunta 4: Você tem relação de amizade com algum indígena?.....	56
Quadro 8. Pergunta 5a: Você acha que existe diferença entre indígenas e não indígenas?.....	56
Quadro 9. Pergunta 5b: Qual diferença existe entre indígenas e não indígenas.....	57
Quadro 10. Pergunta 6a: Já presenciou algum ato de preconceito contra algum indígena. (se você é indígena, sofreu algum tipo de preconceito)?.....	61
Quadro 11. Pergunta 6b: Qual a sua opinião sobre preconceito e discriminação?.....	61
Quadro 12. Pergunta 7a: Você já fez/participou de alguma atividade na sua vida escolar que abordasse a temática indígena?.....	66
Quadro 13. Pergunta 7b: Em qual disciplina?.....	66
Quadro 14. Pergunta 8: Você já fez/participou de alguma atividade na sua vida escolar que abordasse a temática indígena? Como essa atividade foi realizada? Descreva.....	67
Quadro 15. Pergunta 9a: Você tem vontade de conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas?.....	70
Quadro 16. Pergunta 9b: Você tem vontade de conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas? Justifique sua resposta.	70
Quadro 17. Pergunta 10a: Você acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas de Dourados?.....	75
Quadro 18. Pergunta 10b: Você acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas de Dourados? Se sim, qual seria a melhor forma de abordar o tema na prática?.....	75
Quadro 19. Este espaço fica reservado para que, se assim desejar, você possa deixar sua opinião, relatar alguma situação que você participou ou presenciou ou até mesmo fazer um desenho do que sente sobre a vida dos povos indígenas em Dourados.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1. OS CAMINHOS DA PESQUISA: ENCONTROS IMPULSIONADORES	24
1.1 Relatos e experiências impulsionadores da realização da pesquisa	24
1.2 Conversa com estudantes indígenas	33
1.3 Percepções e análise sobre os relatos dos estudantes.....	36
1.4 Conversa e troca com teóricos.....	37
CAPÍTULO 2. IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA, PERTENCIMENTO E DINÂMICAS DE PODER NA ESCOLA CASTRO ALVES.....	40
2.1 Falas, relatos e opiniões.....	40
2.2 Breve histórico da Escola Castro Alves, de acordo com o PPP atualizado em 2022	43
2.2.2 Caracterização Diagnóstica	44
2.3 Questionários aplicados na E. E. Castro Alves.....	45
2.4 Bairros	45
CAPÍTULO 3. O IMAGÉTICO: AS EXPRESSÕES VISUAIS MATERIALIZANDO A VIDA DA POPULAÇÃO INDÍGENA DE DOURADOS (MS) A PARTIR DO OLHAR DOS ESTUDANTES	89
3.1 Ilustrações representativas: desenhos de como vivem os indígenas na cidade de Dourados/MS.	89
3.2 Corpo	94
3.3 O simbolismo do fogo, da dança e dos rituais como identidade cultural	100
3.4 Casa... Moradia	111
3.4.1 Lugar de moradia indígena no imaginário dos estudantes.....	111
3.5 Trânsito/transporte na reserva, na cidade, andar pela cidade, relações cidade/reserva e o pedir	163
3.6 Cidade, suas relações e tensões	169
CONCLUSÃO.....	188
REFERÊNCIAS.....	196

INTRODUÇÃO

Pensar o espaço da escola vai muito além dos muros que a cercam. Discutir as representações e reproduções identitárias é pensar na produção social dos sujeitos a partir dos lugares em que eles transitam. Este trabalho, portanto, pretende compreender a dinâmica socioespacial vivida nas escolas, quanto aos povos indígenas, sua cultura e importância social, tocando também nas práticas de ensino.

Foram realizados questionários e entrevistas nas quais mais de 230 (duzentos e trinta) alunos foram alcançados para que, através da escrita, fala e desenhos expressassem suas opiniões sobre a convivência entre indígenas e não indígenas¹ na cidade de Dourados/MS., podendo nos aproximar melhor das identificações e diferenciações construídas pelos alunos em relação aos indígenas e desses em relação àquela. Paulo Freire, em suas reflexões, traz a importância da educação na transformação social e, se essa transforma, precisamos questionar como as discussões sobre a temática indígena vêm sendo inseridas na escola e se essa, por sua vez, vem a contribuir na valorização da cultura indígena, na equidade entre os sujeitos, na justiça social, na garantia de direitos e, mais ainda, na não naturalização do preconceito e discriminação de um povo estigmatizado pelo contexto social vivido na cidade de Dourados, reafirmando assim as relações de poder do não indígena sobre o indígena.

O trabalho sobre o tema tornou-se instigante a partir da vivência da pesquisadora com alunos indígenas que estudam em escolas de maioria de alunos não indígenas, quando essa percebeu que, no cotidiano do espaço escolar, alunos da reserva são alvos do preconceito e da discriminação, quando é preciso fazer trabalhos em grupo, quando olhares pejorativos são direcionados a meninas e meninos indígenas ou quando os

¹ O uso aqui com mais frequência de “não indígena” em relação a “branco” se deve, sobretudo, porque a ideia de “branco” não parece dar conta da própria diversidade que participa da classificação “não indígena”. Muitos entrevistados da cidade, como foi o nosso caso aqui em Dourados/MS., eram negros, “pardos” e muitos, muitos outros, dificultando englobá-los no que comumente definimos por “brancos”. Da mesma forma, quando usamos “branco”, essa classificação abarca não apenas pessoas “brancas” de origem europeia, mas todos aqueles que participam da ampla condição de não indígenas.

buchichos são de “Nossa, como cheira fumaça!”, “Olha como os pés dela estão sujos!”, mesmo que a presença dos povos originários seja constante no dia a dia. Portanto, essa convivência não é fleumática, afetando as relações entre o “índio” e o “não índio” e formando processos de identificação e de diferenciação (cf. HALL, 2003) simultaneamente semelhantes e distintos dentro da cidade e também das escolas de Dourados.

Mas, imediatamente já é importante destacar, as falas, ideias e representações de indígenas sobre os não indígenas também são heterogêneas, havendo algumas situações em que as posições de alunos indígenas algumas vezes sejam de negação étnica, mesmo que poucas, inclusive reproduzindo estigmas em relação aos indígenas.

Nesse sentido, a pesquisa procurou compreender e, posteriormente, analisar as respostas dadas por estudantes indígenas e não indígenas de duas escolas: i) Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo, onde conversou somente com alunos e alunas adolescentes indígenas, e na ii) Escola Estadual Castro Alves foram feitos questionários com 10 perguntas e a possibilidade da representação gráfica na última pergunta que era: *“Este espaço fica reservado para que, se assim desejar, você possa deixar sua opinião, relatar alguma situação que você participou ou presenciou ou até mesmo fazer um desenho do que sente sobre a vida dos povos indígenas em Dourados”*. Duas escolas distintas de Dourados/MS., mas que se correlacionam (material e simbolicamente) em um espaço no qual a presença dos indígenas, ao mesmo tempo presente e ausente, isto é, frequentemente no cotidiano da escola, mas ausente nas relações de amizade, reforçam as relações de alteridade discriminatória e preconceituosa em relação a um “outro” ao mesmo tempo tão próximo e tão distante.

No desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa fomos tentando compreender como essa relação se dá com a presença de estudantes indígenas nas escolas, como esses são percebidos, como se relacionam no espaço da escola e como as relações vão se estabelecendo e trazendo com ela problemáticas que, de certa forma, não são percebidas ou são ignoradas pelas instituições de ensino, já que é comum observar que a presença desses alunos algumas vezes é ignorada. Essas abordagens nos levaram a discutir a relação entre alunos indígenas e não indígenas, alunos indígenas e professores e as relações familiares dos estudantes da Reserva Indígena, não esquecendo da questão da identidade e da diferença, que são constantemente produzidas e reproduzidas a partir do olhar e da imagem estabelecida pelos moradores da área urbana da cidade em relação aos moradores da reserva. Essa imagem reproduzida pode ser compreendida dentro do

contexto histórico de processos sociais e políticos de desenvolvimento de processos de identificação e de diferenciação, formando e constituindo assim um território (material e imaterial) com nítidos níveis de pertencimento e exclusão de uma cultura dominante sobre outra dominada.

Antes de mais nada é importante lembrar que as identidades dos alunos foram preservadas para que a pesquisa fosse eticamente conduzida e que os participantes não tenham seus nomes expostos.

Metodologicamente definidos o tema, os recortes espacial de duas escolas da cidade de Dourados, além da experiência e o convívio da pesquisadora como professora em outras escolas onde teve contato com alunos e alunas indígenas e não indígenas da cidade, e temporal (2021 a 2024), concomitantemente, mas principalmente após a leitura de um conjunto referencial teórico e as disciplinas feitas dentro desse período, construímos o instrumental central da pesquisa, que foi um questionário e sua aplicação nos dois espaços definidos: Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo (tivemos uma conversa no pátio da escola com alunos indígenas que ali estudavam) e na Escola Estadual Castro Alves (onde foram aplicados questionários). A escolha se deu de acordo com informações de escolas que tivessem um quantitativo considerável de alunos e alunas que viessem da Reserva Indígena para estudar em escolas urbanas. Tais aspectos eram importantes porque objetivávamos, dentre outros objetivos, a presença e a convivência entre os alunos das diferentes etnias e, assim, verificar se as representações e imagens construídas pela população urbana eram semelhantes também no âmbito escolar.

A abordagem junto a estudantes indígenas na escola Menodora foi fora de entrevistas individuais, com perguntas mais pessoais como: “Você já sentiu algum tipo de preconceito ou dificuldade por ser indígena?” ou “Como e com quem você vem para a escola?”, enquanto na escola Castro Alves os questionários foram aplicados de forma coletiva e direcionadas a todos os alunos no mesmo momento, durante a aula. As perguntas foram mais genéricas como: “Você já visitou a Reserva indígena de Dourados? Se não, como imagina que seja lá?” ou “Você tem relação de amizade com indígenas?” e ainda direcionadas às práticas de ensino “Você já aprendeu sobre a cultura indígena na escola? Em qual disciplina?” além da possibilidade de se expressar através de desenhos, quando se pediu para escrever ou desenhar sobre a condição do indígena na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Sendo assim, experimentamos todos os lados da história pesquisando não apenas os “nós” (não indígenas), mas também o

relato direto com o “outro” (estudantes e indígenas). O “mundo das representações” também deu lugar ao “mundo do outro”, redefinindo, inclusive, nossa condição ética diante e perante os diversos. E, fundamentalmente, os “sujeitos-objetos” passavam à condição de “sujeitos-sujeitos”, isto é, passavam a ocupar o lugar da enunciação, da fala, mostrando-se por si, deslocando o lugar (espacial, político, social e simbólico) do falante e do discurso.

Desse modo, com essa importante fonte em mãos, tanto de escritas, relatos e opiniões pessoais, além dos desenhos feitos pelos estudantes, demos início ao trabalho de análise das falas que foram transcritas e divididas em grupos de respostas semelhantes e a síntese dos grupos. Os desenhos/ilustrações também foram divididas nos seguintes grupos: *Corpo - Fogo, dança e rituais – Lugar de morada, Casa – Lugar, território – Futebol, convivência, brincadeira, lugar de alegria - Trânsito/ transporte na reserva na cidade, andar pela cidade, relações cidade/reserva e o pedir – Cidade, suas relações e tensões*. Fotografamos as ilustrações e, em seguida, fez-se uma pequena descrição dos elementos das imagens; transcrevemos a identificação e as respostas dadas no questionário, pelo autor de cada desenho e, por fim, analisamos o conjunto de desenho, descrição, identificação e respostas em uma espécie de síntese.

Teoricamente, nossas bases de reflexão se assentam sobre um conjunto de referências tanto da Geografia como de outras áreas, que passamos a discutir, mesmo que brevemente, agora. Os conceitos centrais são os de território e lugar, ao nos assegurar de uma dupla dimensão do espaço: a primeira, apontando para as perspectivas material e imaterial (concreta e simbólica); e a segunda, por asseverar que toda relação socioespacial é marcada pelas relações de amizade e, ao mesmo tempo, de poder.

Na geografia, Claude Raffestin (1993) foi um dos primeiros a desenvolver a ideia de espaço-território como relações de poder (com base, sobretudo, nos pressupostos construídos pelo filósofo Michel Foucault). Aponta, dentre outros aspectos, que o território é definido pela correlação de forças que sujeitos, grupos ou classes sociais empreendem em uma dada porção espacial. Mesmo sugerindo uma diferença entre espaço e território, em que aquele seria anterior a este, o mais importante é a compreensão de que todo território é uma produção a partir do trabalho (relações sociais) e, a partir dele, a construção de informações (ideologia) definindo seus pressupostos, “atores” hegemônicos e subalternos, centralidades e periferias etc. Para a condição que aqui procuramos analisar, entendemos que as relações sociais (em suas dimensões amplas – sociais, econômicas, políticas e culturais) em Dourados produzem

territórios que exalam informações explícitas, com sujeitos, grupos e classes transitando entre práticas e concepções territoriais entre o “mais moderno” e o “mais atrasado”, o “trabalhador” e o “não-trabalhador” ou “pouco trabalhador”.

Marcelo Lopes de Souza (2007), por sua vez, discorre sobre a relação espaço e poder, autonomia e desenvolvimento, elementos centrais também para as nossas reflexões. Insiste que as relações de poder – e o espaço – definem os movimentos dos sujeitos, grupos e classes, e que, no modo de produção de capitalista, um conjunto de poderes se movimentam em cada território, desde aquele definido pelo Estado àqueles em aproximação ou em tensão com o primeiro. Independentemente da armação territorial, no entanto, esse conjunto define condições ou situações de autonomia e desenvolvimento, fazendo com que certos sujeitos, grupos ou classes detenham maior autonomia – ou o contrário, heteronomia – e possibilidades de desenvolvimento que outros. Histórica e mesmo cotidianamente, a ação do Estado é também marcada por interesses e práticas específicas, reforçando ou transgredindo relações de poder de sustentação ou de ruptura do *status quo*. Em Dourados, sujeitos, grupos e classes hegemônicos têm no Estado - e também fora dele - as condições de sustentação de uma autonomia e desenvolvimento que têm impedido outras autonomias e outros desenvolvimentos, sobretudo àqueles em luta e resistência pelos povos Guarani, Kaiowá e Terena.

Rogério Haesbaert (1997; 2004) apresenta uma das mais importantes discussões sobre território e territorialidade na geografia brasileira. Em sua tese de doutorado (publicada em livro, em 1997) discorre sobre processos de des-reterritorialização a partir da migração gaúcha para o oeste baiano e para o sul do Piauí e como tais processos redefiniram tanto os lugares (sociais, políticos, econômicos e culturais) dos “gaúchos” (gaúchos, catarinenses e paranaenses) e “bairanos” (moradores mais antigos dos espaços abertos pela expansão da fronteira agrícola moderna em partes dos dois estados nordestinos, a partir dos anos 1970). Em certa medida, já nessas análises aparecia implicitamente a grande discussão que o autor apresentará anos depois, a questão da “multiterritorialidade” (2004), uma crítica radical à ideia que se fazia corrente de que os processos territoriais “pós-modernos” ensejavam desterritorializações irreversíveis. Para o autor, os “novos tempos” apontavam para relações em que sujeitos, grupos e classes, menos que movimentos desterritorializantes, passam a promover e produzir movimentos multiterritoriais, deslocando-se, transitando e movendo-se por múltiplos territórios, inclusive cotidianamente. E, sobretudo, que todo movimento

desterritorializador é, concomitantemente, um movimento também reterritorializador. Em Dourados, tentados e impelidos a seguir uma territorialidade única, imposta e precária, os indígenas se movem em multiterritorialidades cotidianas (sobretudo entre RID e cidade) – mesmo que em territorialidades precárias (MOTA, 2010) – enquanto sujeitos, grupos e classes distintas e hegemônicas tem insistido no movimento de integração drástica à territorialidade “branca”, mas permanecendo ainda em situações precárias de existência. De alguma forma, tais práticas e concepções “convivem” em tensionamento constante na relação entre cidade e RID.

As questões territoriais e/ou de territorialidades – em aproximações ou em distanciamentos – são desdobramentos de processos históricos amplos e densos. Lylia da Silva Guedes Galetti (2000) e José de Souza Martins (1997) oferecem pistas importantes para a compreensão das relações espaciais e das relações temporais. A primeira autora, analisando os processos de expansão “civilizadora” que se desdobraram na formação de Mato Grosso (hoje parte Mato Grosso do Sul), aponta com clareza como foram se estabelecendo relações de distinção entre “civilizados” e “bárbaros”, imprimindo poderes concretos (força, violência, morte...) mas também poderes simbólicos definidores de relações de poder que subjogavam os “nativos” à condição de inferioridade radical. Essas relações – e neste aspecto as aproximações com José de Souza Martins são importantes – se faziam como relações de fronteira, tanto em relação ao território a ser conquistado como em relação aos povos a serem “amansados” e incorporados à lógica da expansão. Tanto para Galetti (que analisa as relações de expansão dos séculos XVII ao XIX) quanto para Martins (que analisa as relações de expansão mais recentes) os movimentos de fronteira foram sempre os de conquista e nunca (ou raramente) de alteridade, isto é, na direção da compreensão e da coexistência “multiterritorial” (para fazer uso da perspectiva de Haesbaert). Em Dourados, especificamente, entendemos que tais processos persistem, apontando para relações de poder (simbólicas, inclusive) e negação dos indígenas como “portadores” de condições e concepções de existência que desviam dos parâmetros dominantes capitalistas, da acumulação e da exclusão.

Outra autora essencial para a discussão desta dissertação é Doreen Massey (2008) que oferece contribuições significativas para o entendimento da globalização e suas implicações espaciais, desafiando a visão de que a globalização homogeneíza o espaço. Em vez disso, ela argumentou que a globalização cria novas formas de desigualdade, conectividade e diversidade espacial, mostrando assim as complexidades

e contradições da globalização. Além disso, pensando no espaço escolar, Massey investigou as interações entre poder, território e lugar, destacando o papel fundamental do espaço na distribuição desigual de recursos e oportunidades. Ela argumentou que as relações de poder moldam a configuração do espaço e influenciam a forma como políticas territoriais podem reforçar ou contestar essas desigualdades.

No contexto atual das relações que se dão nas escolas é fundamental explorar o conceito de multiculturalidade como uma abordagem política que busca reconhecer e representar a diversidade cultural, especialmente em face das lutas de grupos culturalmente marginalizados. A multiculturalidade não pode ser dissociada do contexto da resistência e da busca por justiça social por parte desses grupos. Podemos entender a multiculturalidade como a coexistência de diferentes formas culturais ou grupos caracterizados por suas culturas distintas dentro das sociedades contemporâneas. Essa definição destaca a importância de reconhecer e valorizar as diversas expressões culturais presentes em nossas comunidades, promovendo a inclusão e a igualdade de oportunidades para todos os grupos, independentemente de sua origem cultural (SOUSA SANTOS; NUNES, 2003, p.26).

Com base nos aspectos abordados, tanto dos alunos que vêm da Reserva para a cidade estudar e se deparam com escolas com um público em sua grande maioria de brancos e pardos, que trazem desde a sua infância a imagem estigmatizado do indígena como um ser não digno e inferior a eles, Galetti (2000), que também tem por base as reflexões propostas por Pierre Bourdieu (1999), ressaltando que junto a poderes materiais (econômico, sobretudo) são construídos poderes simbólicos correspondentes. Para Bourdieu, o poder simbólico é aquele que busca assegurar, direta ou sub-repticiamente, uma condição (ideológica, imaginária, representacional...) hegemônica de ideias que legitima uma prática, um movimento, um processo e todo um “desenvolvimento” histórico. O poder simbólico procura sustentar um *modo* de fazer ver para fazer crer, isto é, busca assegurar simbolicamente que práticas de um dado sujeito, de um dado grupo ou de uma dada classe sejam apreendidos como legitimamente corretos, éticos, morais, verdadeiros, legais e em conformidade com as normas – e os “normais” – de um dado sujeito, grupo ou classe, como se fossem de toda a sociedade. O poder simbólico – como o correlato dos poderes materiais – busca assegurar em todas as relações assimétricas a dominação e a exploração como relações “normais” em uma dada sociedade.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) fala em produção social da identidade e da diferença. Essa, por sua vez, é fluida e socialmente construída, influenciada por fatores como classe social, gênero, etnia e cultura. Seus estudos nos fazem pensar diretamente na escola, já que ele aborda a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de identidades, promovendo uma abordagem inclusiva na educação. Silva também analisa como a diferença é mantida por processos de exclusão e opressão, resultantes das estruturas de poder e hierarquias sociais, defendendo a necessidade de práticas pedagógicas que desafiem estereótipos e promovam o diálogo e reflexão sobre questões de identidade e diferença, visando uma educação mais equitativa e emancipatória.

Desse modo, e com esta consideração, “fechamos” nossos rápidos apontamentos teóricos iniciais, sabendo que os grupos étnicos (identitários, culturais, econômicos, políticos etc.) sempre devem ser compreendidos como participantes de trânsitos constantes entre seu grupo (espaço, tempo, relações...) e outros grupos (igualmente outros espaços, tempos e relações...). A contribuição de Fredrick Barth (1998), nesse sentido, é fundamental. O autor, em texto já clássico da antropologia – *Grupos étnicos e suas fronteiras* – assevera que os grupos étnicos não necessariamente dissolvem suas fronteiras ao participarem de relações de ou com outros grupos étnicos. Em casos extremos, grupos étnicos (em condições explícitas de figurações estabelecidos/*outsiders*, por exemplo) tendem a reforçar suas fronteiras e identidades mesmo em relações constantes com outros grupos. Em Dourados, em linhas gerais, nossa compreensão é que as fronteiras entre não-indígenas e indígenas têm se aprofundado historicamente. Mesmo com os constantes trânsitos entre uns e outros em movimentos multiterritoriais, os recentes processos de retomada de territórios indígenas (*tekohas*), sobretudo pelos Guarani e Kaiowá, parecem ter acirrado práticas e representações de tensão entre ambos.

Outro ponto tão importante quanto os outros já explanados é discutido por Silva (2018), que nos faz pensar se, como professores, somos instigados a pensar nos problemas, não só de interculturalidade dentro da rigidez do ensino das diversas disciplinas, mas também, e não menos importante, se professores e instituições escolares estão preparadas para os desafios, de despertada essa interculturalidade, pensando na troca de conhecimentos culturais, para além dos estereótipos que serão trabalhados ao longo deste trabalho e para além de uma data específica - 19 de abril, data dedicada aos povos indígenas na América.

Nesse sentido, como apontamos já anteriormente, aqui apresentamos o resultado de uma pesquisa introdutória sobre o que pensam não indígenas e indígenas sobre as relações que desenvolvem entre ambos (materiais e simbólicas). Dispomos a construção, para tanto, em três capítulos: no primeiro, a exposição com rápidas análises dos resultados construídos a partir da aplicação das entrevistas e vivências de alunos indígenas da Escola Menodora; no segundo, os questionários e análises de falas dadas por alunos da escola Castro Alves e no terceiro momento, a exposição das fotos dos desenhos feitos pelos alunos com rápida descrição de cada um e análise dos mesmos. Pretendemos, por fim, apresentar nas considerações finais uma análise síntese dos resultados alcançados no processo de pesquisa, ressaltando sempre que este trabalho se constitui com uma introdução a um tema complexo tanto para a geografia como às outras áreas que têm se debruçado sobre a problemática questão das relações entre não indígenas e indígenas nas escolas de Dourados/MS.

CAPÍTULO 1

OS CAMINHOS DA PESQUISA: ENCONTROS IMPULSIONADORES

REPRESENTAÇÕES ‘SOBRE’ E ‘DE’ INDÍGENAS EM DOURADOS/MS.: DIFERENTES LUGARES NA PRODUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA

1.1 RELATOS E EXPERIÊNCIAS IMPULSIONADORES DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

É interessante observar como o caminho que percorremos através dos lugares em que vivemos nos influencia e molda, enquanto também deixamos nossas próprias marcas nesses ambientes. Nossas experiências e interações nesses espaços moldam nossa formação social e, conseqüentemente, nossa identidade como sujeitos. Seja na posição de pesquisadores, professores, estudantes, pais ou em qualquer outro papel que desempenhamos na sociedade somos participantes ativos no processo de construção de nós mesmos e dos outros. Nossas ações, escolhas e interações contribuem para moldar as identidades dos indivíduos e da comunidade em que vivemos.

Ao percorrer esse caminho, aprendemos sobre a construção dos sujeitos a partir de suas representações, que podem ser tanto materiais quanto imateriais. As representações materiais se referem aos objetos, edifícios e elementos físicos presentes nos lugares que habitamos, enquanto as representações imateriais incluem crenças, valores, tradições e narrativas que fazem parte da cultura e sociedade em que estamos inseridos. Essas marcas e aprendizados que adquirimos ao longo de nossas vidas formam uma espécie de "jogo" que nos ajuda a compreender a complexidade da construção das identidades individuais e coletivas. Cada experiência vivida, seja ela positiva ou desafiadora, contribui para nossa compreensão do mundo e das pessoas ao nosso redor.

Lembro-me como se fosse hoje a primeira escola onde trabalhei, em 2015, a vontade de fazer a diferença era grande, o orgulho de ter me formado em uma universidade pública de qualidade, Eu, filha de uma das *Carolinas Marias de Jesus* espalhadas por este Brasil, estava ali, pronta, apesar da insegurança que tomava conta do meu estômago, que insistia em manifestar borboletas, enfrentaria umas das missões mais difíceis e belas da minha vida: ser professora. O primeiro - passo como o de muitos que iniciam na profissão - é a substituição, tomar de conta de oito turmas de adolescentes cheios de energia em uma escola pública cheia de desafios, uma recém-chegada no meio do ano causa estranhamento nos colegas de serviço, mas, ainda mais, nos alunos. Mas, como dito antes, o coração estava cheio de vontade de colocar em

prática tudo aquilo que aprendi durante os quatro anos da universidade. Pois bem, tive meses árduos, a experiência faz muita falta no início de profissão, o conteúdo tão cobrado pelos órgãos educacionais e pelos pais ainda não está na ponta da língua e o “controle de sala” sobre o qual os colegas tanto falam – *aquele professor não tem domínio de sala, os alunos ficam numa bagunça* - agora é realidade pra você. É nessa realidade, no primeiro dia de professora substituta, farei um adendo para classificar as categorias de professores que se dividem da seguinte forma: **Concursados:** são um nível alto, podem falar, reclamar, paralisar, têm férias remunerada e ATÉ o direito de ficarem doentes; **Contratados:** esses, à época, chamados pelo diretor e, portanto, “de rabo preso”, estão no nível intermediário, têm o emprego, porém, nas férias, ficam preocupados em como vão pagar as contas, ficarem doentes uma vez ao ano, no máximo, e, se acontece de o pai ou a mãe morrer, têm que trabalhar no outro dia; **Substitutos:** esses são os chamados “Cu de Frango”, e já pelo nome pode-se imaginar que estão em um nível muito abaixo. Caso recorram ao coordenador no decurso da aula para auxiliá-los, são taxados como “insuficientes para o cargo”, portanto, no meu caso específico, teria que “me virar sozinha”. E foi nesse contexto de substituta que, no primeiro dia de aula, rasgaram um mapa da escola que eu tinha levado para a sala de aula, foi também aí que encontrei o M., 12 anos. Ele era, como diziam, “terrível”! Não parava de andar naquela sala de aula quente com dois ventiladores mais barulhentos que os alunos, ele não parava de se “comunicar”, sempre tinha uma gracinha na ponta da língua. Um dia, no auge da minha já falta de paciência, fiz uma pergunta para o M.: – “M., por que você é assim?”- e ele respondeu: –“Por que sou vida loka², professora!”. Faltaram-me palavras. Apenas virei de volta para o quadro para rir escondida. Ele jamais poderia perceber essa minha emoção ou eu estaria perdida; me questionei de onde viria essa loucura toda, foi então que descobri que M. vivia com a avó porque sua mãe tinha o dado para ela criar, a avó responsável legal não vinha à escola como já havia sido solicitada a sua presença para falar sobre a “Vida Loka” de M. na escola, pois não aguentava mais aquele menino de 12 anos, do sexto ano, e queria passar a responsabilidade de M. para uma tia, essa por sua vez não queria enfrentar tamanha responsabilidade e se negava a pegar M. para tomar conta de sua criação. Aí entendi a

² **Vida Loka** é um termo empregado para se referir a um **modelo de vida ostentado nas músicas do Funk** e também por alguns rappers. Viver ao modo vida *loka* é o mesmo que se aventurar sem se ater aos limites e se arriscar diante do perigo, todavia essa prática é comum entre bandidos que não seguem as normas da sociedade e nem respeitam as leis. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br> Acesso em 15/07/2023

imensidão do meu papel social como professora, entendi que as coisas na escola estão para além de seus muros. Foi nessa mesma escola que encontrei G., 16 anos, e se o M. era “Vida Loka” é porque não conheceu o G., no auge dos seus 16 anos, no sexto ano. Esse era “mais na dele”, porém o seu olhar era de defesa e julgamento ao mesmo tempo, não tive muito contato com ele, pois ele faltava em quase todas as aulas e quando vinha era problema na certa. Mas, mesmo com o pouco contato que tínhamos, G. me ameaçou, disse que descobriria facilmente onde eu morava. Ele conseguiu me intimidar, senti que deveria manter distância daquele menino que, assim como M., era cheio de traumas, fruto de um estupro vivendo com a tia e vindo de uma violência e de rejeições, ele dificilmente estaria disposto a propagar no mundo, pelo menos naquele momento de adolescência revoltosa, outra coisa diferente do que ele passava. Poderia eu ter desistido da profissão, e não digo que isso não passou pela minha cabeça já esgotada, porém não desisti, continuei, o entusiasmo, confesso, já não era o mesmo de uma universitária recém-formada, passei por diversas escolas em cada uma com histórias e aprendizados diferentes, o ambiente agora já era de identificação, os cafés com bolacha água e sal e os desabafos de professoras e professores no intervalo já faziam tanto sentido para mim, o intervalo é terapêutico. Até que subi de nível, em 2019 me tornei professora contratada pelo Estado de Mato Grosso do Sul, assumiria em diversas escolas para preencher a carga horária de 32 horas/aula que dá em torno de 1.120 alunos. Olha, não quero focar nas penúrias da vida de um professor que está sempre sobrecarregado, mas... “ôh vida desgastante essa” com tantos afazeres e pouco retorno, principalmente financeiro, e ainda temos que especificar a vida da mulher professora que, no caso, eu me encaixo. Sei que isto não é um diário, mas pelas considerações do meu orientador, me senti à vontade na escrita da vivência, no caso essa vivência me levou ao lugar de mestranda. Voltando ao lugar de mulher professora, muitas são sobrecarregadas com suas diversas funções e eu mulher, professora e mãe solo do Pedro, muitas vezes me senti cansada. Retornando à escola, esse espaço de diversos sujeitos, possivelmente a escola é o lugar de maior diversidade humana, lugar onde se encontra preto, branco, indígena, amarelo, pessoas com deficiências e transtornos diversos e muitas vezes múltiplos, nas suas mais diferentes camadas sociais, e, dentre as escolas escolhidas para atuar, assinei contrato na maior escola de Dourados, localizada no centro da cidade, onde essa multiplicidade era perceptível, apesar de, por ser no centro, estar mais afeita às pessoas de classe média. Pois bem, foi lá que conheci a aluna C. K., 15 anos, indígena, moradora da Aldeia Jaguapiru e estudante do 2º Ano do Ensino Médio, na flor da sua adolescência feminina,

cheia de desafios hormonais, familiares, sentimentais e de relacionamento na escola. Observei que C. K fazia suas tarefas e trabalhos em grupo sozinha, que a turma dela cheia de meninas no padrão de beleza considerável para sua idade, cabelos lisos, peles claras, roupas, perfumes e celulares da moda, as mesmas tinham olhares de nojo para C. K. e ao redor dela se formava um espaço proposital de afastamento, ouviam-se burburinhos de: “Que cheiro de fumaça!”, “Olha a cor do pé dela!” e ali estava eu novamente, como na pesquisa realizada em 2013 e 2014, **IDENTIDADE E ALTERIDADE: REPRESENTAÇÕES SOBRE E DE INDÍGENAS POR MORADORES DA CIDADE DE DOURADOS (MS)** diante da situação da diferença, porém, agora no espaço da escola, dentro daquela sala de aula nitidamente se via uma construção do “*outro*”. Como relações desiguais, um dos elementos do poder simbólico pode ser aquele que sustenta uma divisão social marcada pela condição estabelecidos/*outsiders* (de acordo com Norbert Elias e John L. Scotson, 2000); para os autores, praticamente todas as sociedades constroem relações definindo sujeitos, grupos ou classes (ou mesmo sociedades inteiras) como estabelecidos, no aqui as garotas não indígenas, e outros como *outsiders* nesse caso C. K. Os primeiros são aqueles que apresentam as condições e “requisitos” de uma condição normal, aceita e respeitável socialmente, enquanto os segundos apresentam as condições e “requisitos” de uma condição anormal, inaceitável e socialmente reprovável. Em uma dada sociedade ou em qualquer contexto, podem existir uma ou várias *figurações* estabelecidos/*outsiders*, o que, geograficamente, pode ser pensado que cada escala pressupõe também a possível análise e compreensão de *figuração* ou *figurações* estabelecidos/*outsiders*. Em Dourados parece-nos nítida a construção de pelo menos uma grande *figuração* estabelecidos/*outsiders*, aquela entre não-indígenas e indígenas, em que um conjunto de práticas e representações acabam por definir os *significados* do que é ser um “branco” e do que é ser “índio”, ambos hierarquizados em que o primeiro se encontra no topo e o segundo na base de relações desiguais social, econômica, política e culturalmente.

A reação de C. K. ao vivenciar as situações de diferenciação em sua sala e nos espaços da escola não foi de se aquietar ou se intimidar, ela, como exemplo de seu povo, re(existiu), o afastamento dos colegas não fez com que ela deixasse de interagir com os professores durante as aulas, perguntava quando tinha dúvidas, dava as suas opiniões sobre os mais diversos assuntos e em voz alta. Exponho aqui um trabalho realizado pela C. K onde foi solicitado um trabalho de fotografias sobre o espaço urbano de Dourados. As fotografias apresentadas em audiovisual pela aluna C. K. trazem o olhar do espaço

vivido que está em constante transformação, carregado de representação social, econômica e cultural, como bem pensado por Massey (2008), o espaço como relação-entre, materiais e imateriais que estão em uma dinâmica constantemente efetivada e mostra a realidade da C. K. como moradora da reserva. A mesma faz um comparativo com a atenção que é (e não é) dispensada pelo poder público aos espaços douradenses, provocando uma profunda situação de diferenciação entre os lugares e entre indígenas e não indígenas, como pode-se observar nas figuras que a seguir.

Figura 1. Moradores indígenas da RID



Fonte: C. K. (2019)

Figura 2. Prédio residencial em Dourados



Fonte: C. K. (2019)

Figura 3. Indígenas na carroça e não indígenas na caminhonete



Fonte: C. K. (2019)

Analisando as imagens que compõem o audiovisual, podemos ver na figura 1 que a aluna quis evidenciar as condições de moradias dentro da RID, através da fotografia de uma parte da população moradora da reserva que vive em situação de extrema pobreza. Em primeiro plano a mulher e seus filhos, em segundo plano o barraco de lona; Já na figura 2 C.K fotografou o prédio residencial que fica atrás da escola onde ela estuda, no centro de Dourados. Nas figuras 3 a aluna faz uma comparação relativa aos meios de transporte utilizados em Dourados. Na figura 3 a carroça puxada pelo cavalo, geralmente com crianças em cima, imagem muito comum de se ver nas ruas da cidade, mesmo na atualidade, não menos comum é a quantidade de caminhonetes que circulam pela cidade, símbolo do agronegócio, principal fonte econômica Dourados. Esse tipo de veículo (caminhonete) traz consigo representações culturais e de poder simbólico, para Bourdieu, o poder simbólico é aquele que busca assegurar, direta ou sub-repticiamente, uma condição (ideológica, imaginária, representacional...) hegemônica de ideias que legitima uma prática, um movimento, um processo e todo um “desenvolvimento” histórico.

A importância de C. K para essa pesquisa é grande, foi a partir dessa vivência como professora que me atravessou tanto quanto M. e G., foi que surgiu a vontade de encontrar tantas outras e outros “C. Ks” que, em diversas escolas de Dourados, passam pelo processo de diferenciação e de encontro e desencontros de identidade e alteridade no ambiente escolar. Carlos Rodrigues Brandão (1986), Stuart Hall (2003) e Antonio Sousa Ribeiro (2005) são autores que discutem densamente as relações que são construídas – e seus desdobramentos – entre identidade e alteridade. Em uma grande síntese, podemos salientar que identidades e alteridades se projetam sobre relações

“étnicas” próximas ou distantes, repercutindo radicalmente em práticas e representações que envolvem um “eu-nós” e um “ele-outros”. Processos de imposição ou tensão identitária são, quase sempre, contrapostos com processos de resistência (explícitos e/ou implícitos), pois isso, mais que condições estas de identidade e alteridade, o que se constituem são *processos de identificação*, sempre concomitantes a *processos de diferenciação* (cf. análises, sobretudo, de Hall). Tais processos também se formam como *processos de fronteira*, em que questões materiais e imateriais, éticas e estéticas estão em curso. Em Dourados, parece-nos explícito os processos de identificação e diferenciação, sobretudo, ressaltamos novamente, entre não indígenas e indígenas. Assim como nos dois bairros pesquisados na Iniciação Científica e monografia o processo da presença de indígenas nos espaços de maioria não indígena vem carregado de preconceito, discriminação e dificuldade da instituição em lidar com a situação no dia a dia da escola. Isso instigou uma nova pesquisa, agora em nível de mestrado.

Ao refletir sobre nossa jornada através dos lugares que habitamos, podemos nos tornar mais conscientes de como somos afetados pelas condições sociais, econômicas e culturais do ambiente em que estamos inseridos. Essa consciência pode nos ajudar a desenvolver uma compreensão mais profunda dos sujeitos com quem interagimos e, assim, sermos construtores mais responsáveis. A expressão *"Diferentes lugares na produção social da identidade e da diferença"* explora como essas representações são construídas e influenciadas em diversos contextos sociais, institucionais e culturais. Para entender melhor o tema proposto, é provável que a pesquisa aborde questões como:

Representações sociais: Como as diferentes camadas da sociedade em Dourados percebem e representam os povos indígenas? Quais estereótipos, preconceitos ou visões distorcidas podem ser identificados nas representações desses grupos?

Identidade indígena: Como os próprios indígenas em Dourados se veem e constroem suas identidades em relação à sociedade envolvente? Quais elementos culturais e históricos são valorizados e mantidos como parte de sua identidade?

Diversidade de perspectivas: Como as representações sobre indígenas variam entre diferentes contextos, como na mídia, na educação, nos meios políticos e em outras instituições sociais? Existem pontos de convergência ou divergência nessas representações?

Produção de diferença: Como essas representações contribuem para a produção de diferenças e desigualdades entre os povos indígenas e outros grupos na sociedade de Dourados?

Relações sociais: Como essas representações influenciam as relações e interações entre os indígenas e os não indígenas em Dourados? Quais são os efeitos

dessas representações nas políticas públicas, na participação cívica e na inclusão social dos povos indígenas? As questões apresentadas são inquietações que nos move na busca não de respondê-las integralmente, mas tocá-las de forma a provocar reflexões sobre a atual configuração socioespacial que se apresenta nas escolas.

O subtítulo *Representações sobre e de indígenas em Dourados (MS): Diferentes lugares na produção social da identidade e da diferença* pretende trazer a pesquisa realizada em 2013 e 2014 intitulada **IDENTIDADE E ALTERIDADE: REPRESENTAÇÕES SOBRE E DE INDÍGENAS POR MORADORES DA CIDADE DE DOURADOS (MS)** que examina as representações e percepções sobre os povos indígenas na cidade de Dourados, no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, mais especificamente em dois bairros: Terra Roxa e Parque Alvorada, além da Reserva Indígena de Dourados (RID), onde foram realizadas 30 entrevistas em cada bairro, entre seus moradores. A pesquisa anterior foi extremamente necessária aqui para analisarmos agora as falas dos alunos indígenas que estudam em escolas não indígenas na cidade de Dourados e como é a vivência desses em uma escola majoritariamente de alunos não indígenas que trazem da instituição familiar suas próprias reproduções, essas que acabam se externando na instituição escolar e na relação entre os alunos, estabelecendo a diferença e a produção do "Outro". Além disso, o estudo sobre a vivência dos alunos indígenas que frequentam escolas não indígenas em Dourados é de fundamental importância para entender a dinâmica da educação intercultural na região. A pesquisa explora como esses alunos lidam com suas identidades culturais em um ambiente com grande parte não indígena e como as representações sobre os povos indígenas podem influenciar nas relações entre eles e seus colegas não indígenas. A análise das reproduções trazidas pelas famílias dos alunos não indígenas para a instituição escolar também é um aspecto significativo. Entender como as percepções e estereótipos enraizados podem se manifestar no contexto escolar é essencial para a promoção de uma educação inclusiva e respeitosa.

Ao abordar a produção do "Outro", a pesquisa pode investigar como a diferença é estabelecida entre os alunos indígenas e não indígenas e como isso afeta suas interações e experiências escolares. Isso pode ajudar a identificar possíveis barreiras à integração e convivência entre os diferentes grupos, fornecendo uma base sólida para a implementação de medidas que promovam o diálogo, a compreensão mútua e o respeito cultural nas escolas. Tentando preservar a identidade dos participantes e da escola que

nos acolheu como pesquisadores, a escola será definida com número e os alunos com nomes fictícios.

É essencial que pesquisas sobre representações sociais, identidade e diferença sejam conduzidas com sensibilidade cultural e respeito pelos povos indígenas, envolvendo-os em todo o processo de pesquisa e garantindo que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. Esse tipo de trabalho acadêmico pode contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais em Dourados e promover um diálogo mais aberto e inclusivo entre diferentes grupos na sociedade.

Na semana dos povos indígena, durante o CIECULTT do ano de 2021, a pesquisadora Marcivâna Sateré, que é integrante da Coordenação das Organizações dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno (Copime), destacou que a interpretação daquele que não é indígena sobre costumes e cultura indígena torna muito difícil a concretização da autonomia dos povos indígenas e como a mal interpretação das leis podem muitas vezes tirar muitos direitos assegurados aos povos originários, inclusive a de formar e capacitar lideranças para que essas ocupem os espaços. Deu destaque também à importância das instituições numa construção de sociedade justa e igualitária.

Partindo da premissa das instituições, principalmente aqui a instituição escolar, questiona-se: A forma que as ações são propostas e executadas dentro da escola é realmente não discriminatória?

A própria história indígena que é reproduzida nas escolas, foi contada por não indígena, tendo por isso, ainda hoje, uma visão colonial folclórica sobre os povos originários. Alguns educadores relembram essa história apresentada nos livros didáticos apenas no mês de abril não promovendo a valorização da cultura nas práticas diárias, fazendo com que a identidade reproduzida por não indígenas se torne uma verdade. Essa visão folclórica e estigmatizada torna a cultura e o indígena estática, geralmente apresentado de forma linguística no passado – caçavam, pescavam, coletavam, plantavam - como se o processo temporal não tivesse acontecido e apresenta a pessoa indígena como aquela que vive até hoje da caça, pesca e artesanato, sem considerar os espaços que muitos indígenas ocupam na atualidade (médicos, advogados, legisladores, trabalhadores assalariados etc.) dentre tantas outras funções ocupadas, ignorando as mais de 305 diferentes existentes no território brasileiro.

Qual é a melhor forma de os educadores levarem a história e a cultura indígena para a sala de aula, fugindo dos estereótipos enraizados há anos? A professora de história Beatriz Landa, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, em suas falas

destaca a importância de se criar metodologias baseadas na troca de experiências entre as culturas, e que a sala de aula urbana insiste ainda nas falas folclóricas, excluindo a realidade das comunidades indígenas da cidade de Dourados.

1.2 CONVERSA COM ESTUDANTES INDÍGENAS

Para além do método utilizado nas escolas da cidade onde a grande maioria dos alunos não são indígenas, está a forma de acolhimento do aluno advindo das reservas. A procura de outras e outros C. Ks presentes nas escolas da cidade de Dourados, encontramos e conversamos com quatro estudantes indígenas que contribuíram com a pesquisa a partir dos seus relatos. Alguns alunos indígenas da E. E. Menodora Fialho de Figueiredo, localizada temporariamente na rua Hayel Bon Faker, nos revela algumas situações vividas por esses estudantes em escolas de maioria não indígena. Devemos pontuar que as audições foram feitas no final de novembro de 2021, portanto, estavam em pré-férias e em período de provas e exames finais, o que dificultou um pouco essa fase da pesquisa, pois os estudantes não estavam com tempo hábil para as conversas. Os nomes são fictícios para preservar a privacidade dos estudantes.

A. P., 15 anos, da etnia Guarani, moradora da aldeia Jaguapiru, aluna do primeiro ano do ensino médio, relata que estudava na escola Francisco Meireles e que tem dificuldade de chegar à escola principalmente em dias de chuva e de realizar tarefas escolares, diz também ter poucos amigos na escola: *“Tenho uns 4 amigos aqui, que são parentes, primos e irmãos”*. V., 15 anos, aluna do 2º A, moradora também da Jaguapiru, onde mora com a tia materna, primos e tios. É da etnia Guarani, advinda da escola Francisco Meireles, disse ter vindo estudar na escola da cidade por apoio da família por pensar que o ensino das escolas da cidade ser mais avançado, disse que muitas vezes vem a pé para a escola que fica a cerca de 5 Km da sua casa, sente muitas dificuldades nos estudos. *“Quando chego em casa é só problema, tenho muitos problemas em casa, ninguém imagina o que eu passo na minha casa”*- a aluna relatou que sua mãe foi morta pelo padrasto na sua frente, quando a mesma tinha apenas 4 anos e que sua tia pegou ela para cuidar. V. diz não se sentir excluída por sua turma e tem três amigas com as quais faz trabalho em grupo. Alguns professores da estudante relataram sua dificuldade em absorver os conteúdos: *“Ela é muito fraca, passou o ano passado empurrada, pois não tinha condições de vir pro segundo ano, ela não compreende nada que é ensinado”*. Diante dessa fala pode ser levantada, mais uma vez, a dificuldade do corpo pedagógico

em receber alunos indígenas e como a reprodução colonial pode afetar as relações dentro da escola.

Já o aluno V. H. de S. P., 3º ano A do ensino médio, 17 anos, morador de uma área de retomada, geralmente vem para a escola de moto com o pai, veio da Escola Francisco Meireles, mora com a mãe, o pai - que trabalha como enfermeiro dentro da aldeia Jaguapiru - e sua irmã; os pais optaram por trazer o filho para estudar na cidade por pensar que o ensino é melhor e que por vivermos em sua sociedade onde a cultura do branco predomina sobre a indígena, ele precisa do contato e da vivência com não indígenas, V. H. reclama da falta de estrutura dentro da Reserva. Em relação à escola, diz ter sentido preconceito e reclama da forma como é abordado pelos professores: *“Sinto mais quanto aos professores, acho muito inconveniente a forma que me perguntam diante dos outros alunos, [‘Por que vocês se casam cedo? O que vocês comem’]; relata ainda ter sido complicado se adaptar no início, mas que o apoio dos pais foi fundamental”*.

Outra aluna entrevistada foi F. de S., 15 anos, aluna do 1º ano B, estudava antes na Escola Estadual Castro Alves e reprovou, por isso a mãe resolveu trocá-la, vem até a escola de bicicleta sempre junto com a mãe que trabalha em um restaurante da cidade, disse ter bastante amigos na escola, que quando tem dúvidas não pergunta, mas que geralmente a professora percebe, diz também ter muita vergonha quando tem que apresentar seminário, mas que os colegas a apoiam, no sábado faz curso de inglês na escola de línguas *Enjoy* e sonha em fazer medicina veterinária.

Figura 4. Caminho para a escola 1



Fonte: F. S. (2022)

Figura 5. Caminho para a escola 2



Fonte: F. S. (2022)

Figura 6. Caminho para a escola 3

Fonte: F. S. (2022)

1.3 PERCEPÇÕES E ANÁLISE SOBRE OS RELATOS DOS ESTUDANTES

Esta etapa da pesquisa revelou-se extremamente delicada. Inicialmente, como mencionado anteriormente, ocorreu durante um período do ano letivo que não se mostrou propício para realizar conversas mais tranquilas e abertas. Além disso, a abordagem aos estudantes também merece atenção: “- *Alunos que são indígenas venham aqui pois tem uma pesquisadora da UFGD para fazer algumas perguntas para vocês*”. Evidencia a persistente presença de diferenciações sociais arraigadas. Isso nos lembra que até mesmo nós, enquanto representantes de instituições de ensino, podemos incorrer nessa reprodução de alteridade. Apesar disso a experiência e as falas desses alunos não deixaram de ser importantes para a pesquisa, muito pelo contrário, reforçou ainda mais a importância de ouvir esses estudantes advindos da reserva e das retomadas da cidade de Dourados. Ao analisarmos cada aluno indígena e seus depoimentos percebemos que estão na flor de suas adolescências e, se para um jovem de aproximadamente 16 anos os conflitos estão presentes diariamente, para jovens indígenas as questões vão muito além do emocional, vai da luta pela aceitação por parte dos colegas e professores, da discriminação contra o seu povo, do encontro com sua etnia, dos problemas sociais estruturais e da falta de atenção com seus lugares de moradia, além de sua locomoção até a escola.

As experiências vividas por alunos indígenas na escola, apresentadas no texto, revela desafios significativos relacionados à inclusão, respeito à cultura indígena e formação dos educadores. A reprodução de estereótipos enraizados ao longo dos anos tem um impacto negativo na forma como a história e a cultura indígena são ensinadas nas escolas. Para promover uma abordagem mais justa e inclusiva, os educadores precisam se esforçar para superar esses estereótipos e utilizar metodologias que valorizem e respeitem a cultura indígena.

1.4 CONVERSAS E TROCAS COM OS TEÓRICOS

O principal objetivo do trabalho foi investigar as dinâmicas das relações no ambiente escolar. Inicialmente, partimos de experiências pessoais que despertaram nosso interesse em explorar esse tema. Como profissionais da educação, temos a oportunidade de observar de perto essas relações, embora essa observação muitas vezes se restrinja apenas ao que é visível. No entanto, a inquietação diante das problemáticas enfrentadas no cotidiano escolar, especialmente em relação à diferenciação, ao distanciamento e à discriminação, baseados na etnia de um grupo específico, nos atravessou, então demos início a essa trajetória para assim compreendermos como se dão essas relações. Os registros de Pierre Bourdieu quando trata de conceitos como *habitus*, campo e capital cultural, nos ajuda a entender as dinâmicas sociais presentes na escola, incluindo a forma como a etnia pode influenciar o acesso aos recursos e oportunidades educacionais. Podemos ir além com Tomaz Tadeu da Silva (2000) por meio dos seus estudos culturais valiosos sobre como as identidades são construídas e como as relações de poder se manifestam no contexto educacional. Suas abordagens nos permitem pensar sobre como a etnia e outras características influenciam nas interações dentro da escola.

Ainda podemos concluir que a jornada através dos lugares que habitamos revela a complexidade das interações sociais e a maneira como somos moldados por esses ambientes ao mesmo tempo em que deixamos nossas próprias marcas neles. Ao longo da vida, nossas experiências e interações contribuem para a formação de nossa identidade individual e coletiva, influenciando e sendo influenciados pelas representações materiais e imateriais presentes nos lugares em que vivemos. Haesbaert (2017) em *Lugares que fazem a diferença: Encontros com Doreen Massey*, aprecia a amizade refletindo sobre as inspirações que a trajetória intelectual de Doreen nos proporciona em diferentes momentos, reforçando que a nossa jornada é enriquecedora,

entrelaçada por diversos contextos, que nos convida a considerar nosso papel no espaço, na formação da diversidade e da complexidade. Ao mesclar considerações pessoais sobre sua relação afetiva com Doreen e reflexões sobre a influência do espaço na construção da diferença e da multiplicidade, reconheço o quanto esse aspecto permeou nossos trabalhos, abrindo caminhos para diálogos que transcendem as fronteiras do acadêmico.

A narrativa apresentada nos leva a refletir sobre o papel fundamental da educação na construção e desconstrução de estereótipos, preconceitos e desigualdades sociais. A escola, como espaço de convivência diversificado, é cenário de encontros e desencontros de identidades e alteridades. A pesquisa realizada em escolas de Dourados/MS., evidencia a importância de se compreender as representações sociais sobre os povos indígenas e como estas influenciam nas relações sociais dentro do ambiente escolar e de como a educação desempenha um papel como agente tanto na construção quanto na desconstrução de estereótipos, preconceitos e desigualdades sociais. Especificamente, destaca-se a escola como um espaço multifacetado onde ocorrem interações complexas entre diferentes identidades e alteridades, ilustra a relevância de compreender as representações sociais em relação aos povos indígenas e seu impacto nas dinâmicas sociais dentro do contexto não só escolar, mas social e familiar igualmente. Autores como Paulo Freire (1993) e Stuart Hall (2003) argumentam que a educação deve promover uma consciência crítica das estruturas de poder e das narrativas dominantes que perpetuam a marginalização e a exclusão de certos grupos sociais. Sendo assim, a educação desempenha um papel fundamental na promoção do reconhecimento mútuo entre diferentes grupos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática.

A partir dos relatos de alunos indígenas, percebemos as dificuldades enfrentadas por eles ao buscarem acesso à educação em escolas não indígenas. Questões como distância geográfica, falta de estrutura e preconceitos - tanto dos colegas quanto dos professores - se apresentam como obstáculos a serem superados. No entanto, também encontramos exemplos de resiliência e superação, como a busca pelo conhecimento e a valorização da própria cultura. Ou seja, os relatos dos alunos indígenas evidenciam as barreiras significativas que enfrentam ao tentar acessar a educação em escolas não indígenas. Essas questões relacionadas à marginalização, colonialismo e resistência cultural são temas discutidos amplamente por Frantz Fanon (1952), em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, e Homi Bhabha (1998) conversa sobre o colonialismo na construção

das identidades e nas dinâmicas de poder. Fanon, por exemplo, discute as formas como a colonização impacta a psique dos colonizados, gerando sentimentos de inferioridade e alienação. Bhabha, por sua vez, aborda o conceito de "espaço liminar", onde as identidades são contestadas e redefinidas, e que pode ser aplicado às experiências de alunos indígenas em escolas não indígenas.

Nesse contexto, os relatos de resiliência e superação dos alunos indígenas também podem ser compreendidos à luz da teoria da resistência cultural. Essa teoria, desenvolvida por autores como James Scott e Stuart Hall, destaca as formas pelas quais grupos ditos como "*outros*" resistem às imposições culturais dominantes e afirmam suas identidades e valores próprios, muitas vezes através de práticas de educação tradicionais e da valorização de sua cultura.

A pesquisa em questão abre caminho para uma reflexão mais profunda sobre as relações entre identidade, alteridade e educação, destacando a importância do diálogo intercultural e do respeito mútuo na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao final, o que se evidencia é a necessidade de um compromisso coletivo na promoção da diversidade e no combate às desigualdades, especialmente no ambiente escolar.

CAPÍTULO 2

IDENTIFICAÇÃO ÉTNICA, PERTENCIMENTO E DINÂMICAS DE PODER NA ESCOLA CASTRO ALVES

As discussões abordadas no Capítulo 2 giraram em torno das questões relacionadas à identificação étnica, pertencimento e as dinâmicas de poder que influenciam essas interações entre estudantes indígenas e não indígenas da escola Castro Alves.

2.1 FALAS, RELATOS E OPINIÕES

Começamos com as características gerais da Escola Castro Alves, onde foram realizados os questionários para alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos, do período vespertino. Realizamos os questionários para as turmas no geral, ou seja, alunos indígenas e não indígenas. As perguntas eram iguais para todos os alunos e foram realizadas no mesmo momento para todos. Essa é uma maneira de evitar quaisquer diferenciações por parte da pesquisa. A escola tem um público heterogêneo, com alunos de diversos bairros e alunos moradores da Reserva Indígena de Dourados e a diversidade socioeconômica também é visível apesar de ser uma escola quase central.

As discussões apresentadas neste capítulo objetivaram a identificação étnica, o pertencimento e as dinâmicas de poder que influenciam as relações entre os estudantes indígenas e não indígenas da supracitada escola. Perguntas como: “**A respeito da sua origem étnica, você se considera?**”, “**Na sua família tem algum indígena? Qual é o grau de parentesco?**”, grande parte dos alunos se identifica como sendo branco e a maior parte deles nega ter qualquer tipo de parentesco com indígenas. O que nos surpreendeu é que em quase todas as turmas participantes da pesquisa tenha alunos com fenótipo característico indígena, por ser uma das escolas mais próximas da RID, e essa é uma das escolas que mais recebe alunos indígenas, concluímos, assim, que há a negação da identidade cultural.

A construção social da identidade é discutida por Berger e Luckmann (MOREIRA, 2022), que destacam que a identidade de um indivíduo não é fixa, mas sim construída socialmente por meio de interações e experiências compartilhadas através de fatores sociais, históricos e culturais e influenciam como as pessoas se identificam e são identificadas pelos outros. Já Stuart Hall (2003) e Michael Omi e Howard Winant

(2020) defendem que as identidades étnicas e raciais são moldadas por fatores históricos, políticos e econômicos e como essas identidades podem ser contestadas ou reivindicadas pelos próprios indivíduos. O não se identificar ou ter vergonha de se auto declarar indígena ou negro ou que mora na RID perto dos colegas é uma constatação triste da nossa pesquisa.

Ainda sobre pertencimento, os mecanismos pelos quais os indivíduos se identificam ou são identificados como membros de determinados grupos sociais, Zygmunt Bauman e Judith Butler (1993) discutem como o pertencimento pode ser construído, contestado ou excluído e como esses processos podem afetar a identidade e o bem-estar dos indivíduos. A negociação da identidade acaba sendo algo presente, principalmente entre adolescentes na cidade de Dourados e, conforme Solange Silva (2018), esse conceito se refere aos processos pelos quais os indivíduos negociam e redefinem suas identidades em resposta a pressões sociais, culturais e políticas. O cientista social Erving Goffman (2007) discute como as identidades são construídas e adaptadas em diferentes contextos sociais e como os indivíduos podem negociar suas identidades para se encaixarem em determinados grupos.

Por meio da análise das falas foi possível compreender como esses conceitos se manifestam nas relações cotidianas, políticas e sociais entre os dois grupos em um contexto socioeconômico extremamente sensível. Ao aplicar esses fundamentos teóricos à análise dos resultados apresentados no capítulo 2, é possível entender melhor como a negação da identidade cultural entre os alunos da escola Castro Alves se enquadra nessas dinâmicas mais amplas de poder, pertencimento e construção social da identidade étnica.

Outra pergunta feita para os alunos foi se tinham relação de amizade com indígena e mais da metade dos participantes respondeu que tem amigos indígenas. Isso mostra a importância do contato entre culturas diferentes, onde a aprendizagem é extracurricular e social e a identificação na formação de relacionamentos interétnicos e no desenvolvimento de atitudes mais inclusivas e tolerantes. Essa teoria, associada a Albert Bandura (2008), sugere que as pessoas aprendem através da observação e imitação de modelos sociais. Se os alunos observarem outros colegas estabelecendo amizades com indígenas, eles podem ser influenciados a fazer o mesmo, especialmente se essas amizades forem percebidas como positivas e gratificantes.

Quando perguntados se há diferença entre indígenas e não indígenas, e aqui chegamos no ponto principal da nossa pesquisa, pois detecta se os alunos colocam os

indígenas da cidade de Dourados como “*outro*”, obtivemos um resultado inesperado, já que vemos a população indígena ser constantemente marginalizada pelos não indígenas moradores da cidade. A maior parte deles compreende que a maior diferença está relacionada à cultura, além dos que não enxergam qualquer tipo de diferença e expressam igualdade com respostas como: “Somos todos humanos”. No entanto, a relação entre indígenas e não indígenas é marcada por uma série de dinâmicas complexas que envolvem questões de identidade e alteridade. A identidade refere-se à maneira como os indivíduos e grupos se veem e são vistos, enquanto a alteridade diz respeito à forma como percebemos e nos relacionamos com o “outro”, aquele que é diferente de nós. Neste contexto, indígenas e não indígenas muitas vezes se veem como “outros”, o que pode levar a conflitos, estereótipos e marginalização. Colman (2007) discute sobre a representação social dos Guarani Kaiowá e, no caso da pesquisa, os alunos constroem uma representação social dos indígenas que enfatiza sua humanidade compartilhada em contraste com as narrativas de marginalização prevalentes na sociedade.

Outro ponto que foi discutido é sobre o processo colonial, cujo genocídio e a marginalização sistemática dos povos indígenas tiveram um impacto duradouro em suas identidades e relações com o Estado e a sociedade envolvente. As questões de colonialismo são amplamente discutidas por Aníbal Quijano (2005) que nos esclarece como as estruturas de poder estabelecidas durante o período colonial continuam a moldar as relações sociais, políticas e econômicas no mundo contemporâneo. A colonialidade do poder perpetua relações de dominação e exploração, resultando na marginalização contínua dos povos indígenas e na perda de suas terras e recursos. Além dele, Levi (2020) também trata da marginalização do povo Guarani Kaiowá a partir da expropriação de seus territórios. Muitas vezes também o genocídio cultural se torna parte de uma estratégia para eliminar a identidade coletiva desse grupo. O genocídio cultural é uma consequência direta do colonialismo e é evidente na proibição de línguas, práticas religiosas e costumes tradicionais dos povos indígenas, levando à perda de conhecimento e identidade cultural. Essas estruturas de poder perpetuam desigualdades sociais, econômicas e políticas, reforçando a marginalização dos povos indígenas e a perda de suas terras e recursos na cidade de Dourados.

Insistindo ainda nas falas preconceituosas que foram expressas pelos alunos sobre os povos indígenas, podemos observar que são falas reproduzidas, ou seja, os pensamentos, estigmas e preconceito são passados no seio familiar e constantemente

reproduzido no dia a dia da população não indígena douradense. “Hoje (06/06/23) um indígena tocou a campainha da minha casa e meu pai mandou ele tomar no cu”. No caso mencionado, a fala preconceituosa do pai pode ser um exemplo de aprendizagem social, quando os filhos observam e imitam o comportamento dos pais, especialmente quando esse comportamento é reforçado por meio da aceitação social ou da ausência de consequências negativas. Pierre Bourdieu afirma que as estruturas sociais e culturais são reproduzidas ao longo do tempo através de práticas cotidianas e interações sociais, ou seja, a reprodução da fala preconceituosa do pai sobre os indígenas pode ser vista como parte de um processo mais amplo de reprodução cultural no qual as atitudes e valores dominantes são reiterados e legitimados.

A relação entre identidade e alteridade entre indígenas e não indígenas é um campo complexo e multifacetado que envolve questões de poder, pertencimento e respeito mútuo. Para construir relações mais igualitárias e inclusivas é necessário reconhecer e valorizar a diversidade cultural, promover o diálogo intercultural e enfrentar as estruturas de poder que perpetuam a marginalização dos povos indígenas. Na escola, podemos trabalhar em direção a sociedades mais justas, onde todas as identidades são respeitadas e valorizadas.

2.2 BREVE HISTÓRICO DA ESCOLA CASTRO ALVES, DE ACORDO COM O PPP ATUALIZADO EM 2022

A criação da Escola Estadual Castro Alves ocorreu devido a constantes solicitações feitas pela comunidade e autoridades douradenses ao governador Pedro Pedrossiam que, atendendo aos pedidos autorizou a construção do prédio para o funcionamento da mesma. A escola foi criada pelo Decreto nº 19, de 08 de março de 1966. A cerimônia de inauguração realizou-se no dia 09 de março de 1966, com a presença do prefeito João Candido Câmara e do Sr. Weimar Gonçalves Torres, que entregou as chaves do prédio.

A mesma está situada na Rua Ciro Melo, nº 1483, e faz esquina com a Rua Presidente Vargas, no Jardim Central. Está a uma distância aproximada de 6,5 km da RID, o que dá 24 minutos de bicicleta e 1h19min a pé.

2.2.2 Caracterização Diagnóstica

A Escola Estadual Castro Alves localiza-se próximo ao Hospital do Coração, do Corpo de Bombeiros e é rodeada por consultórios médicos, salões de cabeleireiros e lanchonetes.

Com base no Indicador de Nível socioeconômico (INSE) é possível afirmar que a clientela da escola tem padrão socioeconômico médio, em sua maioria com casa própria, e seu país possuem nível superior, com salários relevantes, e geralmente trabalham nas proximidades como funcionários públicos ou comerciantes. Os alunos já estudam na escola na média de 2 anos, utilizam internet como principal meio de comunicação e visitam *shopping*, clubes, parques e igrejas como opção de lazer.

Atualmente estão matriculados 682 estudantes distribuídos em 26 turmas, sendo 13 no período matutino e 13 no período vespertino. Possui 84 professores e 28 funcionários administrativos.

Recentemente a escola passou por uma reforma, o que melhorou significativamente sua estrutura física.

Figura 7. Fachada da Escola Estadual Castro Alves – Dourados/MS.



Fonte: Google (Acesso em 07/08/2023)

Figura 8. Escola Castro Alves - Corredor das salas de aula e pátio externo



Fonte: Google (Acesso em 07/08/2023)

2.3 QUESTIONÁRIOS APLICADOS NA E. E. CASTRO ALVES

Os questionários foram aplicados nos três 6^{os}, 7^{os}, 8^{os} e 9^{os} anos do vespertino, com estudantes na faixa etária entre 10 e 17 anos. Foi feita a apresentação da pesquisadora aos alunos pela professora regente. A pesquisadora apresentou o questionário aos alunos e fez a leitura juntamente a eles, que a realizaram individualmente, em suas carteiras. No total 230 alunos responderam à pesquisa, sendo 118 das turmas dos sextos e sétimos anos e 112 das turmas dos oitavos e nonos anos. Devido à fase dos alunos ser superior à dos 6^{os} e 7^{os} anos, em conversa com a professora regente da turma, o questionário teve algumas alterações nas perguntas em relação aos 8^{os} e 9^{os} anos.

Quadro 1. Identificação/Nome:

Não se identificaram	78 alunos
Se identificaram com o nome	152 alunos

2.4 BAIRROS

Os bairros foram diversos, somando 71 bairros diferentes, além dos alunos que não sabiam o nome do bairro em que moravam. Foram citados: Vila Rosa (7), Monte Carlo (5), 3^o Plano (4), Cidade Jardim (2), Aldeia Jaguapiru (9), Kairós 2 (1), 4^o Plano (2), Jd. Novo Horizonte (13), Jd. Água Boa (9), Parque Alvorada (9), Campo Dourado (2), 2^o Plano (4), Parque do Lago 2 (3), Jd. Raslem (1), Moradas Dourados (3) Jd.

Tropical (2), Bonanza (2), Coab II (3), Vila Toscana (4), Flor de Lis (3), Vila Esperança (1) Altos do Indaiá (2), Ouro Verde (1), Vila Industrial (1), Jd. Paulista (6), Jd. Clímax (2), Guaicurus (2), Flórida 2 (2), Centro (3), Parque das Nações (1), Porto Belo (1), Jardim América (2), Santa Brígida (2), Piratininga (1), Canaã I (3), Cachoeirinha (4), Jd. das Primaveras (3), Jd. Guanabara (1), Canaã III (4), Roma II (1), Vila Matos (1), Jardim Pantanal (1), Vila Adelina Rigotti (1), Vila Aurora (1), Jequitibás (1), Maracanã (1), Bairro Santa Rita (1), Laranja Doce (1), Vila Arapongas (1), Jardim Mônaco (1), BNH 1º Plano (2), Jardim Europa (2), Jardim Monte Alegre (3), Jardim Eucalipto (1), Vila Santa Catarina (1), Vila Araci (1), Jardim Colibri (1), Vila Planalto (4), Monte Líbano (1), Esplanada (4), Vila Hilda (1), João Paulo II (1), Jd. independência (1), Jd. Itália (1), Parque dos Coqueiros (1), Santa Maria (1), Hectares (1), Vila Adelina (1), Vila Progresso (1), Vila São Luiz (1), Vila Alba (1), além de 58 alunos que não sabiam o nome do bairro em que moram, 2 que responderam “Reserva Indígena”, não especificando qual seria, e 1 aluna indígena que mora no Lar Santa Rita.

Quadro 2. Pergunta 1: A respeito da sua origem étnica, você se considera...

Branco	109 alunos se consideram brancos
Negro	12 alunos se consideram negros
Pardo	83 alunos se consideram pardos
Indígena	11 alunos se consideram indígenas
Amarelo	8 alunos se consideram amarelos
Outro	3 alunos se consideram morenos; 1 se descreveu como normal; 1, vermelho; 1, marrom e 1 não especificou.

Observação: Um (1) aluno não marcou nenhuma das alternativas colocadas. Pode-se observar também alunos com dúvidas sobre sua origem étnica. Um (1) aluno marcou indígena, apagou e colocou pardo; outro aluno colocou primeiramente pardo, mas apagou e marcou indígena, além de um (1) outro aluno que marcou três alternativas diferentes (branco, negro e pardo), mas não foi inserido na tabela para não alterar os dados. Um aluno se considerou pardo, mas também apagou e mudou para branco, ao contrário de outro aluno que marcou negro, apagou e, por último, se classificou como branco. Um (1) aluno marcou pardo, apagou e acabou se identificando como indígena; outro aluno colocou branco, apagou e marcou pardo. Um aluno que se considera pardo, mora na reserva, tem pai, mãe, tio, tia, avô e avó indígenas comentou com o colega que só mora na reserva, mas não é indígena.

A observação e as respostas dos alunos sobre como eles se identificam em relação às suas origens étnicas, 83% dos alunos se declararam brancos e pardos, enquanto somente 12 alunos, ou seja, 5,2% dentre os 230, se declararam negros e indígenas foram 11, no total. Pensando numa escola heterogênea e brasileira, é impressionante que somente 12 alunos se auto declarem negros. E ainda outros que, mesmo com todas as características, não se declararam indígenas.

Um aluno em específico me chamou a atenção porque, ao ler a pergunta: -“*A respeito da sua origem étnica, você se considera*”- e explicar-lhes que deveriam marcar o que eles se consideravam, ouvi um colega, em tom de risada dizer: -“*Th, fulano tem que colocar aí que você é índio*”- . e o “fulano” respondeu: - “*Eu não sou índio, só moro lá, mas não sou índio*”, em negação à sua identidade, do mesmo modo que descreve Munduruku (2009): “Só não gostava de uma coisa: que me chamassem de índio. Não. Tudo, menos isso! Para meu desespero, nasci com cara de índio, cabelo de índio (apesar de um pouco loiro) tamanho de índio” (MUNDUKURU, 2009, p.11).

Quadro 3. Pergunta 2a: Na sua família tem algum indígena?

Alternativas	Respostas dos alunos
Sim	50 disseram ter familiar indígena
Não	170 disseram não ter familiar indígena
Não soube	10 disseram não saber se tem algum parentesco com indígena

Um estudante que diz ter mãe indígena tinha se identificado como pardo na pergunta número 1; outro, também de mãe indígena, se classificou etnicamente como negro; mais 4 alunos, que relataram ter avó paterno indígena, se identificaram como pardos na origem étnica. Outro, também neto de indígena por parte de pai, se classificou como amarelo.

Apesar de o último censo apontar uma quantidade de 13.473 moradores na Reserva, somente 27 alunos disseram ter parentes indígenas.

Para complementar a pergunta acima, aos que responderam com **sim** foi feita a seguinte questão:

Quadro 4. Pergunta 2b: Qual é o grau de parentesco?

Respostas dadas	Síntese das respostas
“Na minha família tem indígena, meu padraço” “Sim, esposa do meu tio”	Sim - parentes agregados

<p>“Sim, tia de consideração”</p>	
<p>2 alunos (as) responderam “Sim, bisavó” “Sim, avó da minha mãe” 2 alunos (as) “Sim, minha avó paterna” “Sim, minha bisavó materna” “Sim. Minha avó e bisavó paterna” “Sim, minha avó materna” “Minha bisavó” “Sim, tataravó pelo que eu sei, por parte de pai” 2 alunos(as) “Minha avó” “Meu avô era indígena, puxei o cabelo dele” “Bisavô e avô paterno” “Avô” “Minha vó” 2 responderam “Avó” “Avó e Bisavó” “Avô paterno” “Tataravó” “Primo” “Sim, tios e primos” “Sim, primo” 2 alunos(as) responderam “Sim, minha prima” 2 alunos responderam “Tia” 3 alunos responderam “Tio”</p>	<p>Sim - parentes de primeiro e segundo graus como avó, avô, tios, primos etc.</p>
<p>2 alunos(as) responderam “Sim, mãe” “Sim, meus pais” “Todo mundo” “Família toda” “Família toda” “Minha mãe, pai, irmãos, irmãs, tios, tias etc.” “Pais” “Pai, mãe, tia, vó, vô” ”Parte materna” “Minha família por parte de pai é indígena” “Sim, toda a minha família é indígena” “Irmãos mais velhos por parte da minha mãe” “Eu”</p>	<p>Sim, familiares: mãe, irmão(a), pai.</p>
<p>2 Responderam sim, mas não especificaram o grau de parentesco. 4 alunos(as) responderam “Não sei” “Acho que não” “Não que eu conheça” “Não sei se eu tenho, não conheço muito bem minha família” “Não sei dizer, mas minha vó tem características” 5 alunos(as) responderam “Não que eu saiba”</p>	<p>Sim, porém sem especificação de grau de parentesco.</p>

Apresentaram-se, nesse quadro qualitativo, graus de parentescos diversos, desde o próprio entrevistado, tios, tias primos, toda a família até tataravós. As contradições se apresentam quando o aluno relata que a família da mãe é indígena, porém, ele não se coloca como sendo. As respostas foram variadas, indo desde afirmações diretas de ancestralidade indígena até incertezas e falta de conhecimento sobre o assunto. Alguns alunos afirmam diretamente ter ascendentes indígenas em diferentes graus de parentesco, como avós, bisavós e até tataravós, informação essa que nos leva a pensar que foi fornecida por familiares em conversa. Outros alunos mencionam características ou pessoas em suas famílias que poderiam estar relacionadas a uma origem indígena, embora com alguma incerteza. Isso pode indicar uma conexão percebida, mas não necessariamente comprovada. Enquanto muitos expressam falta de conhecimento sobre suas árvores genealógicas e, portanto, não têm certeza sobre suas origens. Isso pode refletir uma falta de ênfase ou tradição de preservação da história familiar nesses casos.

Uma resposta em particular chama a atenção pela questão da identificação: “*Meu avô era indígena, puxei o cabelo dele*” parece demonstrar uma tentativa de identificar sua ascendência com base em características físicas e também o conhecimento transmitido pela família.

Algumas respostas revelam a complexidade de traçar uma linha direta de ancestralidade, como “*Não sei dizer, mas minha vó tem características*” ou “*Não sei se eu tenho, não conheço muito bem minha família*” ou ainda os que desconhecem a presença de ascendência indígena em suas famílias “*Não sei*”, “*Não que eu saiba*”.

As respostas foram diversas e em níveis de conhecimento diferentes podendo refletir tanto a diversidade das histórias familiares quanto a sensibilidade cultural em relação aos povos indígenas.

Quadro 5. Pergunta 3a: Você já visitou a Reserva Indígena de Dourados?

Sim Não

Alternativas	Respostas
Sim	46 alunos responderam já ter visitado a RID
Não	184 alunos responderam nunca ter visitado a RID

A minoria dos alunos, 46, responderam que conhecem ou já visitaram a RID, o que dá cerca de 20% dos participantes, enquanto 184 alunos responderam não conhecer e/ou nunca terem visitado a Reserva Indígena de Dourados, o que equivale a 80% dos

participantes. A fala de uma aluna na leitura dessa pergunta causou certo desconforto, pois a mesma disse: –“*Fui à aldeia buscar o meu celular que tinham roubado.*”, mostrando mais uma vez a visão sobre o indígena estigmatizada e reprodutora de preconceitos.

A partir das problemáticas sobre a questão indígena, fez-se a seguinte pergunta, dando sequência à pergunta anterior: “Se conhece, o que você acha de lá? Se não conhece, como você pensa que é a Reserva?”, e foram apontadas respostas como: “*Muita pobreza e precariedade*”, “*Normal, legal*” e alguns nem imaginam como pode ser ou tem ideias distorcidas sobre o local, como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 6. Pergunta 3b: Se sim, qual foi a sua percepção do lugar? Relate o que viu lá. Se não, como você imagina que seja?

Respostas dadas	Síntese das respostas
<p>7 alunos responderam “Legal”</p> <p>“Eu imagino que seja legal”</p> <p>“Lá as pessoas devem ser bem unidas, deve ser legal lá, lá você pode fazer trilhas na floresta e nadar no rio”</p> <p>“Não sei, talvez divertido”</p> <p>“Não fui, deve ter costumes legais”</p> <p>“Eu acho legal”</p> <p>“Eu nunca fui lá, mas acho que tem muitas árvores e animais”</p> <p>“Eu acho que parece legal”</p> <p>“Acho que deve ser bem bonito e com todo tipo de povos”</p> <p>“Um lugar <i>daora</i>”</p> <p>“Lá deve ser um lugar massa”</p> <p>“Um lugar bonito”</p> <p>“É um lugar bacana, vi lá a cultura indígena”</p> <p>“Um lugar onde a cultura indígena predomina, tanto nas estruturas quanto nas roupas”</p> <p>“Um lugar com uma cultura diferente”</p> <p>“É bem diferente, tem várias danças e culturas”</p> <p>“Eu imagino que seja um lugar muito interessante”</p> <p>“Um lugar que preserva a cultura indígena”</p>	<p>"Legal",</p> <p>"Divertido",</p> <p>"Bem bonito".</p>

<p>“Objetos sobre a história indígena”</p> <p>“Pessoas, culturas e comidas típicas dessa cultura”</p> <p>“Um lugar muito animado”</p> <p>“Deve ser legal, um grupo bem unido e saudável”</p> <p>“Legal”</p> <p>“Lugar muito bonito”</p> <p>“Foi muito bom, vi a cultura deles foi bom”</p> <p>“Um lugar com muita cultura e etc”</p> <p>“Deve ser muito legal um lugar só para famílias indígenas”</p> <p>“Eu acho que seria um local preservado aonde eles sejam bem acolhidos só para indígenas”</p> <p>“Uma comunidade indígena vivendo em comum</p> <p>“É muito legal tenho amigos de lá”</p> <p>“Imagino que tenha várias pessoas com cultura lá”</p> <p>“Eu acho muito legal, tem muita gente e umas crianças lindas”</p> <p>“Que seja um lugar diferente da cidade cheio de natureza”</p> <p>“Legal”</p> <p>“Legal acho que deve ser legal ver a cultura deles”</p> <p>“Um lugar com bastante cultura”</p> <p>“Um lugar com cultura indígena”</p> <p>“Acho que é legal divertido”</p> <p>“Que é bem legal e divertido”</p> <p>“Diferente e legal”</p> <p>“Deve ser um lugar aberto e legal”</p> <p>“Um lugar muito agradável e com pessoas normais”</p> <p>“Que seja grande e bem bonita”</p> <p>“Não fui, mas deve ser interessante”</p>	
<p>8 alunos responderam “Indígenas”</p> <p>“Bastante indígenas”</p> <p>“Índios”</p> <p>“Vários indígenas”</p> <p>“Um lugar com bastante indígenas”</p> <p>“Obviamente povoado por indígenas, e que seja um lugar que pessoas vivem sem nenhuma discriminação, preconceito...”</p> <p>“Imagino que lá tenha vários indígenas de diferentes</p>	<p>"Indígenas",</p> <p>“Vários indígenas”,</p> <p>“Povoado de indígenas que vivem sem preconceito e discriminação”.</p>

<p>tamanhos e idade” “Acho que é um lugar com vários indígenas e principalmente bastante comida” “Vários indígenas juntos se ajudando e comemorando” “Nunca fui, indígenas” “Eu imagino que tenha muitos indígenas”</p>	
<p>“Deve ter muitas casas construídas para eles mesmos” “Imagino que tenha algumas casas” “Casas e igrejas” “Casas e terra” “Um monte de casas” “Acho que lá tem vários índios e casas” “Vários indígenas, acho que é tipo um bairro” “Muitos indígenas, muita terra e etc...” “Tem casas normais, mercearias, escolas etc. Todos vivemos normal, claro que tem pessoas mais humildes, mas não tanto como antigamente” “Imagino que seja algo simples, mas aconchegante” “Sim eu moro lá, na minha opinião eu gosto aonde eu moro é muito bom” “Uma vila normal, com escolas e hospitais” “Normal com casas, escolas, coisas de um bairro normal” “Uma aldeia” “Moro lá” “Eu fui com meu vô em um evento da igreja, eu vi bastante coisas novas e lugares permitidos para ir” “Imagino que tenha casas, mato e indígena lá” “Eu imagino que deve ser um lugar com pessoas que moram lá, queria um dia conhecer lá, não sei” “Que tenha casas e pessoas morando lá” “Um lugar que todos os indígenas vivem normalmente” “Imagino normal, um local com mais natureza” “Um lugar com pessoas, casas e comércios” 4 alunos(as) responderam “Eu moro lá” “Bom sempre morei lá, nasci na aldeia Jaguapiru, conheço todos de lá” “Lá é legal” “Eu vi muitas casas e muitas pessoas” “Imagino que seja grande com várias pessoas juntas em uma vila só”</p>	<p>“Uma vila normal, com casas, comércio, escolas”, “Moro lá”, “Lugar com indígenas que vivem normalmente”, "Eu moro lá", "Sempre morei lá".</p>
<p>“Índios caçando” “Nunca fui, eu penso que tem indígena e oca” “Eu imagino que lá, é um lugar onde tem coisas indígenas” “Deve ser cheio de mata e com indígenas” “Que seja igual, talvez não seja diferente e se for vai ser um lugar preservado e bonito”</p>	<p>Índios, caçando, ocas, plantações, rios. Imagem folclórica e ligada à natureza. “Casas de palha”. “Umas cabanas”.</p>

<p>“Um lugar com área verde, e um lugar com respeito e igualdade”</p> <p>“Eu imagino que seja bem reservado, tenha muitas árvores e casas ou também ocas”</p> <p>“Umas cabanas”</p> <p>“Pode ter cabanas e talvez pode ser no meio da floresta”</p> <p>“Ocas de palha e indígenas cantando e fazendo músicas”</p> <p>“Um lugar com índios e cheio de cabaninhas”</p> <p>2 alunos(as) responderam “Um lugar que tem casa de palha”</p> <p>“Casas com telhado de palha”</p> <p>“Eu avistei casas de barro e de pedra”</p> <p>“Imagino que tenha casas, ocas e etc”</p> <p>“As casas feitas de madeira, sem uso de internet e etc”</p> <p>“Cabanas, indígenas e comidas típicas”</p> <p>“Um lugar cheio de pessoas e cheio de cabanas”</p> <p>“Cabanas ou casas feitas de palha e madeira, não tanto modernizadas”</p> <p>“Chão de terra, com várias casas de madeira e árvores frutíferas”</p> <p>“Achei bem aberto, tem uma floresta, diferentes culturas”</p> <p>“Imagino que seja grande e tenha índios obviamente”</p> <p>“Acho que deve ter florestas locais, casas e animais”</p> <p>“Vi muitas estradas de terra e árvores, tem casas perto umas das outras, famílias costumam morar perto”</p> <p>“Bem original indígenas, casas e mato”</p> <p>“Deve ter bastante vegetação e lugares”</p> <p>“Índios, oca, plantação, animais”</p> <p>“Rios, casas, animais entre outras coisas”</p> <p>“Acho que tem casas e rios”</p> <p>“Casas, rios e animais”</p> <p>“Casas e bastante crianças”</p> <p>“Casas e muita terra”</p> <p>“Eu imagino que lá tem casas e várias”</p> <p>“Um lugar calmo, cheio de plantas e bonito”</p> <p>“Um lugar muito bonito com bastante vegetação”</p>	
<p><i>“Não sei, eu não conheço muito sobre cultura indígena, eu ouvi sobre, mas veio de pessoas preconceituosas”</i></p> <p>“Não sei muito bem, nunca imaginei”</p> <p>“É diferente”</p> <p>“Nunca visitei lá”</p> <p>“Sei lá”</p> <p>“Acho que ninguém ia se importar comigo”</p> <p>“Não sei por que não penso nisso”</p> <p>“Não vem uma ideia na mente”</p>	<p>"Nunca fui",</p> <p>"Não sei",</p> <p>"Não lembro".</p>

<p>5 alunos (as) “Não responderam” “Não acho nada porque nunca fui lá” 2 responderam “Nunca fui” 3 responderam “Não sei” “Não lembro” “Não lembro muito, eu era muito pequena”</p>	
<p>“Eu acho que tem pessoas qualquer, mais pobreza” “Eu imagino que seja legalzinho. Mas pode ser triste” “Eu acho que tem muito barraco” “ Casas humildes” “Muito desorganizado, meu irmão mora lá” “Eu acho que é tudo sujo lá” “Um lugar bem humilde” “Imagino que tenha pessoas que passam necessidades” “Muitas crianças brincando na rua, algumas casas com lixo excessivo na frente das suas residências” “Condições de vida precárias” “Cheio de índio sujo” “Eu vi que o povo de lá tem a situação precária” “Estrada de terra, indígenas, coisas bem mal estruturadas, lugar bem simples” “Não é um lugar muito adequado para abrigar tantas pessoas” “Um lugar precário, com várias dificuldades em questão de moradias” “Eu vi índios, as ruas é de terra” “Um lugar com pequenas casas” “Bem humilde” “Um lugar lotado de pessoas” “Eu imagino que seja um lugar desorganizado e sem leis”</p>	<p>"Tudo sujo", "Muito desorganizado", "Condições precárias", "Lugar simples", "Cheio de índio sujo".</p>
<p>“Eu acho que lá tem culturas indígenas e indígenas” “Um lugar com bastante cultura, um lugar bonito e que tem bastante educação e que mostra a cultura” “Um lugar com bastante pessoas e uma recepção boa” “Talvez algo bem organizado, não com muito espaço, mas com bastante gente” “Talvez seja algo organizado, mesmo com pouco espaço e bastante gente” “Um lugar bem simples e com bastante cultura” “Muitas pessoas, indígenas, com bastante cultura” “Um lugar com várias casas, diversas pessoas com sua cultura e forma de viver” “Acho que eles tenham costumes, cultura e língua diferente da minha” “Eu imagino que lá tem bastante objetos culturais” “Eu acho que seja grande e bonito, cheio de coisas sobre a cultura”</p>	<p>“Lugar com muita cultura”, “Lugar grande e bonito”, "índigenas", "cultura", "casas", "natureza" e "comida típica".</p>
<p>“Coisas de palha”</p>	<p>Visão estereotipada de um</p>

“Imagino que tenha várias tocas e crianças brincando”	lugar com aspectos arcaicos.
“Normal mas algumas diferenças” “Normal só que é tenso”	“Normal, mas algumas diferenças”, "Normal só que é tenso".
39 alunos não responderam	Não responderam.

As respostas nos trazem uma variedade de percepções e imaginações muito grande, desde impressões positivas até desconhecimento e estereotipadas.

O primeiro grupo de respostas vem com impressões negativas sobre as pessoas que moram na reserva (“Condições precárias”, “Lugar simples”, “Cheio de índio sujo”), um olhar muito comum reproduzido na fala de vários moradores não indígenas, como já detectado na pesquisa anterior, na qual vários entrevistados, principalmente do bairro Terra Roxa, proferiu as ideias de pobreza, sujeira e bandidagem porque é a forma como veem os indígenas de Dourados. Já o segundo grupo de respostas (“Uma vila normal, com casas, comércio, escolas”, “Moro lá”, “Lugar com indígenas que vivem normalmente”) vê/imagina a reserva como um lugar normal. Os alunos mencionam a presença de escolas, hospitais e outros aspectos de infraestrutura e muitos usaram palavras como “indígenas”, “cultura”, “casas”, “natureza” e “comida típica” para descrever o que imaginam da RID indígena, associando elementos culturais e da natureza, frequentemente associada aos povos indígenas e suas comunidades, com menções de florestas, árvores e vegetação. A presença da cultura também é destacada, com referências a danças, comidas típicas e objetos históricos.

Muitos alunos imaginam cabanas, ocas ou casas de palha como características presentes na reserva indígena de Dourados. Isso pode refletir estereótipos ou ideias preconcebidas sobre a forma como eles vivem.

Alguns alunos expressam falta de conhecimento (“Não sei”) e dizem nunca ter visitado ou não ter ideia sobre como é. Uma opinião em particular chama a atenção por trazer a superfície a questão da reprodução e a construção de ideias estigmatizadas: *“Não sei, eu não conheço muito sobre cultura indígena, eu ouvi sobre, mas veio de pessoas preconceituosas”*, reconhecendo que essas informações podem ser influenciadas por preconceitos.

Há, ainda, aqueles que associam essa presença a elementos como casas, igrejas e terra ou até mesmo experiência pessoal (“Eu moro lá”, “Sempre morei lá”), além dos alunos que têm experiência direta ou familiar com o local, indicando que vivem na

reserva ou na retomada indígena, e suas respostas variam de neutras a positivas, compartilhando sua vivência.

No entanto, respostas como (“Normal, mas algumas diferenças”, “Normal só que é tenso”) sugerem que o local é percebido como normal, mas com algumas diferenças específicas ou tensões que não são explicadas detalhadamente. E o número significativo de alunos que “Não Responderam” indica possíveis desconfortos, falta de interesse ou ausência de conhecimento sobre o tópico.

Por outro lado, há muitos alunos que mostram interesse, curiosidade e até mesmo uma visão positiva sobre a cultura e a vida na Reserva e ainda expressam o desejo de conhecer melhor as comunidades indígenas e superar estereótipos.

As falas e percepções podem ser influenciadas por uma variedade de fatores, como experiências pessoais, conhecimento prévio, estereótipos culturais e falta de conhecimento do lugar. Sendo assim, é importante abordar essas percepções de forma aberta e sensível, a fim de promover um entendimento da realidade da RID.

Quadro 7. Pergunta 4: Você tem relação de amizade com algum indígena?

() Sim () Não

Alternativas	Respostas
Sim	137 alunos(as) responderam que tem relação de amizade com pessoas indígenas
Não	93 alunos(as) responderam não ter relação de amizade com pessoas indígenas

Pensando na quantidade considerável de alunos indígenas que estudam na escola Castro Alves, mesmo que a percepção seja maior do que as autodeclarações, a pergunta número 4 se fez pertinente. E o resultado das respostas quantitativamente foi de grande alegria para a pesquisa, já que 137 alunos representa um pouco mais de 59% dos participantes da pesquisa, enquanto 93 estudantes disseram não ter relação de amizade com indígenas, cerca de 40,5% dos entrevistados.

Mais do que um certo equilíbrio, as respostas mostram que a maioria dos alunos tem um ou mais amigos indígenas, quebrando a percepção de uma falta de aceitação por parte dos não indígenas.

Quadro 8. Pergunta 5a: Você acha que existe diferença entre indígenas e não indígenas?

Alternativas	Respostas dos alunos
Sim	88 alunos acham que existem diferenças entre indígenas e não indígenas
Não	142 alunos disseram não ter diferenças entre indígenas e não indígenas

A pergunta número 5 desempenha um papel fundamental nesta pesquisa, uma vez que seu propósito é identificar as complexidades ligadas às disparidades entre alunos indígenas e não indígenas. O objetivo é analisar como essas disparidades podem influenciar as interações sociais e a construção de uma noção de “outro” como um indivíduo socialmente “diferente”, ao passo que outros grupos são posicionados como parte do cenário “estabelecido”. Somente 38% dos entrevistados dizem existirem diferenças entre indígenas e não indígenas, enquanto quase 61% dos alunos diz não ver ou não ter nenhuma diferença.

Para complementar a pergunta, os alunos que responderam **sim** poderiam comentar qual a diferença entre indígenas e não indígenas observadas por eles.

Quadro 9. Pergunta 5b: Qual diferença existe entre indígenas e não indígenas?

Respostas dadas	Síntese das respostas
“A língua a cor da pele e a religião” “A cor, os indígenas são mais avermelhados” “Olho puxado, mais melanina” ”A diferença é que indígena é vermelhado” “Eles tem marcas no corpo e nós não” “O jeito, a cor” “Apenas a aparência e a cor da pele” “O indígena tem uma cara diferente, tem tipo uma cara pesada, os não indígenas não tem cara muito pesada” “A diferença de cor de fala, cultura, roupas diferentes” “Porque eles são mais fortes se vestem diferente e fazem rituais” “A cor da pele e as roupas” “Não, a única diferença é a cor da pele, e a forma da cultura deles” “A cor, a raça” “A aparência” “Não todos nós temos as mesmas células, não muda. Só pela cor que a deles é diferente” “Os olhos”	"A cor da pele", "Olho puxado", "Marcas no corpo", “Diferenças físicas”.

<p>“Cabelo estilo de roupa, jeito de ser” “Diferença física e pessoal” “A diferença física, cultural e o idioma” “Geralmente a cor o sotaque e o modo de vida” “Características físicas” “A cor da pele” “A cor da pele, o modo de vida e a cultura” “As características físicas e culturais” “Cultura cor de pele e vestimentas” “Acho diferença nas características físicas e na origem” “As vezes um pouco da tonalidade, ou pode acontecer que não” “Os indígenas tem o olho meio puxado” “Só a origem e a cor da pele, mas tirando isso somos iguais” “Aparência”</p>	
<p>“Todos os humanos são iguais não existe diferença” “Não porque para mim todo mundo é igual” “Todos são pessoas e deve ser tratados iguais” “Não, porque todos nós somos uma mistura de etnias” “Não, porque são todos iguais, se vestem com roupas normais etc” “São todos iguais” “Nós somos todos iguais” “Não importa a nossa cor, nossa língua. O que importa é o nosso coração” “Todos são gente como a gente, não existe diferença nenhuma” “Nenhuma” “Todos nós somos iguais independente da raça” 2 alunos (as) responderam “Porque todo ser humano é igual” “Nós somos todos seres humanos” 2 alunos (as) responderam “Eu não acho que tem diferença” “Todos são pessoas” 3 alunos (as) responderam “Nenhuma, é pessoa do mesmo jeito” 2 alunos (as) responderam “Não tem diferença porque somos todos humanos” “Não sei muito e nem me lembro de muita coisa” 4 alunos responderam “Nenhuma”</p>	<p>"Todos somos iguais", "Nós somos todos seres humanos", "Não sei muito", "Não lembro", "Nenhuma diferença".</p>
<p>“Alguns são meio ladrões” “Pessoas da cidade e pessoas da rua”</p>	<p>“Ladrões”, “Pessoas da rua”.</p>
<p>“A cultura, fala, jeito de viver” “O jeito de falar e os costumes” “Os costumes, culturas, raças, comidas” “Um indígena pode ter costumes diferentes do que a dos não indígenas” “Roupas”</p>	<p>"Cultura", "Roupas", "Costumes", "Jeito de viver".</p>

<p>“A cultura, a língua, que tem alguns que falam língua diferente”</p> <p>“Os costumes deles”</p> <p>“Alguns tem alguns costumes que por exemplo eu não tenho, só isso mesmo”</p> <p>“Pela cultura a pele a dança e os costumes”</p> <p>“Sim tem muita coisa como nossa cultura e etnia”</p> <p>“Sim, cultura, etnia, muitas das vezes características”</p> <p>10 alunos (as) responderam “A cultura”</p> <p>“Acho que existe diferenças na cultura e nas crenças”</p> <p>“As crenças e o jeito de viver no dia a dia”</p> <p>“A cor a etnia e a cultura. A cor é relativa eu tenho amigos indígenas, eu não acho isso válido”</p> <p>“Não há muitas diferenças, mas alguns indígenas falam guarani e não aprenderam português e diferença na cultura”</p> <p>“Diferença na cultura mas por dentro somos todos iguais”</p> <p>“A cultura e os alimentos (em partes)”</p> <p>“Diferença que os povos indígenas têm várias culturas e também diversos povos”</p> <p>“Sim pela questão da cultura”</p> <p>“Uma diferença cultural”</p> <p>“Sim a cultura o modo de viver e a língua”</p> <p>“A cultura e o modo de viver é diferente”</p> <p>“As culturas, os costumes, danças, comidas etc”</p> <p>“A cultura e os costumes”</p> <p>“São costumes diferentes”</p> <p>“Bom, são povos com cultura diferente”</p> <p>“A cultura, língua, modo de vida e etc... Já biologicamente não, todos somos humanos independente da cor”</p> <p>“Os costumes, as vaidades”</p> <p>“A cultura e os costumes”</p> <p>2 alunos (as) responderam “A cultura e a aparência”</p> <p>“A língua, o estilo de vida as manias e a cultura”</p> <p>“Cultura”</p>	
<p>“Bom por serem indígenas podem e sofrem <i>bullying</i> e racismo e etc. Então muitos podem ter mais consideração e respeito”</p> <p>“Os indígenas são injustiçados”</p> <p>“Os indígenas estavam aqui primeiro do que nós, então devemos respeitar todos eles”</p> <p>“Acho que a diferença é que eles são poucos reconhecidos por causa do preconceito”</p> <p>“Crenças e preconceito”</p> <p>“As crenças, o preconceito e a cor da pele”</p>	<p>"Os indígenas são injustiçados", "Sofrem <i>bullying</i> e racismo".</p>
<p>“É que eles não conviveram com a tecnologia”</p> <p>“Por que nós fazemos mais tecnologias e temos diferentes roupas e hábitos”</p>	<p>"Menos conectada do que os da cidade", "Estilo de vida".</p>

“A diferença é de uma vida diferente, menos conectada do que os da cidade” “Os locais as cidades as aldeias e o estilo de vida” “Os indígenas só moram em lugares “diferentes” “Seus conceitos”	
“Não com questão a direitos, mas sim a costumes” “As crenças, hábitos, direitos” “Crenças” “Crenças e hábitos diferentes” “Hábitos diferentes” “Temos costumes e crenças diferentes, mas temos os mesmos direitos de uma pessoa civilizada”	“Diferenças de crenças, hábitos e direitos”.
“Diferença cultural e econômica” “Fisicamente e economicamente”	“Diferenças econômicas”.
“Onde moram”	“Lugar de moradia”.
49 alunos não responderam à pergunta 4 alunos responderam “Nenhuma”	Não responderam

No primeiro grupo os alunos enfatizaram diferenças nas características físicas, como cor da pele, cabelo e aparência ("A cor da pele", "Olho puxado", "Marcas no corpo") bem como na cultura, costumes, língua e modos de vida. Identificaram a cultura como um fator primordial que contribui para a diferença entre indígenas e não indígenas. Isso inclui crenças, costumes, danças, comidas e línguas distintas presentes nas respostas do terceiro grupo de respostas. Alguns alunos mencionaram que as diferenças existem, mas destacaram que não afetam os direitos e a humanidade compartilhada entre os grupos (“Temos costumes e crenças diferentes, mas temos os mesmos direitos de uma pessoa civilizada”). Nessa resposta, apesar de sugerir uma compreensão de que a diversidade cultural não deveria resultar em tratamento desigual, o aluno coloca na fala “direitos de uma pessoa civilizada” reverberando, assim, a ideia de não civilização do indígena.

Diferente, o segundo grupo de respostas mostra como relevante a igualdade ("Todos somos iguais", "Nós somos todos seres humanos"), há várias respostas que destacam a igualdade fundamental entre todos os seres humanos, independentemente da etnia ou raça ou das diferenças percebidas (“Todos são gente como a gente, não existe diferença nenhuma”). Essa perspectiva destaca a noção de que, apesar das diferenças culturais e físicas, todos compartilham uma humanidade comum.

. O próximo grupo reconhece as injustiças ("Os indígenas são injustiçados", "Sofrem *bullying* e racismo"), sendo que os alunos reconhecem que os indígenas podem ser alvo de injustiças, incluindo racismo e *bullying*, e defendem maior consideração e respeito. Dois alunos responderam de forma a marginalizar a figura do indígena. Apesar

de terem sido uma pequena minoria, pode-se observar a construção a partir da reprodução frequentemente vista e ouvida na cidade de Dourados (“Ladrões” “Pessoas da rua”). Outro fator apontado pelos estudantes é o estilo de Vida (“Menos conectada do que os da cidade”, “Estilo de vida”) porque, para eles, o modo de viver entre indígenas e não indígenas, incluindo níveis de conectividade tecnológica e tipos de comunidades em que vivem é diferente. Uma parcela dos alunos mencionou o preconceito como uma fonte de diferenças percebidas entre indígenas e não indígenas. Isso indica que a discriminação pode desempenhar um papel na criação de uma percepção de diferença entre os grupos. Além dos alunos que destacaram as diferenças econômicas entre indígenas e não indígenas, o que sugere que as disparidades socioeconômicas também são percebidas como uma fonte de diferença.

Algumas respostas refletem incerteza ou falta de conhecimento sobre as diferenças entre os grupos, enquanto outras afirmam que não há diferenças significativas (“Não sei muito”, “Não lembro”, “Nenhuma diferença”), enquanto um grande número de alunos optou por não responder à pergunta.

Uma parcela dos estudantes mencionou o preconceito como uma fonte de diferenças percebidas entre indígenas e não indígenas, indicando que a discriminação pode desempenhar um papel na criação de uma percepção de diferença entre os grupos, e ainda houve os alunos que destacaram as diferenças econômicas entre indígenas e não indígenas.

Quadro 10. Pergunta 6a: Já presenciou algum ato de preconceito contra algum indígena (se você é indígena, sofreu algum tipo de preconceito)?

Sim Não

Alternativas	Respostas dos alunos
Sim	62 alunos(as) responderam já ter presenciado atos de preconceito contra indígenas.
Não	168 alunos(as) disseram nunca ter presenciado atos de preconceito contra indígenas

No intuito de saber se o preconceito, principalmente contra alunos indígenas, se faz presente na escola e/ou no dia a dia de indígenas e não indígenas, fez-se a seguinte pergunta: “Já presenciou algum ato de preconceito contra algum indígena (se você é indígena já sofreu algum tipo de preconceito)?”.

Cerca de 27% dos alunos disseram ter presenciado qualquer tipo de preconceito contra os povos indígenas de Dourados, enquanto a grande maioria, 73%, negaram ter visto ou presenciado qualquer tipo de ato de preconceito e discriminação contra os povos indígenas.

Ainda foi feita, somente nos 8^{os} e 9^{os} anos, a seguinte pergunta - para irmos além dos dados quantitativos:

Quadro 11. Pergunta 6b: Qual a sua opinião sobre preconceito e discriminação?

Respostas dadas	Síntese das respostas
<p>“Acho uma falta de respeito porque somos todos iguais e todos merecemos respeito”</p> <p>“Acho muito errado, porque no fundo somos todos iguais”</p> <p>“Uma falta de respeito com as pessoas”</p> <p>“Acho que as pessoas deveriam respeitar mais, não discriminar etc...”</p> <p>“Acho que é uma coisa que não deveria acontecer e que não devemos admitir que esse preconceito aconteça diariamente”</p> <p>“Completamente desnecessário, tem que se respeitar qualquer tipo de povo”</p> <p>“Preconceito com indígenas e outros tipos de pessoas eu acho que isso seja sem sentido, pois nós todos somos iguais, sem diferenças”</p> <p>“Tento imaginar porquê e qual razão das pessoas fazerem isso, ele é diferente por que é indígena, ele só tem uma cultura diferente”</p> <p>“Acho algo desnecessário, respeito deve ser para todos”</p> <p>“Não acho bom por que eles não são diferentes em nada, apenas a crença e a cultura”</p> <p>“Acho totalmente desnecessário, julgar a pessoa sobre a sua forma de viver tom de pele, cultura e religião, não podemos julgar alguém”</p> <p>“Que não deveria ter preconceito, são pessoas normais, apenas com cultura diferente”</p> <p>“Acho que ninguém deve criticar ou julgar o outro só por ter origem ou cultura diferente”</p> <p>“Eu acho que ninguém pode ser discriminado, só por sua cultura”</p> <p>“Ridículo! Essas pessoas normalmente nunca entendem a cultura desses povos e acho importante aprender sobre culturas diferentes no mundo”</p> <p>“Eu acho uma falta de respeito até por que somos todos iguais”</p> <p>“Acho que devemos ter respeito por todos até mesmo com os indígenas”</p>	<p>“Acho errado, uma falta de respeito”.</p> <p>“Errado pois nós todos somos iguais”.</p> <p>“Preconceito com indígenas e outros tipos de pessoas eu acho que isso seja sem sentido, pois nós todos somos iguais, sem diferenças”.</p>
<p>“Sobre esse assunto eu acho muito errado, pois a única</p>	<p>“Eu acho que todas as</p>

<p>diferença entre indígenas e não indígenas é a cor da pele e a etnia, pois todos somos seres humanos iguais e nenhuma pessoa merece passar por isso”</p> <p>“Que independente da cultura ou cor, somos iguais”</p> <p>“Algo muito chato e feio, todos nós somos iguais”</p> <p>“Minha opinião seria que isso não deveria existir, porque somos todos iguais e que quem pratica isso deve ser um idiota para fazer isso”</p> <p>“Eu acho que todas as pessoas deveriam ser tratadas igualmente. Preconceito ou discriminação é algo muito errado e não deveria existir”</p> <p>“Que ninguém é melhor que ninguém para poder discriminar uma pessoa”</p> <p>“Totalmente errado, todos somos iguais, somos diferentes por fora, mas por dentro somos iguais”</p> <p>“Não gosto e não deveria existir, todos somos iguais”</p> <p>“Eu acho muito errado, pois no fundo somos todos iguais”</p> <p>“Acho desnecessário as pessoas ter preconceito com os indígenas” “Uma falta de respeito”</p> <p>“Falta de respeito”</p> <p>“Acho que deveriam acabar com o preconceito por que a cor e a raça não faz ser diferente dos outros”</p> <p>“É muito errado, pois todos somos humanos e não há diferença na cor, raça ou aparência que nos faça ser inferiores a outros”</p> <p>“É uma coisa muito ruim desnecessário, todo mundo merece respeito”</p> <p>“Acho que não deveria ter esse tipo de preconceito, todos somos iguais, devemos respeitar todos independente da cultura”</p> <p>“Que isso não se faz com as pessoas, não importa a raça ou nacionalidade”</p> <p>“Não deveria ter preconceito, todos tem sentimentos eles são seres humanos”</p> <p>“Acho desnecessário, por que todo mundo é igual”</p> <p>“Em minha opinião sobre o preconceito, bem eu acho muito racismo isso, pois indígenas são iguais seres humanos e também são muito lindos essa é minha opinião”</p> <p>“Eu acho errado pois eles são iguais a qualquer pessoa”</p> <p>“Acho desnecessário, somos todos iguais”</p> <p>“Na minha opinião isso é muito desnecessário julgarmos alguém só pelo tom de pele, modo de falar, modo de vida, já que todo mundo merece respeito independente disso tudo”</p> <p>“Acho que é uma coisa que não se deve fazer até por que todo nós somos seres humanos”</p> <p>“Acho que não deveria existir, somos todos seres humanos”</p>	<p>pessoas deveriam ser tratadas igualmente. Preconceito ou discriminação é algo muito errado e não deveria existir”.</p>
<p>2 alunos(as) responderam “Muito errado”</p>	<p>“Um ato extremamente</p>

<p>“Não pode” 2 alunos(as) “Acho desnecessário” “Acho desnecessário existir” “Acho muito desnecessário esse tipo de coisas contra os outros, pessoas do tipo indígenas etc.” 2 alunos(as) responderam “Muito paia” “Quem tem preconceito e discriminação na minha opinião é muito ruim. Até por que é crime” “É uma coisa muito sem graça e sem noção” “Um ato ridículo e tóxico para a sociedade” “Eu acho errado qualquer tipo de preconceito e discriminação” “Um ato extremamente maldoso. E que deve em qualquer lugar ser proibido” “Acho isso muito feio, uma falta de respeito com quem é índio” “Um desrespeito, pois são todos iguais, quem faz essas coisas quer se aparecer” 2 alunos(as) responderam “Uma palhaçada” 2 alunos(as) responderam “Acho que é errado” “Eu acho errado” “Que isso é algo bem errado e todos que praticar devem ser punidos” “Na minha opinião a discriminação não pode ser tolerada” “Que preconceito e discriminação não deve existir” “Acho desrespeitoso uma falta de vergonha e de respeito” “Acho que seja péssimo, pois qualquer tipo de preconceito é ruim” “Uma grande burrice de quem está discriminando” “É um ato muito ruim e desrespeitoso” “Nojento e triste uma falta de respeito” “Acho que é repugnante e não deveria existir” “É algo antiquado e totalmente errado. Todos devemos ser respeitados” “Eu considero extremamente errado” “Minha opinião sobre o preconceito e discriminação é um ato inaceitável e vergonhoso” “Eu acho simplesmente ridículo. Todos nós merecemos respeito, independente da cor ou raça” “Que as pessoas não deveriam fazer” “Não gosto de preconceito, acho muito errado quem faz isso, não quero nem perto” “Na minha opinião é algo completamente errado” “Não é bom você discriminar ou ter preconceito”</p>	<p>maldoso. E que deve em qualquer lugar ser proibido”. “Que isso é algo bem errado e todos que praticar devem ser punidos”.</p>
<p>“Eu mesmo já sofri muito preconceito, por causa da minha cor, eu sou indígena” “Eu acho que pode acabar com a pessoa que sofreu eu não gosto” “Sei que é horrível julgar uma pessoa sem conhecê-la” “Eu não gosto de preconceito, mas minha família é bem</p>	<p>Eu já sofri preconceito, por ser indígena. Minha família é muito preconceituosa.</p>

<p>preconceituosa com os indígenas”</p> <p>“É algo bem triste, por que uma raça se sentir superior a outra é um pouco estúpido”</p> <p>“As pessoas com preconceito e discriminação tem falta de inteligência”</p> <p>“Acho que é um ato de covardia com o próximo, devemos julgar caráter, não roupa, pele e cabelo”</p> <p>“Erradíssimo, ninguém merece desrespeito e preconceito pela sua raça, cor, jeito de ser etc.”</p> <p>“Eu acho errado por que mal conhecemos a pessoa e já vamos discriminando”</p> <p>“Minha opinião é contra, pois cada pessoa tem a sua origem e isso não significa que ela não tem sentimentos”</p>	
<p>“Tenho completo repúdio a esse tipo de discriminação e infelizmente é bem recorrente, como por exemplo a aprovação da PL 490 (se eu não me engano que aprova novamente que pessoas brancas tomem terras indígenas”</p> <p>“Ridículo, não entendo tanto ódio e discriminação”</p> <p>“Para mim preconceito e discriminação é estranho pois muitas pessoas que não são indígenas se acham melhor que eles, sinceramente acho isso um ato muito chato e feio”</p> <p>“Acho que quem tem preconceito são pessoas mal-amadas com falta de Deus no coração, pessoas amargas”</p> <p>“Eu acho que isso é uma falta de respeito, pois todos somos iguais, ninguém é melhor que ninguém, quando morreremos Deus vai nos escolher pelos atos não pela aparência, dinheiro e etc.”</p> <p>“Eu acho isso muito ruim e preconceituoso, não gosto de pessoas que fazem esse tipo de comentário etc.”</p> <p>“Não é necessário para nada em nossa sociedade, apenas destilar ódio”</p> <p>“Não precisa na comunidade e que não precisamos de pessoas assim”</p>	<p>“Ridículo esse ódio e discriminação”.</p> <p>“Ninguém é melhor que ninguém”.</p>
<p>“Se eu ver algum preconceito eu meto a porrada no coro”</p> <p>“Quem faz preconceito tem que morrer na cadeia”</p> <p>“Ato sujo e que não segue a linhagem da rua”</p>	<p>Quem faz preconceito merece ser violentamente punido.</p>
<p>9 alunos(as) “Não responderam”</p> <p>“Não sei o que é isso”</p>	<p>Não responderam</p>
<p>“Nada contra”</p>	<p>Nada contra</p>

A maioria das opiniões reflete uma forte aversão ao preconceito e à discriminação, enfatizando que todos os seres humanos são iguais e merecem respeito, independentemente de sua cultura, origem, cor ou aparência.

Muitas opiniões ressaltam a importância do respeito mútuo, condenam o preconceito como algo errado e desnecessário e enfatizam que não devemos julgar ou discriminar os outros com base em diferenças externas (“Acho muito desnecessário esse tipo de coisas contra os outros, pessoas do tipo indígenas etc.”).

. Alguns também mencionam experiências pessoais de preconceito ou discriminam testemunhar essa discriminação na sociedade (“Eu mesmo já sofri muito preconceito, por causa da minha cor, eu sou indígena”).

Algumas opiniões também refletem uma falta de compreensão do motivo pelo qual as pessoas praticam o preconceito e a discriminação e muitos expressam um desejo de acabar com esses comportamentos. Além disso, várias opiniões enfatizam a importância de aprender sobre diferentes culturas e reconhecem que a diversidade é importante. É interessante observar que algumas opiniões incluem um tom mais forte de condenação, usando palavras como “ridículo”, “nojento”, “repugnante” e “desrespeitoso” para descrever o preconceito e a discriminação, sugerindo que os adolescentes têm uma visão muito negativa desses comportamentos.

A questão número 7 foi feita somente de modo quantitativo para os alunos dos 6ºs e 7º anos. Observe no quadro a seguir.

Quadro 12. Pergunta 7a: Você já fez/participou de alguma atividade na sua vida escolar que abordasse a temática indígena? () Sim () Não

Alternativa	Respostas dos alunos
Sim	99 alunos responderam que em algum momento da vida escolar deles ter feito alguma atividade relacionada à temática indígena
Não	19 alunos responderam nunca ter tido contato com a temática indígena na escola

A pergunta 7 foi feita com o intuito de saber como e com qual frequência a cultura indígena vem sendo apresentada aos alunos não só na escola participante, mas em toda a vida escolar do aluno. O número de alunos que responderam ter visto em algum momento de sua vida escolar a temática indígena de 99, ou seja, 83,9% dos estudantes, enquanto somente 19 alunos, cerca de 16,1%, disseram nunca ter visto nada em relação à temática indígena nas escolas. Sobre a pergunta 7, ainda foi composta pela questão que segue:

Quadro 13. Pergunta 7b: Em qual disciplina?

Disciplina	Quantidade de alunos
História	51
Geografia	36

Artes	53
Língua Portuguesa	8
Matemática	0
Outros	Ed. Fís.: 8; Ens. Rel.:3; Proj. de Vida: 2

Observação: Alguns alunos marcaram mais de uma disciplina.

As disciplinas que mais abordam a temática indígena são geralmente as ligadas a humanas (geografia e história) que foram citadas 87 pelos estudantes, além da disciplina de artes, que foi citada por 53 alunos.

Já nas turmas de 8^{os} e 9^{os}, com o intuito de saber mais sobre como a temática indígena é trabalhada nas práticas escolares, a pergunta foi feita da seguinte forma:

Quadro 14. Pergunta 8: Você já fez/participou de alguma atividade na sua vida escolar que abordasse a temática indígena? Como essa atividade foi realizada? Descreva.

Respostas dos alunos	Síntese das respostas
“Sim em artes em forma de desenho. Nós desenhamos e escrevemos sobre a cultura” “Eu não lembro bem, mas acho que fizemos arte indígena” “Sim, mas foi algo bem básico de artes, onde tive que pintar um retrato de um indígena” “Sim em atividades de desenhos em artes, e estudo sobre as tribos e culturas em geografia” “Sim. Realizada na disciplina de artes, fizemos um chapéu, composto por penas de diferentes cores” “Sim em artes em forma de desenhos” “Sim, foi em uma aula de artes” “Sim, foi bem demorado, foi a criação de máscaras indígenas em artes” “Sim foi em artes, a gente fez as máscaras indígenas” “Sim, na disciplina de artes, tínhamos que desenhar sobre as tendas” “Sim. Na disciplina de artes, nós desenhamos indígenas” “Sim, na aula de artes, fizemos pintura sobre” “Sim trabalhos e desenhos em artes” “Sim, desenhos em artes e a história em história” “Um desenho e uma máscara em artes” “Sim. Já participei em artes, desenhar” Sim, desenhos em artes”	Atividades de Artes
“Sim, a gente fez uma pesquisa dos povos	Atividades de Estudo e

<p>indígenas, cultura, fizemos trabalhos. História. “Sim participei de um trabalho feito em slides. Disciplina: História” “Em história, quando descobriram os povos nativos” “Sim, foi em história um trabalho falando sobre aspectos culturais” “Sim. Uns anos atrás na matéria de história estudamos a cultura indígena” “Sim, um dia tiramos para pesquisar sobre a cultura dos povos indígenas, fizemos maquetes sobre esse assunto, na matéria de história”</p>	<p>Pesquisa na disciplina História.</p>
<p>“Sim. Já estudei em uma escola indígena, então já fiz vários trabalhos sobre” “Sim muito, como eu danço na minha própria aldeia”</p>	<p>Participação em Comunidades Indígenas.</p>
<p>“Foi na minha igreja, fomos a uma reserva indígena entregar cesta básica” “Sim, a gente foi até uma escola que só tinha indígenas e demos roupas, sapatos e cobertores. Juntamos nossa equipe e quem levasse mais coisas para dar ia de carro com o diretor e a coordenadora levar até lá” “Sim, na escola elite no 2º ano, a gente pintou a cara como eles e fomos ouvir a palavra do capitão” “Sim. Já entreguei folhetos para as pessoas no dia do índio com o meu projeto” “Sim, o dia do índio, através de uma palestra” “Sim, foi uma apresentação” “Sim” “Foi na matéria de geografia lendo no livro” “Sim, eu fiz um trabalho de geografia debatendo os preconceitos vividos pela comunidade indígena”</p>	<p>Palestras e Apresentações. Participação em Comunidades Indígenas.</p>
<p>“Sim, maquetes sobre as cabanas indígenas” “Sim, uma palestra sobre os hábitos indígenas e um filme” “Sim fizemos um desenho” “Sim falar sobre a vida deles em desenhos e escrita” “Sim, pinturas de máscaras” “Sim, foi realizado com desenhos indígenas, sua cultura” “Sim, falamos sobre as culturas indígenas” “Sim. Foi sobre o dia do índio (eu acho), mas já desenhei sobre, mas não lembro muito” “Sim tivemos que fazer um cartaz e ver um filme” “Sim fizemos pinturas no rosto” “Sim, desenhos” “Sim. Nós dançamos músicas que abordasse sobre os indígenas” “Sim, foi sobre o dia do indígena”</p>	<p>Atividades Culturais</p>

<p>“Sim, eu e o pessoal da minha sala se fantasiou de índio”</p> <p>“Sim, apresentei uma dança indígena”</p> <p>“Sim, em Educação Física, dançamos uma dança de origem indígena”</p> <p>“Acho que o dia do índio é quase o único dia que se importam”</p> <p>“Sim, desenhar uma aldeia”</p> <p>“Sim dia dos povos indígenas, vida dos indígenas na Amazônia”</p> <p>“Sim fizemos desenhos e textos sobre. Mas eu não fiz nessa escola”</p> <p>“Sim. Já fiz um cartaz sobre o tema por acusa da semana indígena”</p> <p>“Sim. Eu participei da atividade relacionada a povos indígenas”</p>	
<p>2 alunos(as) Responderam “Sim, mas não lembro como foi”</p> <p>“Eu acho que sim, não me lembro”</p> <p>“Não por que não lembro”</p> <p>“Em algum momento eu participei, porém não me lembro”</p> <p>“Eu já participei, só que não me recordo”</p> <p>3 alunos (as) responderam “Não que eu me lembre”</p> <p>“Não lembro, acho que um trabalho de artes”</p> <p>“Dia do índio, não me lembro”</p> <p>“Sim, porém não lembro muito bem”</p> <p>“No dia do índio, eu fiz desenhos”</p> <p>“Com certeza sim, mas não me lembro”</p>	Desconhecimento e Falta de Lembrança.
<p>4 alunos(as) “Não responderam”</p> <p>27 alunos(as) responderam “Não”</p> <p>“Na verdade, não”</p> <p>4 alunos(as) responderam “Nunca participei”</p> <p>“Nunca fiz”</p> <p>“Que eu me lembre não, se eu fiz não me lembro”</p> <p>“Não, nem no público e nem no particular”</p> <p>“Eu nunca participei, queria realizar essa atividade um dia né”</p> <p>“Não. Mas acho que seria divertido”</p>	Não responderam ou nunca participaram.

Os alunos e alunas destacaram uma variedade de atividades relacionadas à temática indígena em suas experiências escolares. Tentamos elencar algumas:

Atividades de Artes: Muitos alunos mencionaram atividades de arte relacionadas aos indígenas, como desenhos, pinturas e criação de máscaras (“Sim. Na disciplina de artes, nós desenhamos indígenas”). Essas atividades geralmente envolviam representações visuais da cultura indígena.

Atividades de Estudo e Pesquisa na disciplina História: Alguns alunos participaram de atividades de pesquisa e estudo sobre os indígenas. Isso incluiu pesquisas sobre tribos, cultura e história indígena (“Sim, a gente fez uma pesquisa dos povos indígenas, cultura, fizemos trabalhos. História”). Essas atividades pelo que deu para perceber são as que despertam mais interesse nos alunos junto da próxima categoria que será mencionada.

Atividades Culturais: Alguns alunos mencionaram atividades culturais, como danças indígenas e a criação de maquetes de cabanas indígenas (“Sim, eu e o pessoal da minha sala se fantasiou de índio”). Essas atividades permitem que os alunos explorem a cultura indígena de maneira mais prática, ou seja, as atividades que fazem os alunos colocarem “as mãos na massa” despertam o interesse dos estudantes, apesar de virem carregadas de estereótipos.

Palestras e Apresentações: Algumas escolas realizaram palestras, apresentações e filmes relacionados aos indígenas (“Sim, uma palestra sobre os hábitos indígenas e um filme”). Isso proporcionou aos alunos informações e perspectivas mais amplas sobre a vida e a cultura indígena.

Participação em Comunidades Indígenas: Ainda alguns pesquisados relataram experiências de interação direta com comunidades indígenas, como a entrega de doações ou a participação em atividades em escolas indígenas (“Sim, na escola Elite, no 2º ano, a gente pintou a cara como eles e fomos ouvir a palavra do capitão”), proporcionando um contato mais próximo com a realidade dessas comunidades.

Desconhecimento e Falta de Lembrança: Alguns alunos admitiram não lembrar bem das atividades que realizaram ou nunca terem participado de atividades relacionadas aos indígenas; outros relataram não terem participado de nenhuma atividade relacionada à temática indígena em suas experiências escolares. No entanto, uma parcela deles também expressaram a importância das atividades relacionadas aos indígenas e manifestaram o desejo de participar de tais atividades no futuro.

As respostas sugerem que as atividades relacionadas à cultura indígena são realizadas em diferentes disciplinas, como Arte, História, Geografia e até Educação Física. Isso pode indicar um esforço educacional para sensibilizar os estudantes sobre a importância da cultura indígena e combater estereótipos ou preconceitos. A necessidade de se abordar esses temas de forma consistente e contínua é necessária, já que ainda existem lacunas em suas lembranças e/ou experiências nesse sentido.

Quadro 15. Pergunta 9a: Você tem vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas? () Sim () Não

Alternativas	Respostas dos alunos
Sim	153 responderam que tem interesse em conhecer mais da cultura indígena.
Não	77 alunos responderam não ter interesse em conhecer mais sobre a cultura indígena

Aqui pode-se perceber que mais da metade dos alunos desejam conhecer mais sobre a cultura indígena, cerca de 66%, enquanto um pouco menos da metade, 33,5%, disseram não ter vontade conhecer mais sobre a cultura. Apesar de ter sido menos da metade dos alunos a não ter interesse, ainda assim nos preocupa a recusa de 77 alunos dentre os 230 entrevistados, visto que, ao abordar esse tema nas escolas, podemos (talvez) diminuir as desigualdades coloniais vividas pelos indígenas no Estado de Mato Grosso do Sul.

Nos 8^{os} e 9^{os} anos foi solicitada uma justificativa para a importância da abordagem da temática indígena nas escolas (*Justifique sua resposta*). Esses entrevistados somam 112 alunos, dos 230 participantes, e responderam da seguinte forma:

Quadro 16. Pergunta 9b: Você tem vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas? () Sim () Não

Justifique sua resposta

Respostas dadas	Síntese das respostas
“Gosto de conhecer novas culturas” “Acho legal o modo de viver a cultura, as danças, etc” “Porque acho muito diferente e as culturas é uma coisa legal, eu gosto queria conhecer mais sobre” “Deve ser legal estudar a cultura” “Acho muito legal algumas tradições, músicas, danças e comidas” “Para saber mais sobre a cultura dos povos indígenas” “Porque a cultura deles é muito rica em história e eles estavam aqui antes da gente” “Sim. Gostaria de saber como é a cultura dos povos indígenas” “Para saber mais sobre a cultura a história as pessoas as lendas as línguas etc”	“Acho legal o modo de viver e a cultura”.

“Para conhecer as outras culturas”
“Acho legal pelo que eu vejo na TV, acho que mudaram meu pensamento sobre alguma coisa, e aprenderia mais sobre a cultura”
“A cultura deles é interessante”
“Porque acho importante aprendermos sobre os povos indígenas, sobre a cultura deles”
“Tenho vontade de conhecer mais seus costumes mais seus costumes e crenças, pois acho que vai agregar no meu conhecimento”
“Acho uma cultura interessante com costumes incríveis”
“Para conhecer e saber mais como funciona a cultura indígena”
“Sim, pois quero mais conhecimento sobre culturas diferentes da minha, para agregar mais ao meu conhecimento”
“Acho a cultura indígena muito bonita e interessante e acho importante também para sabermos as origens e costumes”
“Sua cultura é legal, aprendemos mais se pesquisamos o assunto”
“Gosto de conhecer diferentes culturas e vivências diferentes das minhas”
“Sim, acho muito interessante e tenho vontade de saber como é a cultura”
“Acho importante aprender sobre novas culturas”
“Porque é uma coisa legal para aprender sua cultura”
“Sim eu acho legal a cultura deles”
“A cultura deles aparenta ser algo muito interessante”
“Acho interessante conhecer outras culturas”
“Sim eu tenho vontade de conhecer mais sobre essa cultura, pois eu acho muito interessante”
“Acho a cultura indígena linda, suas casas vestimentas, danças e pinturas culturais”
“Não conheço muito, tenho interesse, por causa da cultura”
“A cultura indígena é muito interessante e deveria ser conhecida por todos”
“Sim é uma cultura que não tem visibilidade, como cidadãos é uma área muito desrespeitada pela sua origem e isso deveria ser mudado”
“Sim pois gostaria de aprender mais sobre a sua cultura, regras e diversidade”
“Acho uma cultura um pouco interessante, gostaria de saber sobre”
“Eu acho a cultura deles bem interessante”
“É legal ver a cultura de outros povos, eu acho”

<p>“Sim pois é sempre bom conhecer culturas novas” “Acho importante estudar sobre a cultura deles” “Acho que sim, pelo conhecimento de novas cultural” “Porque eu gosto de conhecer novas culturas” “Acho interessante a cultura”</p>	
<p>“Porque acho legal” 2 alunos (as) responderam “Acho interessante” “Parece ser bem legal e é importante para eu saber” “Pois pode agregar em vários aspectos” “Acho legal o jeito que eles vivem” “Acho interessante” “É interessante a origem deles” “Já vi algumas coisas sobre e tenho vontade de me aprofundar mais no assunto porque acho muito importante” “Para termos mais conhecimento com relação a isso” “Sim porque tenho curiosidade” “Para conhecer mais” “Eu acho importante” “Mais conhecimento” “Para obter mais conhecimento” “Porque eu quero conhecer” “Eu acho muito legal e quero aprender mais sobre isso”</p>	<p>“Acho legal, muito interessante”.</p>
<p>“Eu queria saber mais sobre como os indígenas vivem em Dourados” “Acho que seja bem interessante saber como eles vivem na aldeia, e várias outras coisas” “Saber como é o dia a dia deles” “Quero saber mais sobre as lendas e rituais” “Conhecer os artesanatos” “A sua história e religião” “Pode ajudar na minha percepção de conhecimento, tanto como aprendizagem como seus costumes, músicas, religião e cultura” “Creio que seja interessante saber dos costumes e hábitos dos povos indígenas” “Para conhecer mais sobre o Brasil” “Aprender sobre coisas novas pode ser legal” “Queria saber como vive os indígenas” “Eu acho importante para ampliar o meu conhecimento de outras culturas”</p>	<p>“Quero conhecer mais”.</p>
<p>“Porque eu não sinto muita vontade de conhecer mais. Mas as vezes é legal ouvir alguns comentários sobre ou saber” “Acho que já conheço o suficiente” “Não me interessa muito”</p>	<p>“Não tenho interesse”. “Pra mim não faz diferença”.</p>

<p>“Na verdade, nunca senti interesse em saber mais sobre a cultura indígena” “Acho que na minha vida em específico não vai mudar em nada” “Eu não ligo muito para isso se vierem até mim ou ir até eles, qualquer um” “Não me interessa pelo assunto” “Para mim não faz diferença” “Porque não quero” “Não vai fazer muita diferença” “Não tenho muita vontade de saber, mas se um dia eu tivesse a chance, eu iria tentar conhecer mais” 2 alunos (as) responderam “Não tenho interesse” “Não, não ligo muito, apenas respeito” “Nunca tive interesse” “Preguiça” “Não tenho curiosidade” “Não. Pois já conheço o suficiente da cultura e não vou precisar para a minha formação” “Não tenho interesse” “Nunca tive muito interesse” “Não quero que substitua outra aula” “Não porque não tenho interesse nesses povos” “Porque eu acho que não vai me fazer diferença, mas eu não acho que não seja interessante aprender sobre” “Nunca me chamou a atenção”</p>	
<p>Sim. Porque é muito importante todos nós sabermos respeitar as culturas” “Devemos saber e aprender mais a cultura para podermos saber respeitar. Como uma indígena não podemos esquecer dos nossos costumes e não podemos deixar no esquecimento” “Porque acho importante demais conhecer mais pessoas como eu” “Ainda há muito que aprender” “Para ter mais conhecimento sobre. Não ter só o conhecimento ou ideia de que é só mais um povo qualquer, sem sua importância”</p>	<p>“Sim para ter mais conhecimento e saber respeitar”.</p>
<p>“Sim até porque acho eles muito corajosos e fortes” “Pois indígenas estão na cultura brasileira desde a colonização, então é um povo rico em cultura”</p>	<p>“Sim, pois são corajosos fortes e ricos em cultura”.</p>
<p>“Eu mesmo já conheço muito, pois é causa do meu interesse” “Eu já conheço bastante” “Já tive vizinhos indígenas pelo que eles disseram e eles me ensinaram muito suas culturas por isso acho que não tenho muito que aprender”</p>	<p>“Já conheço bastante”.</p>
<p>“Não sei como justificar”</p>	<p>“Não sei”.</p>

“Porque sim”	“Porque sim”.
7 alunos(as) “Não responderam”	“Não responderam”

Muitos alunos expressam uma curiosidade genuína e um interesse em aprender mais sobre a cultura indígena. Alguns destacam elementos específicos, como danças, modos de vida, rituais e lendas (“Acho a cultura indígena linda, suas casas vestimentas, danças e pinturas culturais”). Outros mencionam que a cultura indígena é rica em história e que é essencial aprender sobre ela para ampliar o conhecimento e compreender melhor as origens do Brasil e ainda expressam admiração pelas tradições, vestimentas, danças, artesanatos e hábitos dos povos indígenas.

Vários alunos indicam que aprender sobre a cultura indígena é importante para promover o respeito e a compreensão mútua entre diferentes culturas, (“Devemos saber e aprender mais a cultura para podermos saber respeitar. Como uma indígena não podemos esquecer dos nossos costumes e não podemos deixar no esquecimento”).

Outras respostas refletem uma neutralidade em relação ao tema ou falta de grande interesse em aprender mais sobre a cultura indígena, mencionando que já conhecem o suficiente ou que não sentem vontade de saber mais.

Já outros alunos expressam o desejo de conhecer os indígenas pessoalmente, visitar aldeias e compreender melhor o dia a dia dessas comunidades, (“Acho que seja bem interessante saber como eles vivem na aldeia, e várias outras coisas”). Outros ainda reconhecem que têm pouco conhecimento sobre a cultura indígena, mas expressam a vontade de aprender mais.

A análise revela uma diversidade de atitudes em relação ao interesse e à importância percebida de aprender sobre a cultura indígena.

Quadro 17. Pergunta 10a: Você acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas de Dourados? () Sim () Não

Alternativas	Respostas dos alunos
Sim	81
Não	17

Disseram ter interesse em aprender mais sobre a cultura indígena a maioria dos entrevistados, cerca de 68,6%, enquanto uma minoria não apresentou interesse em aprender mais sobre a cultura indígena, 16,4% dos alunos.

A pergunta número 10 proporciona um espaço livre para expressão, seja por meio de palavras escritas ou desenhos, a fim de capturar a visão dos alunos sobre os povos indígenas na cidade de Dourados. Essa questão permite, para além das falas, a oportunidade de utilizar desenhos como forma de ilustrar suas percepções.

Nas turmas de 8º e 9ºs foi proposto que os alunos justificassem as respostas, assim obtivemos as seguintes falas:

Quadro 18. Pergunta 10b: Você acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas de Dourados? Se sim, qual seria a melhor forma de abordar o tema na prática?

Respostas dadas	Síntese das respostas
<p>“Sim em aula de artes e história” “Sim, trabalhos e textos” “Sim, um exemplo: história seria tipo o passado dos indígenas. Artes: artes indígenas. Educação Física: esportes ou danças culturais” “Sim, a melhor forma de aprender seria pesquisando” “Sim. Acho que seria bom incluir algo sobre a cultura deles, como por exemplo em história, aonde aprendemos que indígenas viviam aqui antes, mas não sabemos nada sobre eles e sua cultura” “Sim. Conhecimento é sempre bom, principalmente de povos que estão presentes em nosso estado e país. Pois são os povos que mais participaram da história do nosso país” “Acho importante saber sobre novas culturas. Na prática de trabalho em grupo” “Sim, em aulas trabalhos e desenhos” “Sim. Mas tinha que aprender mais sobre a cultura deles” “Sim. Inserindo mais da cultura deles” “Sim, desenhos ou trabalhos na matéria de artes” “Sim, fazendo trabalhos sobre o assunto, e falando sobre a história deles e até levando a gente para ir lá conhecer”</p>	<p>“Sim, em trabalhos de história, artes. Pesquisando e conhecendo”. “Sim em desenhos e atividades”. “Acho importante, falar mais sobre a cultura”.</p>
<p>“Ir visitar a aldeia e ver algumas práticas” “Sim, a melhor forma seria acrescentar músicas, origem, como eles já sofreram preconceito” “Sim acho que seria bom abordar esse tema através de um próprio indígena, que saiba explicar de forma ampla para a melhor compreensão” “Sim, maquetes, textos e excursões” “Sim com trabalho e excursões” “Sim com brincadeira e na forma prática”</p>	<p>“Ir visitar a aldeia e ver algumas práticas”. “Sim, um indígena vir explicar na escola”.</p>

“Ensinar sobre as tradições”

“Acho, assim, as crianças não teriam ideias erradas sobre esse povo”

“Sim, deveriam nos levar nas reservas indígenas para nós sabermos como é”

“Seria legal aprender um pouco mais sobre eles e seu modo de vida”

“Sim um teatro que fale sobre a vida dos povos indígenas”

“Sim, para ensinar desde cedo a ter respeito pois eles são e foram essenciais para o Brasil”

“Sim, a melhor forma seria ter apresentações de diversas fontes para mostrar o desenvolvimento dos povos indígenas”

“Sim, em trabalhos e textos para ler”

“Sim, um indígena vir explicar na escola”

“Sim, fazendo atividades relacionadas a cultura e contar histórias de acontecimentos”

“Sim, ter mais eventos ou até uma matéria sobre isso”

“Sim mostrar mais sobre a cultura deles e a língua”

“Sim, talvez passeios para as reservas indígenas, palestras feitas nas escolas sobre o assunto e que todos tenham como valorizar essa cultura”

“Sim, podendo se aprofundar no conhecimento da cultura deles e muitas outras práticas”

Sim. Acho que o melhor jeito de abordar é trazer pessoas indígenas para que eles possam nos ensinar”

“Acho que sim, deveríamos fazer trabalhos, fazer algumas comidas da cultura deles”

“Sim, mostrando a cultura”

“Sim, falando da história deles e como tudo começou, como eles vivem, etc”

“Sim, com vídeos e apresentações”

“acho sim importante, para conhecer mais da cultura e de como eles vivem”

“Sim, mostrando vídeos e explicando mais sobre a cultura”

“Sim. Estudando mais sobre os costumes, sobre a história, a conscientização e talvez se a aldeia estiver de acordo, ir visitar para conhecer de verdade”

“Talvez seria fazer pesquisas sobre o tema abordado e apresentações abordando a cultura”

“Sim, ensinando os costumes e as práticas como se fosse uma aula de história mesmo”

“Sim, pois não podemos deixar a cultura de um povo ser destruída, religião, costumes e sua cultura e comida”

<p>“Sim trazer pessoas que falem sobre, ou filme”</p> <p>“Sim com trabalhos, filmes e atividades relacionadas, ou as danças também, os idiomas as crenças, etc.”</p> <p>“Sim, palestras, músicas, cultura, costumes e livros”</p> <p>“Sim, suas comidas típicas, artes, diferenças culturais, com aulas sobre ou práticas”</p> <p>“Sim sobre a cultura língua e músicas”</p> <p>“Sim acho que seria importante, legal saber sobre a língua”</p> <p>“Sim, levando os alunos na reserva”</p> <p>“Sim gostaria de saber mais sobre a língua deles”</p> <p>“Sim, com palestras sobre”</p> <p>“Sim, falar mais sobre a cultura deles”</p> <p>“Sim, que abordasse mais a cultura de forma geral”</p> <p>“Sim, trazendo a história dos povos indígenas desde antes da chegada dos portugueses”</p> <p>“Acho que sim, pedindo para os alunos fazerem pesquisas em grupo”</p> <p>“Sim, para aprendermos mais da cultura indígena”</p> <p>“Sim, ir ver como é”</p> <p>“Sim poderia fazer uma aula diferenciada, conhecer os povos, danças, músicas e a arte”</p> <p>“Sim, estudando mais a cultura deles”</p> <p>“Sim acho que seria muito legal falar sobre o gosto musical”</p> <p>“Sim com palestras, os professores ensinarem mais sobre a cultura deles”</p> <p>“Sim, filmes e teatro”</p> <p>“Sim. A melhor forma de se abordar é trazer mais informações sobre a cultura”</p> <p>“Sim, mostrar como eles convivem uns com os outros, músicas e etc.”</p> <p>“Sim. A melhor forma seria fazer um museu da cultura indígena com as tradições”</p> <p>“Sim, com palestras, músicas, danças etc.”</p> <p>“Sim. Através de danças, vídeos e visitarmos eles”</p>	
<p>“Sim de um jeito que os alunos lembrem no futuro”</p> <p>“eu acho sim importante, pois assim as dúvidas poderiam ser saciadas”</p> <p>“Sim, acho que o dia do índio deveria ser mais lembrado na escola”</p> <p>“Sim, todos se fantasiarem de indígenas e demonstrar a cultura para as pessoas, e passar um vídeos do projeto, falando sobre os povos e a cultura”</p> <p>“Eu acho importante para conhecermos mais sobre eles e seu povo”</p>	<p>“Sim, acho que acho que o dia do índio deveria ser mais lembrado na escola”.</p> <p>“Sim, se fantasiar de índios”.</p>

<p>“Sim, pois para mostrar as culturas dos povos indígenas, sobre a história de como surgiu etc.”</p>	
<p>“Sim para as pessoas terem menos preconceito” “Sim, porque os indígenas são muito marginalizados e mal visto. Eu não sei” “Sim pois para ensinar para os povo” “Sim. Porque mostra como é a cultura de outros povos que tem religião diferente da nossa” “para aprender mais sobre os povos” “Sim, acho importante para diminuir o preconceito” “Sim pois poderiam ter mais empatia se todos conhecessem a cultura, poderia ter aula sobre as artes indígenas” “Sim, eu acho importante, pois todos nós deveríamos saber, pois eu acho que através disso a discriminação e o preconceito diminuiria” “Sim, acho legal as pessoas saberem como funciona” “Sim, com amigos, professores etc. Eu acho isso muito importante e acho que deveria ter mais dessas atividades” “Sim, para as pessoas conhecer melhor nós, por que não é sobre a raça ou cor e sim sobre o respeito de um a cada um” “Para acabar com o preconceito com os índios” “Sim, palestras entre outros, acho importante pois isso ajudaria muito com o preconceito, fazer as pessoas terem mais conhecimento” “Acho importante, a melhor forma seria o profissional da educação estudar e tirar dúvidas sobre, para que não faça algo com falta de respeito sobre nossa cultura”</p>	<p>“Sim, acho importante para diminuir o preconceito”. “Sim, para as pessoas conhecer melhor nós, por que não é sobre a raça ou cor e sim sobre o respeito de um a cada um”.</p>
<p>4 alunos(as) responderam “Não” “Não sei para mim tanto faz” 3 alunos(as) responderam “Não sei” “Eu não tenho o que dizer sobre isso” “Acho que não” “Não, não seria interessante” “Não acho tão importante pois muitas pessoas não ligam para a cultura indígena, mas por mim seria legal aprender mais sobre eles”</p>	<p>“Não”. “Não sei, para mim tanto faz”.</p>
<p>“Sim. Só não sei explicar” “Sim, eu gostaria de saber bastante coisa” “Sim, mas não sei te informar” “Sim, falar mais a respeito” 6 alunos(as) responderam “Sim” “Acho importante sim, mas não sei maneiras de acrescentar nas aulas”</p>	<p>“Sim, mas não sei explicar como”</p>
<p>“Não respondeu”</p>	

As falas dos alunos revelam uma variedade de perspectivas sobre a inclusão da cultura indígena no currículo escolar. Muitos expressam interesse e reconhecem a importância de aprender sobre a cultura indígena e ainda ressaltam que o conhecimento é importante para combater estereótipos e preconceitos (“Sim, eu acho importante, pois todos nós deveríamos saber, pois eu acho que através disso a discriminação e o preconceito diminuiria”)

Alguns alunos admitiram não saber muito sobre o tema ou expressaram incerteza sobre como abordar a cultura indígena nas aulas; outros demonstraram desinteresse ou neutralidade em relação ao tema, indicando que, para eles, tanto faz aprender sobre a cultura indígena ou não (“Não acho tão importante pois muitas pessoas não ligam para a cultura indígena, mas por mim seria legal aprender mais sobre eles”).

A preferência por abordagens práticas, atividades imersivas, como excursões e interações diretas com pessoas indígenas também foram mencionadas, podendo ser incorporadas para enriquecer a aprendizagem. As sugestões dos alunos sobre como abordar a temática indicam uma preferência por abordagens práticas, como excursões, atividades culturais, visitas a aldeias indígenas e interação com pessoas indígenas.

Além de aprender sobre a história, os alunos também destacam a importância de compreender a realidade atual dos povos indígenas, incluindo desafios e contribuições para a sociedade.

Quadro 19. Este espaço fica reservado para que, se assim desejar, você possa deixar sua opinião, relatar alguma situação que você participou ou presenciou ou até mesmo fazer um desenho do que sente sobre a vida dos povos indígenas em Dourados.

Respostas	Síntese das respostas
<p>“Eu sempre vejo alguns índios com carroça ou a pé passando em frente à casa, meu pai me disse que eles já andaram de carroça pela rua”</p> <p>“Pobreza, estão pobres, sem comida, água, talheres, cobertores, travesseiros, casacos, brinquedos, fraldas, leite em pó etc. No caso pobreza além de invadirem terras por milho”.</p> <p>“Eu já vi pessoas andando cheias de coisas nas mãos, trabalhando muito e eu e minha mãe doa roupas para eles, por que muitos passam necessidade”</p> <p>“Que alguns saem para pedir comida nas casas e comércios”</p>	<p>“Pobreza, estão pobres, sem comida, água, talheres, cobertores, travesseiros, casacos, brinquedos, fraldas, leite em pó etc.”.</p> <p>“Que eles são pobres, moram em um lugar bem humilde”.</p> <p>“Muitos passam necessidade”.</p> <p>“Andam de carroça pelas ruas”.</p>

<p>“Nada muda, a única coisa que pode afetar é o preconceito”</p> <p>“Os povos indígenas vivem em aldeias e andam de carroça”</p> <p>“Que os indígenas as vezes é pobre e a vida deles é normal, como aqui tem alguns indígenas na cidade, gostaria de conhecer melhor sobre eles”</p> <p>“Que eles são pobres, moram em um lugar bem humilde”</p> <p>“Eu vejo muitas vezes povos indígenas na rua, normalmente eles estão com muitos filhos e pedindo alimento”</p> <p>“Alguns levam uma vida muito boa, já outros não tem uma vida tão boa assim e até chegam ao ponto de ter que pedir comida na rua, outros são tão conturbados que chegam ao ponto de correr atrás das pessoas na rua”</p> <p>“Deve ser uma vida simples e humilde”</p> <p>“”vejo eles andando e batendo nas casas”</p> <p>“Sempre vejo povos indígenas, por que eu moro em um bairro que passa muitos indígenas”</p> <p>“Aqui em Dourados eu vejo muitos indígenas nas ruas, muitos pedindo dinheiro ou comida, ou até mesmo roupas, mas tem muitos que moram na reserva indígena, muitos trabalhadores e etc.”</p> <p>“Para a preservação, uma situação é que eu um dia ajudei os povos indígenas para que eles tenham as coisas”</p> <p>“Alguns tem condições de vida boa e outros uma não tão boa que tem que pedir na rua, e algumas leis sem sentido”</p>	
<p>“Eu nunca vi um acontecimento aqui em Dourados, eu nunca prestei atenção nisso. Sinto que é difícil e diferente eu acho, eu não sei sobre. São bem diferente né”</p> <p>“Eu acho que a vida dos índios aqui em Dourados não é tão boa, e que o governo deveria fazer mais por eles”</p> <p>“Não sei dizer muito bem, mas deve ser difícil, as vezes para eles por conta do preconceito de muitas pessoas”</p> <p>“A vida dos indígenas é praticamente igual a de todo mundo, mas uma parte difícil é o bullying e o preconceito”</p> <p>“Existe uma diferença, parece que eles não são eleitos como moradores, muitas vezes são chamados de macacos, ou outro tipo de preconceito em relação a cor da pele, a falta de empatia e respeito com todos, muitas vezes são deixados de lado pela prefeitura e moradores, deveríamos valorizar melhor</p>	<p>“Eu acho que a vida dos índios aqui em Dourados não é tão boa, e que o governo deveria fazer mais por eles”.</p> <p>“Existe muita diferença e preconceito”.</p>

<p>o dia do indígena, e sim deveriam ser melhor abordados na escola, sendo que deveria ter uma vez no mês um dia de ensinamentos sobre a cultura e seus aspectos”</p> <p>“Acho que as pessoas tratam eles diferentes”</p> <p>“Acho que o povo trata os indígenas diferentes”</p>	
<p>“ Os povos indígenas sofrem com a invasão dos seus territórios para atividades ilegais”</p> <p>“Briga por território, sendo desrespeitados (falta de direitos)”</p> <p>“Muitos povos indígenas sofrem preconceito por serem índios”</p> <p>“Os povos indígenas poderiam ser tratados de maneira melhor, que eles não sofram com racismo e qualquer tipo de preconceito”</p> <p>“Eles vem em algum lugar e alguém olha de cara feia”</p> <p>“Que eles sofrem por viver em aldeias, pela cor, pela situação financeira e é bem triste”</p> <p>“Eles brigam muito por terreno, e são bem pobres, lá eles comem 1 vez por dia e eu acho muito triste”</p> <p>“Eu já ouvi uma pessoa dizer que indígena não presta e maltrata o meio ambiente”</p> <p>“Eu acho que eles deveriam ser respeitados, porque tem pessoas que tem preconceito e isso é errado, se uma criança indígena vir para uma escola como o Castro Alves ela deve ser acolhida e bem tratada”.</p> <p>“A vida deles é muito difícil aqui em Dourados eles passam muitas dificuldades eles são discriminados e muito maltratados aqui em Dourados”</p> <p>“Deve ser difícil para eles, por que a cidade tem muito preconceito e que tenha uma lei que resolva esses tipos de conceitos”</p> <p>“Eu acho que o dia a dia seja um pouco ruim, tem bastante pessoas que nem liga para os indígenas”</p> <p>“Eu acho que “enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos haverá guerra”</p> <p>“Sei que acontece muito preconceito e morte contra os povos indígenas, creio que não seja fácil a vivência de alguns pois muitas vezes é difícil arranjar emprego, porque muitas empresas acham que eles não são qualificados para ocupar algum cargo”</p> <p>“Eu acho que não devemos ser preconceituosos com eles pois são iguais a gente”</p> <p>“Eu acho que a vida deles é muito humilde e que eles mereciam chances de ter melhores trabalhos”</p> <p>“Eles deveriam viver em um ambiente mais seguro e limpo”</p> <p>“Eu acho que eles vivem e forma um pouco</p>	<p>“Briga por território, sendo desrespeitados (falta de direitos)”.</p> <p>“Muitas vezes que vejo indígenas eles não tem onde morar, mas acredito que a minoria possam ser pessoas de sucesso”.</p>

precária”

“Muitas vezes que vejo indígenas eles não tem onde morar, mas acredito que a minoria possam ser pessoas de sucesso”

“O preconceito com os indígenas ainda é muito frequente, mesmo que eles tenham contribuído muito para Dourados”

“Na minha opinião, bom onde eu moro na Aldeia Jaguapiru tem alguns poucos brigando por terra e aqui na cidade tem povo branco eles criticam muito os povos indígenas e isso pode ser ruim”

“Os povos indígenas não são tratados bem eles deveriam ser tratados com respeito, eles também são humanos e tem que ser respeitada a diferença”.

“Triste porque muitas pessoas julgam eles”.

“Eu acho que eles trazem mais cultura, mais artesanato, comidas, remédios entre outros”.

“Eu já participei de várias brincadeiras indígenas junto com algumas crianças indígenas”

“Diga não ao racismo e a xenofobia”

“Não podemos excluir os indígenas e sempre incluir afinal eles também são pessoas”

“As pessoas acham que os povos indígenas são diferentes, mas não são e para mim isso é preconceito”

“Quando o meu amigo sofreu racismo e discriminação por ser indígena”

“Eu acho que os povos indígenas sofrem muito preconceito por serem indígenas”

“Tem preconceito”

“Acontece muito preconceito, pelo motivo da cor de pele e cultura”

“Acho que ainda existe muito preconceito. **As pessoas tratam eles como animais**”

“Minha mãe e algumas amigas dela (não lembro se foi minhas tias) foram preconceituosas com indígenas, chamando eles de sujos, estranhos e mais algumas coisas”

“Ué várias vezes ao passar nas ruas povos de origem indígena em situações horríveis, sendo desrespeitados ou pedindo um pouco de comida”

“Eu acho que os indígenas são muito marginalizados e taxados de violentos, que roubam, mas isso é o que cresci ouvindo da minha família eu sei que nem todos são assim”

“Eu não vejo muitos indígenas em Dourados, e quando vejo eles sempre estão de bicicletas, eles parecem não ter outro meio, eu vejo que muitos indígenas sofrem muito preconceito”

“Eu acho que são pessoas como nós e não merecem

<p>desigualdade social” “Olha eu acho que o fato de discriminar os povos indígenas é extremamente errado o fato de que a cultura deles é diferente não muda que eles são humanos” “Ass pessoas fazem bullying com os indígenas” “Com vergonha por que fazem bullying com eles”</p>	
<p>“Bom para uns e ruim para outros” “Minha opinião é que os povos indígenas tem que ter uma vida melhor, por que na minha opinião eles são bem importantes” “Os povos indígenas a maioria mora na cidade e outros moram no mato perto dos sítios, eles trabalham, alguns tem dinheiro e outros tem a vida difícil” “Eles vivem na sociedade como todos os outros” “A vida dos povos indígenas não sofrem muito pra pegar comida, hoje em dia eles tem um estilo de vida melhor e também tem refeições boas, e estilo de vida bom” “Eles vive vida normal como todos eu acho” “Muito boa, porque tem várias coisas aqui que não tem lá” “É uma vida normal como todas as outras de Dourados” “Eu acho que somos todos iguais” “Nós indígenas somos iguais a todo mundo” “Uma vida normal a de todo mundo, independente da condição financeira da pessoa” “Não sei, eles ficam bem aqui em Dourados” “Normalmente, creio eu” “Acho que o povo indígena é muito bem tratado, no conceito de alguns que moram na cidade e centros mesmo na aldeia” “Eu acho que não, porque pelo que eles falam com os amigos dizem que não” “A cultura indígena não é completamente diferente da nossa e as pessoas indígenas não são diferentes, elas levam a mesma vida que todos. Eles são pessoas bem legais e pela sua cultura eles preservam e sabem fazer coisas bem bonitas” “A vida dos indígenas é importante como qualquer uma deveria ser respeitada, assim como também deveríamos respeitadas as reservas deles” “Alguns são pobres e outros que vivem suas vidas normalmente, mas todos mostram muito bem a sua cultura” “Acho que tem algumas leis nada a ver, mas imagino que o dia a dia deles seja normal assim como todos os outros, é claro que tem alguns que</p>	<p>“Eles vivem na sociedade como todos os outros”.</p>

<p>não, que moram na rua e ficam pedindo dinheiro para comprar pinga”</p>	
<p>“A situação deles não é muito boa, alguns constroem sua própria casa outros moram na rua e têm os que tem condições boa”</p>	
<p>“No dia do índio os índios se pintam e fazem festa” “Eu nunca li um relato dos índios, mas sei que eles moram em casa de barro ou palha e tomam banho no rio”</p>	<p>“Moram em casa de barro e se pintam no dia do índio”.</p>
<p>“Na minha opinião é que os povos indígenas tem mais salário dá”</p>	<p>“Na minha opinião é que os povos indígenas tem mais salário dá”.</p>
<p>“Na minha opinião, os indígenas deveriam ter mais espaço de poder na política e no trabalho” “Não presenciei, mas acho que deveriam melhorar a situação deles” “Eu estive vendo que eles são trabalhadores, honestos e alguns que eu conheço são bem legais por isso tem que ser tratados igual a todo mundo” “Eles são muito legais, e para mim não muda muito dos indígenas e dos não indígenas, todos tem o direito de serem respeitados” “Eu acho que mesmo que haja diferenças nós devemos resgatá-las” “Eu acho bonita a cultura indígena, e não vejo diferença entre mim e eles” “Eu acho legal ter pessoas com culturas diferentes em Dourados” “Devemos trata-los com respeito” “Acho que as pessoas precisam ter mais respeito pelos povos indígenas, temos os nossos direitos como pessoas, acho também que precisam saber mais sobre os direitos indígenas e parar de discriminar o nosso povo, merecemos igualdade” “Pessoas que perderam suas terras para pessoas que acham que o mundo gira em torno de si, mas agora temos que nos defender e devolver suas terras” “Bom primeiramente eu queria que nossa cidade para ter mais respeito para mim que sou indígena. Como o respeito e não preconceito” “Todos somos iguais e merecemos respeito” “Não ao PL 490” “os nativos são indígenas” Quem não conhece a luta não deve opinar... Os indígenas merecem respeito” “Na minha concepção temos que valorizar os povos indígenas, eles foram uma parte muito importante para o Brasil e vejo que muita gente tem preconceito e isso deveria ser extinto” “Eu acho uma coisa bem normal, afinal somos todos</p>	<p>“Na minha opinião, os indígenas deveriam ter mais espaço de poder na política e no trabalho”.</p>

<p>humanos, não acho certo ter tanta discriminação com os povos indígenas. Eu já presenciei muitas pessoas com medo ou até mesmo nojo deles. E eu simplesmente acho isso horrível. Gostaria que as pessoas não fossem dessa maneira”</p> <p>“Acho que os indígenas sejam pessoas muito trabalhadoras, fortes e importantes para a história do Brasil”</p> <p>“Na minha opinião é que o conteúdo dos povos indígenas deveria estudar sobre cultura e como eles vivem”</p> <p>“Eu faço parte de um clube e uma vez fomos ajudar indígenas com alguns problemas, então vi que não tem muita diferença deles para nós”</p>	
<p>“Não sei”</p> <p>“Não sei”</p> <p>“Nunca vi ou presenciei algo da vida deles, na verdade presenciei, porém era muito nova e não lembro muito bem”</p> <p>“Não sei, nunca presenciei alguma discriminação ou algo do tipo”</p> <p>“Não conheço muito sobre a cultura, mas tenho interesse em conhecer a reserva indígena e saber mais sobre a cultura”</p> <p>“Minha opinião é que a gente (alunos) venhamos saber mais dos indígenas”</p> <p>“Estou em Dourados a menos de 1 mês, nunca participei e nem presenciei nada dos povos indígenas”</p> <p>“Não lembro de ter visto ou presenciado algo do tipo”</p> <p>“Bom, eu não tenho interação com os indígenas de Dourados, então eu não sei dizer como eles vivem”</p>	<p>“Não sei”.</p> <p>“Nunca vi e nem presenciei nada”.</p>
<p>“Os indígenas tem 10 vezes a nossa força”</p> <p>“Acho a cultura indígena incrível e acho importante abordar esse assunto principalmente nas escolas. Xenofobia é crime! Não cometa!”</p> <p>“Acho a cultura indígena muito extensa. A diversidade, métodos de caça, formas de construções. Alguns vivem em Dourados os que eu vejo normalmente ficam perto das matas ou andam de bike próximos a Planacom. Mas nunca vi um “verdadeiro indígena” tipo que vive dentro da mata e caça com flecha”</p>	<p>“Acho a cultura indígena incrível e acho importante abordar esse assunto principalmente nas escolas.”.</p>
<p>“Estava na praça Antônio João e vi uma aldeia de índio lá”</p> <p>“Nesse ano eu na sala de artes fiz desenhos e atividades”</p> <p>“Acho que a vida que eles levam é triste, ninguém ajuda-os pelo que eu vejo. Uma vez fui vítima de</p>	<p>Falas e relatos pessoais</p>

tentativa de estupro, pois moro perto da aldeia, isso me deixou com medo do que os índios podem fazer. Acho que eles são afastados do povo e os políticos não ligam para eles, só em época de eleição. Em relação a circulação deles acho que eles deviam ficar apenas na aldeia e que os prefeitos melhorem a vida deles, pois várias pessoas (eu), tem medo” “Quando eu convivi com indígena era muito bom, ainda quando nós brincava de pega pega e jogar bets”. “Hoje (06/06/23) um indígena tocou a campainha da minha casa e meu pai mandou ele tomar no cú”	
“Nas passeatas do Lula/PT”	“Nas passeatas do Lula/PT”
47 alunos(as) “Não responderam”	

Diante das respostas que trazem várias percepções e opiniões sobre os povos indígenas na cidade de Dourados, podemos observar relatos nos mais diversos âmbitos: situação socioeconômica, preconceitos, respeito, experiências pessoais, percepções culturais e considerações de igualdade.

Em relação as percepções de pobreza e necessidade no primeiro grupo de respostas (“Pobreza”, “Sem comida, água, talheres, etc.”) muitos alunos mencionam a pobreza e as necessidades materiais que estão presentes na vida de muitos da população indígena de Dourados.

Outros alunos reconhecem que o preconceito e a discriminação (“Sofrem preconceito”, “*Bullying*”, “Olha de cara feia”) está presente no cotidiano da cidade de Dourados e que os povos indígenas podem enfrentar, tanto na forma de atitudes hostis quanto de estereótipos negativos. Alguns alunos ainda destacam a necessidade de respeitar os povos indígenas e rejeitam atitudes xenofóbicas e preconceituosas, (“Devemos tratar os indígenas com respeito”, “Eles são bem importantes”).

O reconhecimento da cultura indígena, presente em algumas respostas, (“Cultura, artesanato, comidas, remédios”) mostra que os alunos reconhecem e valorizam as contribuições culturais dos povos indígenas, como sua arte, comida e conhecimento tradicional. Várias ainda enfatizam a importância dessa diversidade cultural e da igualdade, rejeitando a noção de diferenças significativas entre indígenas e não indígenas, (“Culturas diferentes em Dourados”, “Não vejo diferença entre mim e eles”).

Algumas respostas destacam que a vida dos povos indígenas é normal, similar à de todos os cidadãos, enquanto outras observam a coexistência de indígenas na cidade e

na aldeia (“Vida normal como todos os outros”, “Vivem na sociedade como todos”). Outras falas sugerem que os povos indígenas merecem melhores oportunidades e condição de vida em vários aspectos da sociedade, como política e trabalho. (“Deveriam ter mais espaço na política e no trabalho”, “Melhorar a situação deles”).

Outros ainda trazem em suas escritas e desenhos experiências pessoais (“Já participei de brincadeiras indígenas”, “Meu pai mandou ele tomar no cú”) demonstrando uma interação com indígenas, seja positiva ou negativa.

Alguns comentários e relatos, como “No dia do índio eles se pintam”, “Índios com mais força”, reforçam informações diversas sobre tradições indígenas, experiências pessoais e opiniões pontuais. Além de reproduzir estereótipos e estigmas quanto a imagem que eles conhecem pelo livro didático.

Em geral, as respostas refletem a complexidade das percepções e opiniões dos alunos sobre os povos indígenas em Dourados, trazendo desde falas empáticas até pensamentos críticos e mais profundos (“Os povos indígenas sofrem com a invasão dos seus territórios para atividades ilegais”) ou sobre a situação de extrema pobreza que alguns indígenas passam até as relações íntimas de amizade, abrangendo uma variedade de sentimentos, conhecimentos e experiências pessoais.

CAPÍTULO 3

O IMAGÉTICO: AS EXPRESSÕES VISUAIS MATERIALIZANDO A VIDA DA POPULAÇÃO INDÍGENA NA CIDADE DE DOURADOS (MS) A PARTIR DO OLHAR DOS ESTUDANTES

Neste capítulo, exploramos as formas como os estudantes da escola Castro Alves em Dourados/MS se expressaram visualmente sobre a vida dos povos indígenas através de seus desenhos. A proposta de incentivar os alunos a desenhar suas percepções e sentimentos sobre a vida indígena resultou em um valioso conjunto de representações visuais, que oferecem uma janela para as suas experiências e percepções. As ilustrações, mais do que simples imagens, emergem como textos visuais carregados de significados complexos, proporcionando uma compreensão mais profunda e empática da realidade vivida pelos indígenas na Reserva e nos espaços urbanos da cidade.

3.1 ILUSTRAÇÕES REPRESENTATIVAS: DESENHOS DE COMO VIVEM OS INDÍGENAS NA CIDADE DE DOURADOS/MS.

A proposta dos desenhos na pergunta número dez (*“Esse espaço fica reservado para que, se assim desejar, você possa deixar sua opinião, relatar alguma situação que você participou ou presenciou ou até mesmo fazer um desenho do que sente sobre a vida dos povos indígenas em Dourados”*), possibilitou aos alunos se expressassem de formas diferentes - e o resultado foi excelente - já que tivemos a possibilidade não só de ler opiniões, mas também vê-las, uma vez que a imagem nos faz sentir diferentes, transita outras partes do nosso cérebro e mexe com nossas emoções. Nessas explorações e confrontos, o objetivo é restaurar nas imagens sua significância e capacidade linguística, posicionando-as como algo expresso nelas mesmas e não apenas como representações do que está ausente nelas (OLIVEIRA JR., 2013, p. 304-6), ou seja, a proposta de utilizar desenhos como forma de expressão sobre a vida dos povos indígenas em Dourados, nos possibilitou entender que os desenhos não são apenas ilustrações, mas sim textos visuais que carregam significados complexos e que podem contribuir para uma compreensão mais profunda e empática da realidade da situação em que os indígenas vivem na Reserva e nos espaços urbanos da cidade.

A relação entre imagem e poder é discutida por Stuart Hall em *Representação: Representações Culturais e Práticas de Significação*, de 1997. Na obra, Hall discute a forma como as representações culturais, incluindo imagens, são construídas e como elas influenciam a percepção e a reprodução de ideologias dominantes na sociedade.

As produções artísticas apresentadas nos desenhos revelam uma abordagem sensível e multifacetada das relações entre as crianças e a cultura indígena em Dourados/MS. Cada desenho, concebido por crianças de diferentes idades, origens étnicas e experiências de vida, oferece uma perspectiva única e autêntica sobre a convivência e interação ou não com os povos indígenas, Judith Butler (1993) em *Corpos que importam*, examina como as representações culturais, como os desenhos das crianças, refletem e moldam as ideias e valores sociais. Cada desenho pode ser visto como uma forma de representação cultural que expressa tanto as percepções individuais das crianças quanto as influências da cultura dominante.

Se nas criações em imagens as derivas efetivadas foram bastante instigantes, nas experimentações educativas houve variadas e constantes invenções feitas por estudantes de todos os níveis de ensino. Desde pós-graduandos, como os que criaram os mapas logo acima, até crianças do Ensino Fundamental, passando por jovens do Ensino Médio e graduandos de diversas licenciaturas, as imagens escaparam de seus únicos sentidos habituais de representação e documento para compor um mosaico de possibilidades de sentidos e criações que extrapolam qualquer tentativa de síntese (GASPAROTTI, FRANCO, 2017, p. 39).

No trabalho apresentamos os desenhos em subseções e a disposição das imagens nos faz compreender que o imagético também tem seus conceitos representativos: *Corpo - Fogo, dança e rituais – Lugar de morada, Casa – Lugar, território – Futebol, convivência, brincadeira, lugar de alegria - Trânsito/ transporte na reserva na cidade, andar pela cidade, relações cidade/reserva e o pedir – Cidade, suas relações e tensões*. Ao combinar essas perspectivas teóricas é possível entender os desenhos dos estudantes como artefatos culturais significativos que oferecem percepções valiosas sobre suas experiências e relações com a cultura indígena, contribuindo para uma compreensão mais rica. Umberto Eco (2007), ao reforçar a teoria da representação e da semiótica, discute como os signos e símbolos, incluindo imagens, carregam significados culturais e simbólicos. Ao organizar os desenhos em categorias temáticas, reconhecemos que cada tema possui seus próprios códigos e significados culturais, ou seja, ao destacar temas como corpo, lugar, convivência e tensões urbanas, estamos dizendo que as imagens não são meras representações, mas sim reflexos e construções ativas da cultura (Stuart Hall e John Berger).

As ilustrações representadas em “corpo” trazem a imagem do indígena sempre coberto por adereços, pintura no rosto, cocar na cabeça, característicos da cultura indígena, porém, as expressões faciais são diferentes, o gênero é diferente. O que nos

coloca a pensar sobre questões que estão intimamente ligadas ao corpo e ao processo de identificação cultural. Ao combinar essas perspectivas teóricas, podemos entender as ilustrações como exemplos da complexidade das identidades culturais indígenas, que desafiam noções simplistas de corpo, gênero e identidade, permitindo questionarmos e problematizarmos as normas culturais e sociais que moldam nossas percepções e entendimentos do corpo e da identidade. Bourdieu reafirma que os corpos são moldados cultural e socialmente, portanto, quando as ilustrações colocam o indígena adornado com elementos culturais específicos, nada mais é do que a expressão cultural de um povo.

Mais uma vez Judith Butler (1993) contribui ao tocar na questão do gênero, ressaltando que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma performance socialmente construída. A variação de gênero nas ilustrações sugere que as identidades de gênero são fluidas e socialmente construídas, desafiando noções binárias e essencialistas de gênero. Além de Butler, também Kimberlé Crenshaw (2013) discute a interseção de gênero, raça, classe e outras formas de identidade. Então, as ilustrações podem ser vistas como representações das complexidades das identidades indígenas que são moldadas não apenas pelo gênero, mas também por outras dimensões de identidade. Por outra ótica, Stuart Hall (2013) e Homi Bhabha (1998) argumentam que a identidade é construída através de processos de representação e negociação cultural. A variação nas expressões faciais e gêneros nas ilustrações mostra uma multiplicidade de identidades indígenas que perpassam os estereótipos simplistas.

Os elementos visuais presentes nos desenhos - como casas de palha, árvores frondosas, crianças brincando e rituais culturais - emergem como símbolos poderosos de identidade, comunidade, cultura, modo de vida e conexão com a natureza. A presença recorrente de crianças em meio a cenários evoca a importância da cultura para o indígena, tanto para os estudantes indígenas como os não indígenas. A alegria, o futebol e a brincadeira e descoberta, destacando a importância do respeito mútuo e da amizade na construção de relacionamentos interculturais significativos.

Tim Ingold (2007) e Kopenawa (2016) enfatizam a interconexão entre cultura e ambiente. Os elementos naturais presentes nos desenhos, como árvores, matas, rios, fogo, são expressões da relação íntima entre os povos indígenas e a natureza, destacando sua conexão e dependência mútua. Ainda Lévi-Strauss (1996) enfatiza que os símbolos culturais são utilizados para comunicar significados complexos, sendo assim, as casas de palha e os rituais culturais representados nos desenhos são símbolos

poderosos de identidade e conexão cultural para os povos indígenas. Novamente Stuart Hall e Homi Bhabha discutem como as culturas se encontram e se entrelaçam em contextos interculturais. Os elementos de alegria, futebol e brincadeira nos desenhos sugerem a importância do respeito mútuo e da amizade na construção de relacionamentos significativos entre estudantes indígenas e não indígenas.

As ilustrações também tocam na diversidade de contextos familiares, experiências individuais e percepções sobre os povos indígenas proporcionando uma visão abrangente das relações entre diferentes grupos étnicos na cidade de Dourados onde indígenas transitam nos diferentes espaços urbanos. Enquanto alguns desenhos refletem um profundo respeito e admiração pela cultura indígena, outros revelam uma curiosidade genuína e um desejo de aprendizado sobre essa rica herança cultural. Diante dos desenhos apresentados e analisados, entendemos as relações interculturais e das identidades étnicas em Dourados e é possível perceber que ela é multifacetada nas dinâmicas culturais na cidade.

Em seus estudos, Silva (2018) cita Brand (2013) quando diz que:

A transferência dos indígenas para dentro das reservas demarcadas vai acarretar profundas transformações para a vida dos Guarani e Kaiowá, que tiveram seus espaços bruscamente reorganizados, não respeitando os padrões tradicionais existentes até aquele momento no interior de seus tekoha; profundas mudanças na economia, por meio da imposição do trabalho assalariado como forma de subsistência; alterações no sistema de chefias com o surgimento e fortalecimento da figura do capitão acarretando na expressiva deteriorização da saúde e aumento da violência interna.

Diante disso, entendemos que as práticas culturais e sociais em contextos urbanos, mostradas nas ilustrações que expõem indígenas transitando nos espaços urbanos de Dourados, revelam a complexidade das identidades indígenas na cidade, destacando como esses grupos étnicos se adaptam e negociam sua presença em ambientes urbanos. Stuart Hall e Judith Butler discutem como as identidades são construídas em relação à diferença. Os desenhos que retratam a diversidade de contextos familiares e experiências individuais refletem a complexidade das identidades étnicas e culturais em Dourados, mostrando como diferentes grupos étnicos coexistem e interagem na cidade.

É especialmente notável o engajamento de algumas crianças em defender a importância de conhecer e valorizar a cultura indígena nas escolas, destacando a relevância do ensino intercultural e da promoção do respeito à diversidade desde tenra

idade. Essa consciência social e cultural manifesta-se não apenas nos desenhos, mas também nas reflexões e experiências pessoais compartilhadas pelos alunos. Ao analisarmos os desenhos e falas presentes no trabalho, é possível entender o engajamento dos alunos adolescentes em defender a valorização da cultura indígena como reflexo de uma educação que promove a consciência crítica, a aprendizagem intercultural e o respeito à diversidade. Bell Hooks (1993) em *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* enfatiza a importância da educação crítica, que promove a consciência social e cultural dos alunos. A vontade e engajamento dos estudantes em defender a valorização da cultura indígena indica uma consciência crítica sobre as questões de justiça social e cultural e uma disposição para agir em prol da promoção da diversidade e do respeito mútuo, desafiando narrativas dominantes e reconhecendo a importância de culturas marginalizadas pela sociedade.

Alguns estudantes reproduziram em seus desenhos a situação de preconceito enfrentada pelos indígenas diariamente em Dourados/MS., tanto nos textos como nas ilustrações. Identificam-se elementos que destacam a construção do indígena como o "outro". Apesar de a diferença ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo (WOODWARD, 2009), em alguns desenhos, observamos que essa diferença é construída de forma negativa, por meio da exclusão ou marginalização das pessoas que são consideradas como os "outros", neste caso, os indígenas. Dividir o mundo social entre "nós" e "eles" implica em classificar [...] Essa divisão e classificação também envolve hierarquizar. Ter o privilégio de classificar implica também ter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (SILVA, 2000). A pesquisadora Solange Silva (2018), que desenvolveu um trabalho parecido com esse, onde expôs desenhos feitos por estudantes indígenas da RID, destaca que, em alguns casos, o discurso produzido por parte dos moradores não indígenas da cidade (e reproduzido pelos alunos) revela concepções preconceituosas e intolerantes às quais os Guarani e Kaiowá são submetidos.

Em suma, os desenhos e narrativas apresentados neste trabalho oferecem uma janela fascinante para as experiências e percepções dos estudantes da escola Castro Alves em relação aos povos indígenas em Dourados. Eles nos convidam a refletir sobre a importância da inclusão, da empatia e do diálogo intercultural como pilares fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e respeitosa com todas as suas diversidades.

3.2 CORPO

Figura 9. Um Curumim. Um menino contente!

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

O sorriso tímido e leve, olhos fechados/“puxados”, contudo, felizes.

Rosto arredondado, cabelos lisos, curtos. Corpo – *sem* braços e *sem* pernas – nu, a não ser...

Um adereço junto à cintura para cobrir suas “vergonhas”... (Quase igual à primeira narrativa portuguesa/europeia sobre as gentes daqui, de um tal Pero Vaz de Caminha: “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”³...). Outro, junto à cabeça, um cocar de penas, um *enfeite*, como a elevar o menino contente também às alturas.

³ Sim, a carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500 durante a expedição de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, menciona a prática de cobrir as “vergonhas” dos nativos. Essa expressão se refere ao hábito dos povos indígenas de utilizar adornos corporais e pinturas para cobrir suas partes íntimas. Na carta, Caminha descreve suas observações sobre os costumes e comportamentos dos nativos encontrados na terra recém-descoberta, incluindo essa prática cultural. A passagem em que ele menciona isso é uma das partes mais conhecidas da carta, e destaca a percepção dos europeus sobre as diferenças culturais

Entre o adereço *de baixo* e o *de cima*, um corpo, mesmo *em corte*, a segurar, talvez, a terra/*tekoha* em *chão* e a *busca do céu sem males*.

*

O desenho foi feito por E., pardo, 12 anos, aluna de uma sétima série.

Mora no Jardim Novo Horizonte.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem amigos com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas, apontando os aspectos culturais, aparência e etc.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os indígenas nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa.

Ele gostaria de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e que é importante na escola.

*

O texto descreve um desenho feito por E., uma menina de 12 anos. Embora E. não tenha origem indígena e nunca tenha visitado uma reserva, o desenho reflete sua conexão com a cultura indígena, possivelmente influenciada pelos amigos que tem essa origem e pelo que aprendeu na escola. Ela reconhece as diferenças culturais entre indígenas e não indígenas, mas não relata ter presenciado preconceito contra indígenas.

Através dessa representação, E. expressa um interesse em aprender mais sobre a cultura indígena e reconhece sua importância na escola. O desenho não apenas reflete a imaginação e criatividade da artista, mas também destaca a necessidade de uma educação inclusiva que valorize e respeite as culturas diversas, como a dos povos indígenas.

Figura 10. Uma Curumim



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

A menina não parece tão contente.

Não tem sorriso no olhar e muito menos nos lábios.

Seus adereços parecem tão bonitos quanto o do “Curumim” no entanto suas expressões nem tão alegres assim. Talvez suas vergonhas vão além de suas vestimentas, pois uma menina quase mulher enfrenta pensamentos e hormônios conflituosos.

Cocar na cabeça, plumas na cintura e no rosto suas pinturas. A feição não parece de uma menina Guarani, no entanto o semblante é de algumas adolescentes Guarani que conheci.

*

O autor do desenho não se identificou., idade 10 anos, branca, aluna de um sexto ano.

Mora no Jardim Novo Horizonte.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas.

Disse já ter presenciado situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os indígenas na disciplina de Artes.

Não gostaria de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas disse achar importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

Acima temos a descrição de um desenho feito por um autor não identificado, uma criança de 10 anos, que retrata uma menina com uma expressão séria e desanimada. Apesar dos adereços coloridos em sua cabeça e cintura, como um cocar e plumas, sua expressão parece refletir uma tristeza ou conflito interior ou uma transição para a adolescência.

O autor do desenho não tem origem indígena, nunca visitou uma reserva e não tem amizade com indígenas. No entanto, ele relata ter presenciado situações de preconceito contra indígenas. A representação da menina no desenho pode ser interpretada como uma reflexão sobre a complexidade das identidades e das experiências pessoais, bem como sobre os desafios enfrentados por aqueles que estão em processo de amadurecimento. A obra destaca a importância de abordar questões culturais e étnicas nas escolas, mesmo que alguns alunos possam não se sentir diretamente conectados a essas temáticas.

Figura 11. *Kunhã Poranga*



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Há leveza em suas plumas, parecem querer flutuar.

Por trás de seu olhar vago e concentrado tem uma “*Kunhã Poranga*”⁴.

Somente o busto é ilustrado com uma cabeça pequena e delicada, os cabelos lisos com as plumas parece se misturar, os traços feitos de forma leve dão exatamente a sensação que uma pena costuma passar.

Um belo cocar apontado pro alto parece querer alcançar o “*Yvy Marã Ey*”⁵- *O mito da Terra sem Males*”.

O mais difícil, no entanto, é descobrir o que *Kunhã Poranga* está a pensar/imaginar...

⁴ “*Kunhã poranga*” é uma expressão em tupi-guarani que pode ser traduzida aproximadamente como “mulher bonita” ou “mulher formosa”. “*Kunhã*” significa “mulher” e “*poranga*” pode ser interpretado como “bonita” ou “formosa”. “O significado de cunha poranga” sugere uma exploração específica do termo “*Kunhã Poranga*” dentro desse contexto mais amplo de corpo, cultura e poder. Compreender como as noções de beleza, desejo, identidade e status são construídas em torno do corpo e como essas construções são influenciadas por fatores culturais e estruturas de poder (SANTOS, 2022).

⁵ “*Yvy Marã Ey*” é um conceito fundamental na cosmologia guarani e refere-se à Terra sem Males. Na mitologia guarani, a *Yvy Marã Ey* é vista como uma terra ideal, um paraíso terrestre onde não há doenças, fome, guerras ou sofrimento. É um lugar de plenitude, harmonia e felicidade (BARBOSA, 2014).

*

O desenho foi feito por M. F., 14 anos, branca, aluna do sétimo ano.

Mora na Vila Rosa

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os indígenas na disciplina de Artes.

Ela gostaria de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e disse achar importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A descrição de um desenho feito por M. F., uma adolescente de 14 anos, que retrata uma figura feminina com plumas leves e delicadas, sugerindo uma sensação de flutuação. Apesar do olhar vago e concentrado, há uma aura de beleza e mistério ao redor da figura, a menina do desenho foi identificada como "*Kunhã Poranga*", termo que remete à beleza feminina na língua tupi-guarani.

No entanto, o texto levanta a questão intrigante sobre o que exatamente *Kunhã Poranga* está pensando ou imaginando, adicionando uma camada de mistério e interpretação à obra.

Embora M. F. não tenha origem indígena, nunca tenha visitado uma reserva e não tenha amizade com indígenas, ela expressa interesse em conhecer mais a cultura dos povos indígenas e considera importante que essa cultura seja abordada nas escolas. Essa atitude demonstra uma abertura para aprender e apreciar a diversidade cultural, mesmo que não haja uma conexão direta com essa étnia.

Em suma, o desenho de M. F. oferece uma representação artística cativante de *Kunhã Poranga*, envolta em uma atmosfera de leveza e beleza, enquanto suscita reflexões sobre a cultura indígena a relação do imaginário com o corpo aqui representado pelo busto de uma menina/mulher.

3.3 O SIMBOLISMO DO FOGO, DA DANÇA E DOS RITUAIS COMO IDENTIDADE CULTURAL

É uma instituição próxima da descrita pelos antropólogos como família nuclear, mas é necessário aprendê-la dentro do campo problemático das instituições sociais Kaiowa, dando especial atenção para a sua composição e operacionalidade. Por esse motivo é preferível utilizar o termo na língua guarani ou traduzi-lo como “fogo doméstico”, já que enfoca a comensalidade, metaforicamente representada na força atrativa do calor do fogo, que aquece as pessoas em sua convivência íntima e contínua (PEREIRA, 2011, p. 7).

Diante das ilustrações a seguir, sentiu-se a necessidade de relembrar a importância do fogo para as famílias indígenas, já que os estudantes expressaram várias vezes, através dos desenhos, a fogueira e o fogo, como parte simbólica da cultura desses grupos sociais.

O calor do fogo simboliza a convivência íntima e contínua das pessoas e sugere que a compreensão dessa instituição deve levar em conta não apenas a estrutura e composição, mas também a dinâmica das relações interpessoais, destacando a importância da convivência e da intimidade no contexto social dos povos indígenas.

Figura 12. O fogo das festas



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Festa do fogo

Ele é vivo, é colorido, é quente...

Com quatro “paus” se faz uma fogueira amarela e laranjada.

Ela pode iluminar um sarau, aquecer uma conversa, unir os amigos em sua volta. As boas festas sempre têm uma dessas, festa junina, costela no fogo de chão e nos rituais de transição, do Norte, Nordeste ou no Sul, sempre esquentando os corações...

“Quando isso não ocorre, o fogo se dissolve⁶”.

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou, 13 anos, pardo(a), aluna(o) de um sétimo ano.

Mora na rua José de Alencar.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas imagina que lá tenha muitos indígenas, muita terra, etc...

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas e justifica, “- Não, porque são humanos também”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

Não sente vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas disse achar importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O texto descreve a representação simbólica de uma fogueira, feita por um autor de 13 anos, cuja identidade não foi revelada. A fogueira é descrita como algo vivo, colorido e quente, com a capacidade de iluminar e aquecer diversas ocasiões, como festas juninas, encontros de amigos e rituais de transição

Apesar de não ter uma identidade indígena e nunca ter visitado uma reserva, o autor imagina que existam muitos indígenas e uma vasta extensão de terra. Ele tem amizade com indígenas e não vê diferenças entre eles e os não indígenas, pois os considera igualmente humanos. Ele também relata não ter presenciado situações de preconceito contra indígenas.

⁶ Fala de Levi Marques Pereira, Graduado em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1989), mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (1999) e doutor em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo -USP (2004) em sua Dissertação fala sobre a importância do fogo doméstico para os Kaiowá.

Embora não sinta uma forte vontade de conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas, o estudante reconhece a importância de que essa cultura seja ensinada nas escolas. Essa atitude demonstra uma valorização da diversidade cultural e uma compreensão da relevância de aprender sobre as diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira.

Em suma, o texto destaca a importância simbólica da fogueira como elemento de união e calor humano em diversas celebrações, enquanto também reflete sobre a atitude do autor, como o fogo sendo um símbolo da cultura indígena.

Figura 13. Chama/língua de fogo/labareda



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Tão forte quanto a “cor” e o calor do fogo, são seus formatos

Ao ser aceso em um punhado de madeira, as labaredas de fogo começam a ganhar força e em uma espécie de baile as chamas começam a se movimentar e sem nem perceber surgem formas, cores, faíscas.

Diante desse desenho percebemos que o fogo é tão forte que não precisa de madeiras e cores para ser compreendido como tal...

... Ele tem forma.

*

O desenho foi feito por R., 12 anos, pardo, aluno de uma sétima série.

Mora perto do Mercado Feliz.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas acredita que lá tenha várias casas humildes.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas e justifica, “- Não há diferenças, pois todos somos humanos.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

Uma visão poética sobre o fogo é feita na descrição do desenho, destacando sua força e sua capacidade de criar formas e movimentos enquanto “dança”. As labaredas do fogo, ao serem acesas, começam a ganhar vida própria, transformando-se em um espetáculo de cores, formas e faíscas que podem dançar diante dos olhos dos espectadores. Essa descrição sugere uma percepção mais profunda do fogo, não apenas como uma fonte de calor e luz, mas também como uma entidade com vida e forma próprias.

O autor do desenho, R., de 12 anos, apesar de não ter origem indígena e de nunca ter visitado uma reserva, expressa interesse em conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas e reconhece a importância de que essa cultura seja ensinada nas escolas. Ele destaca a igualdade entre indígenas e não indígenas, enfatizando que todos são humanos.

Através dessa reflexão, ressalta-se a beleza e a complexidade do fogo, que transcende sua função física para se tornar uma manifestação artística da natureza.

A disposição do desenhista em aprender mais sobre a cultura indígena e sua valorização da diversidade cultural demonstram uma postura de respeito e abertura para com outras culturas, enriquecendo sua própria compreensão do mundo e da sociedade.

Figura 14. O perfume que o fogo tem



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Onde há fogo, tem fumaça...

Além de forma o fogo tem cheiro...

Uma casa marrom, um varal com roupas estendidas, uma fogueira vibrante e o perfume que sai do fogo alcançando a casa e defumando as roupas no varal.

Um desenho que exala na consciência, que materializa falas. O perfume que não serve somente para aromatizar, ele serve pra cozinhar, pra reunir, pra aquecer, pra iluminar e inebriar...

*

O desenho foi feito por K. V., 12 anos, se caracterizou como vermelha/preta, aluna de um sétimo ano.

Mora no Jardim Monte Alegre

Sua família tem origem indígena “- Segundo grau paterno”.

Já visitou a Reserva Indígena de Dourados e fala que lá é: “- Muito desorganizado, meu irmão mora lá”.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, não estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e não acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

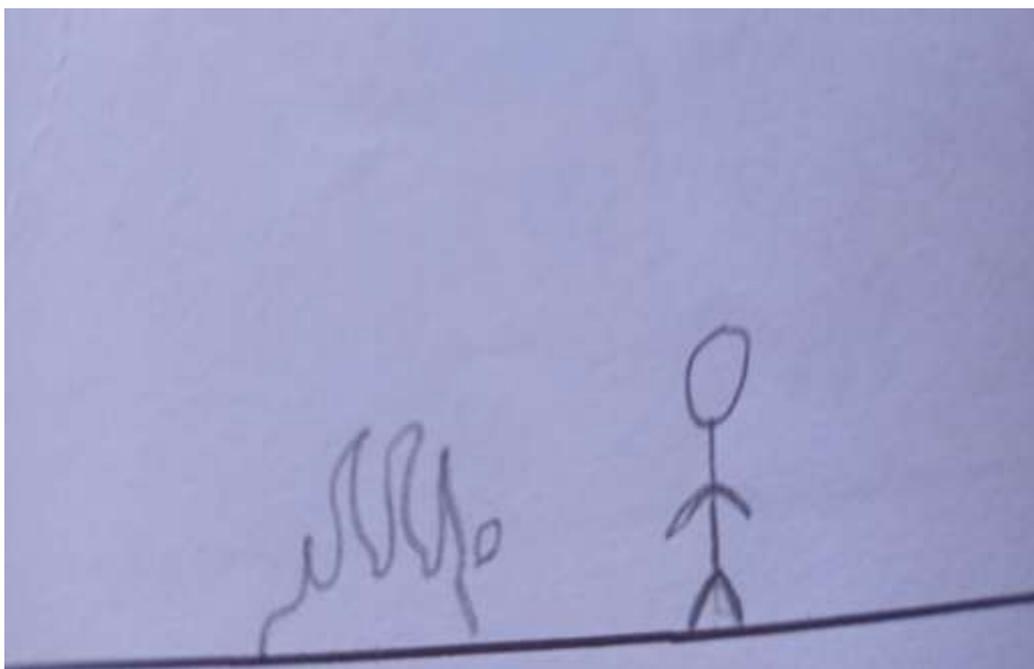
Acima temos o desenho realizado por K. V. de 12 anos, que oferece uma representação vívida e sensorial de um cenário cotidiano, onde a presença do fogo e sua fumaça desempenham um papel central na vida da comunidade. A casa marrom e o varal com roupas estendidas indicam um ambiente familiar e doméstico, enquanto a fogueira vibrante no centro do desenho emana calor e perfume que alcança a casa e defuma as roupas no varal.

A descrição do perfume do fogo como um elemento que não serve apenas para aromatizar, mas também para cozinhar, reunir, aquecer, iluminar e inebriar... Sugere uma compreensão profunda e poética da importância do fogo na vida humana. É uma evocação da riqueza simbólica e prática desse elemento essencial, que vai além de suas propriedades físicas para se tornar uma metáfora da conexão humana, da comunidade e da sustentação da vida.

Embora K. V. tenha origem indígena pelo lado paterno e já tenha visitado a Reserva Indígena de Dourados, sua falta de relação de amizade com indígenas e sua falta de interesse em conhecer mais sobre sua cultura refletem uma desconexão com suas próprias raízes. Sua opinião de que não é importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas também revela uma falta de valorização da diversidade cultural e da importância de reconhecer e preservar as tradições dos povos indígenas.

No entanto, o desenho de K. V. ainda assim oferece uma visão sensível e poética da vida cotidiana, destacando a importância do fogo como um elemento vital e simbólico na experiência humana. Sua obra convida à reflexão sobre a conexão entre os seres humanos e a natureza, bem como sobre a necessidade de reconhecer e valorizar as tradições culturais dos povos indígenas como parte integrante da identidade e da herança cultural de uma sociedade.

Figura 15. O fogo que identifica



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um boneco “palito”...

Somente um boneco “palito” e uma labareda de fogo, a pessoa ilustrada com braços, pernas e corpo em forma de palito e uma cabeça em cima sem qualquer expressão, cheia de vazio, diante do fogo.

O que o identifica como indígena?!...

O fogo.

Pertencer a um fogo é a pré-condição para a existência humana entre os Kaiowá (PEREIRA, 2004, p. 51). Portanto o fogo está intimamente relacionado aos povos indígenas no imaginário do não indígena, sendo um símbolo de identitário.

*

O desenho foi feito por J., 11 anos, branca, aluna de um sexto ano.

Mora no Jardim Guaicurus.

Sua família não tem origem indígena.

Já visitou a Reserva Indígena de Dourados e relata ser um lugar muito agradável e com pessoas normais.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, e acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

Um desenho feito por J., uma criança de 11 anos, que retrata um boneco "palito" diante de uma labareda de fogo. O boneco é representado de forma simplificada, com braços, pernas e corpo em forma de palito e uma cabeça vazia, sem expressão. A única identificação do personagem como indígena é o fogo que o cerca. Essa associação é explicada como uma pré-condição para a existência humana entre os Kaiowá, destacando o fogo como um símbolo identitário para os povos indígenas.

Apesar de não ter origem indígena, J. expressa interesse em conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas e reconhece a importância de que essa cultura seja ensinada nas escolas. Ela relata ter visitado a Reserva Indígena de Dourados e descreve o lugar como agradável, com pessoas normais. Embora não tenha amizades indígenas e nunca tenha presenciado situações de preconceito contra indígenas, ela destaca a igualdade entre indígenas e não indígenas, enfatizando que não há diferenças entre eles. Sua disposição em aprender mais sobre a cultura indígena e sua valorização da diversidade cultural evidenciam uma atitude de respeito e abertura para com outras culturas, enriquecendo sua própria compreensão do mundo e da sociedade.

Figura 16. Seus rituais

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Diante de uma pequena morada, a imagem ilustrada de um/uma indígena se apresenta vestido/vestida de polheira⁷, adereço na cabeça e um maracá na mão, uma “fogueira” (talvez) para aquecer e iluminar a dança, o ritual.

Uma cerimônia solitária, porém animada, pois em seu rosto um sorriso tímido se faz... na persistência da sua (re)existência cultural.

*

O desenho foi feito por L., 12 anos, branca, aluna de um sétimo ano.

Mora no Jardim Clímax.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados. Complementa sua resposta dizendo que: “- Deve ter vários indígenas, acho que é tipo um bairro normal”.

⁷ A "polheira" é uma peça tradicional de vestuário usada por mulheres indígenas da etnia Guarani. É uma espécie de saia longa, geralmente feita de tecidos coloridos e adornada com diferentes padrões e bordados. Essa saia é uma parte importante do traje tradicional Guarani e carrega consigo significados culturais e simbólicos importantes para o povo Guarani. É usada em ocasiões especiais, cerimônias e eventos culturais, e muitas vezes é tecida à mão pelas próprias mulheres Guarani, utilizando técnicas tradicionais transmitidas ao longo das gerações. A "polheira" é um elemento distintivo da indumentária feminina Guarani, que reflete a rica tradição e identidade cultural desse povo. Informação obtida em conversa com amiga Guarani Ñandeva Beatriz Vera, 2024

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas “- Nenhuma ... é pessoa do mesmo jeito”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História, Geografia e Artes.

Ela diz não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho feito por L., uma adolescente de 12 anos, que retrata a imagem de um indígena diante de uma pequena morada, vestindo uma polheira e segurando um maracá na mão. O indígena parece estar em meio a uma cerimônia solitária, porém animada, com um sorriso tímido em seu rosto, simbolizando a persistência de sua existência cultural.

A estudante não tem origem indígena e nunca ter visitado uma reserva, L. imagina que esses lugares sejam habitados por vários indígenas, comparando-os a um bairro normal. Embora não tenha amigos indígenas e nunca tenha presenciado situações de preconceito contra indígenas, ela expressa a opinião de que não há diferença entre indígenas e não indígenas, pois todos são pessoas da mesma forma. Apesar de a estudante não sentir vontade de conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas, L. reconhece a importância de que essa cultura seja trabalhada nas escolas. Sua atitude demonstra uma compreensão da necessidade de valorizar e respeitar a diversidade cultural, mesmo que isso não desperte um interesse pessoal.

Em suma, a valorização da cultura indígena como parte do currículo escolar demonstra um compromisso com a promoção da igualdade e do respeito entre diferentes grupos étnicos.

Figura 17. Fogo e Maracá

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Duas “pessoas” na apreciação de uma fogueira...

O corpo desenhado como boneco palitinho, os lábios a sorrir, um menino e uma menina/um homem e uma mulher, o que diferencia um do outro são os cabelos, porque o corpo é neutro.

Com os lábios a sorrir, parece que a fogueira além de fornecer calor, fornece também bem-estar, talvez por isso eles seguram em suas mãos Maracá⁸, pois se o fogo fornece alegria o Maracá também há de alegrar.

*

O desenho foi feito por L., 11 anos, branca, aluna de um sexto ano.

⁸ O maracá é considerado mais do que apenas um instrumento musical; ele é frequentemente imbuído de significados espirituais e cosmológicos profundos. Para algumas tribos da Amazônia, o som do maracá é considerado uma forma de comunicação com os espíritos e de acessar o mundo espiritual. Ele pode ser usado em rituais xamânicos para invocar poderes curativos ou para entrar em estados de transe. O próprio material do maracá, como a cuia ou a cabaça, pode ser visto como um símbolo da conexão com a terra e com os ciclos naturais da vida. O ato de fazer e tocar o maracá pode estar ligado a narrativas mitológicas que explicam a origem do instrumento e seu papel na criação do mundo.

Mora na antiga W11, perto do Leve Max.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História, Geografia e Ensino Religioso.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho realizado por L., uma criança de 11 anos, retrata duas pessoas, um menino e uma menina (ou um homem e uma mulher), apreciando uma fogueira. O sorriso nos lábios sugere que a fogueira proporciona não apenas calor, mas também bem-estar. Os dois seguram maracás em suas mãos, simbolizando a alegria proporcionada pelo fogo e pela música.

O desenho de L. reflete uma visão positiva e inclusiva da cultura indígena, destacando a alegria e o bem-estar proporcionados pela conexão com a natureza e com as tradições. Sua disposição em aprender mais sobre essa cultura e sua valorização da diversidade, demonstram uma postura de respeito e abertura para com outras culturas.

3.4 CASA... MORADIA

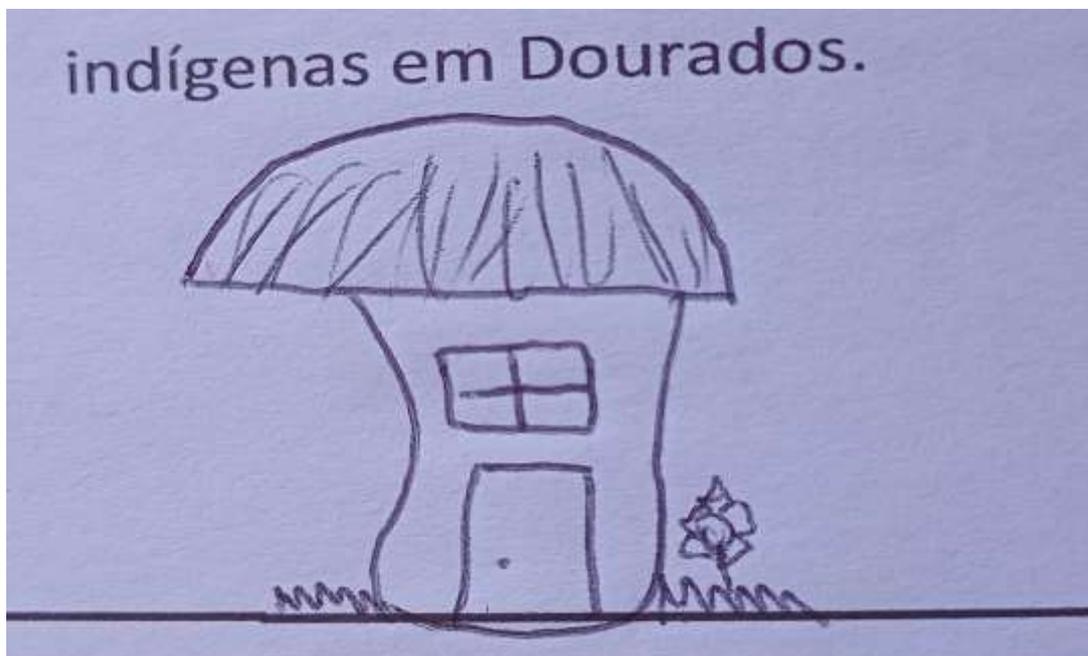
3.4.1 Lugar de moradia indígena no imaginário dos estudantes

O lugar de moradia, para os indígenas, é mais do que uma simples construção, é um espaço intrinsecamente ligado à sua cultura, espiritualidade e modos de vida. Nas comunidades indígenas, a habitação não é apenas um abrigo, mas também representa a conexão profunda com a terra, os antepassados e os elementos naturais. Esses lugares são concebidos de maneira a refletir a harmonia entre a comunidade e o meio ambiente, respeitando as tradições e práticas culturais específicas de cada grupo indígena.

Em Dourados, a proximidade entre a reserva indígena e a cidade, aliada à experiência vivida pelos indígenas daqui, pode resultar em residências que diferem significativamente do imaginário dos estudantes. A falta de familiaridade da maioria

deles com a Reserva Indígena de Dourados torna ainda mais fascinante a observação dos desenhos produzidos, pois podem revelar perspectivas inesperadas e enriquecedoras sobre a vida e o ambiente dessas comunidades.

Figura 18. Casa indígena em Dourados



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

A casa e seu gramado ...

Uma morada com janela de grade e porta com trinco, uma única flor/ planta disposta em um gramadinho.

O que caracteriza um lugar de morar indígena é seu teto... O teto não é de telha quadrada e sim de palha “bagunçada” no meio do nada. Essa é aquela mesma morada... Mas agora com trinco na porta e grade na janela.

*

O desenho foi feito por G., 13 anos, branca, aluna de um sexto ano.

Mora no Bairro Cachoeirinha.

Sua família tem origem indígena, uma tataravó.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas “- São pessoas do mesmo jeito”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha que não é importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

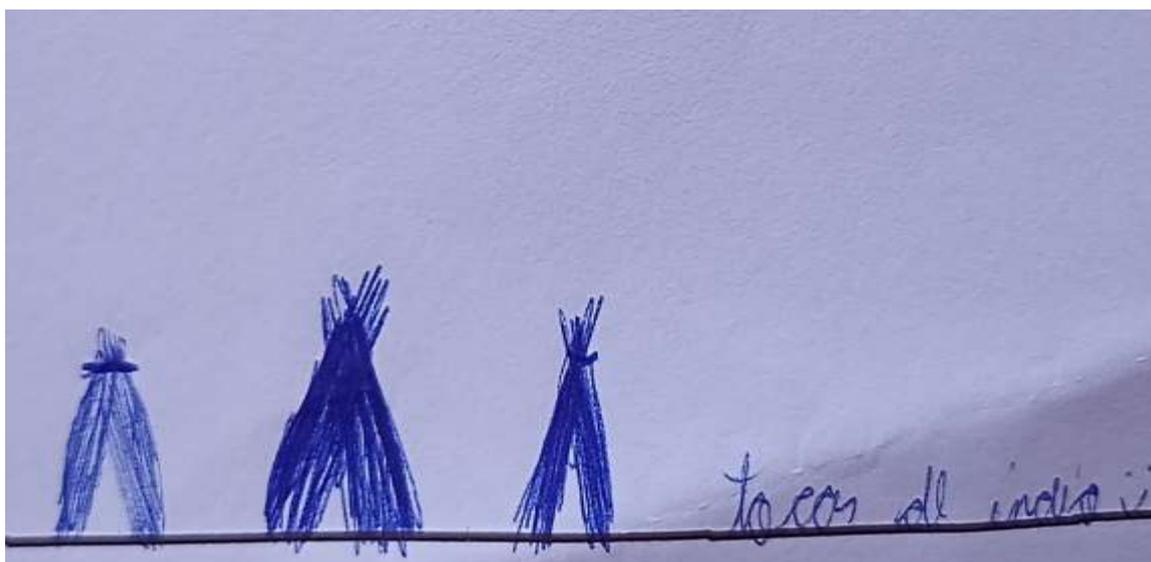
*

O desenho feito por G., uma adolescente de 13 anos, retrata como ela imagina que seja uma morada indígena na cidade de Dourados. O texto destaca que, embora a casa seja construída com um estilo que lembra uma moradia indígena, com um teto de palha “bagunçada”, a presença de trinco na porta e grade na janela indica uma influência de elementos mais contemporâneos na construção.

Apesar de G. ter uma tataravó de origem indígena em sua família e ter amizades indígenas, ela diz nunca ter visitado uma reserva indígena. Destaca que não há diferença entre indígenas e não indígenas, pois “todos são pessoas da mesma forma” e nunca presenciou situações de preconceito contra indígenas.

Embora G. tenha interesse em conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas, ela acredita que não é importante que essa cultura seja trabalhada nas escolas. Sua posição sugere uma visão mais individualizada sobre a aprendizagem cultural, talvez valorizando mais a exploração pessoal do que a abordagem institucional.

Figura 19. “Tocas de índio”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um desenho pode mostrar como o imaginário pode permanecer no mesmo lugar?

Três rabiscos um ao lado do outro em forma de triângulo, caracterizando a casa. Não tem porta para fechar e nem janela para abrir... somente rabiscos e a frase para especificar “tocas de índios”.

Voltamos a pergunta “Como vivem os indígenas na cidade de Dourados?”... Talvez a se “entocar”.

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou, 12 anos, amarelo(a), aluno(a) de um sétimo ano.

Mora na Rua Dom João Isidoro.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História, Geografia e Artes.

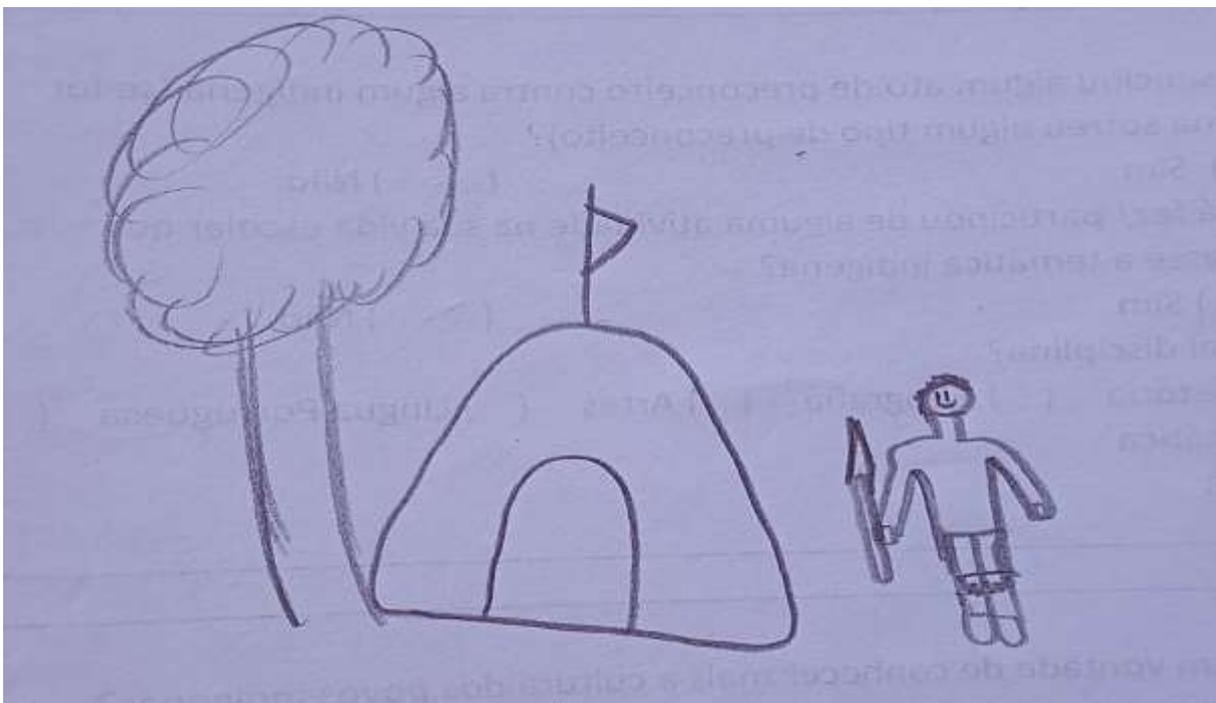
Diz não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho anônimo, realizado por um estudante de 12 anos, retrata três rabiscos em forma de triângulo, representando “tocas de índios”, com a especificação escrita ao lado. Essa representação sugere a permanência do imaginário sobre os indígenas em um mesmo lugar, mesmo em ambientes urbanos como a cidade de Dourados. A ausência de portas e janelas nas “tocas” evoca a ideia de que os indígenas se “entocam”, possivelmente em uma referência à preservação de suas tradições e cultura em meio à sociedade moderna.

O desenho e o contexto do autor refletem como o imaginário sobre os indígenas pode permanecer arraigado mesmo em ambientes urbanos, evidenciando a necessidade de promover a compreensão e valorização da cultura indígena em todos os contextos sociais.

Figura 20. Um homem, sua casa, a natureza e o seu artefato



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma árvore robusta, uma tenda de morada e nas mãos uma espécie de espada...

O homem contente... confiante, levando seu artefato, na busca por alimento ou pronto para se defender, defender sua casa, defender seu lugar.

*

O desenho foi feito por A., 11 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Mora no Bairro Campo Dourado.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados e acha que lá há indígenas.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferença entre indígenas e não indígenas “- Pessoas da cidade e pessoas da aldeia”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Disse que na escola, nunca estudou sobre os povos indígenas.

Ele diz não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho realizado por A., uma criança de 11 anos, retrata um homem ao lado de uma árvore robusta e uma tenda de morada, segurando uma espécie de espada nas mãos. A figura do homem transmite contentamento e confiança, levando consigo o artefato, possivelmente em busca de alimento ou preparado para se defender, protegendo sua casa e seu território.

Em síntese, o desenho de A. e suas reflexões refletem uma visão distante e talvez estereotipada dos povos indígenas, mas, ao mesmo tempo, mostram uma disposição em reconhecer e valorizar sua cultura, especialmente quando se trata de educação. Sugerindo assim uma abertura para aprender e compreender mais sobre a diversidade cultural, mesmo que isso não desperte um interesse pessoal.

Figura 21. Um indígena em Dourados



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Na proteção do seu lar do seu lugar, um corpo magro com um objeto pontiagudo na mão... à sua frente uma casa indígena, uma pessoa cultivando uma fogueira dentro desse lar.

A lança o fogo e a casa, os corpos magros e quase descobertos...

*

O desenho foi feito por V., 11 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Mora na Coab II.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas acha que lá tem casas, rios e animais.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

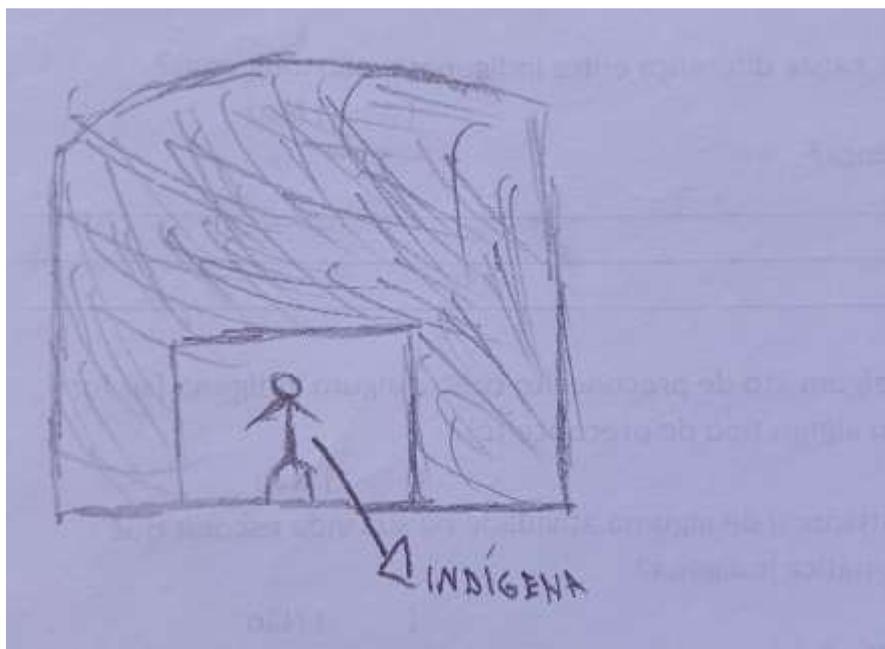
Na escola, diz que estudou sobre os povos indígenas.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho feito por V., um estudante de 11 anos, retrata um cenário onde um corpo magro segurando um objeto pontiagudo, possivelmente uma lança, em posição de proteção. À frente, uma casa indígena é representada, com uma pessoa cultivando uma fogueira dentro dela. A imagem evoca a ideia de proteção do lar e do território, com o indivíduo empunhando a lança para defender seu espaço.

O desenho de V., a descrição e os relatos do aluno, refletem uma disposição em aprender e compreender mais sobre a cultura dos povos indígenas, destacando a importância da educação para promover o respeito e a valorização da diversidade cultural.

Figura 22. Figura Indígena

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma casa, uma oca, uma toca...

Um lugar em forma de quadrado, cheio de rabiscos o preenchendo e uma porta também quadrada.

O que o identifica como uma morada de uma pessoa indígena...

Um boneco palito, com uma flechinha para o identificar como “Indígena”

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou., 10 anos, pardo(a), aluno(a) de um sexto ano.

Não disse aonde mora.

Sua família tem pessoas de origem indígena, uma tia.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas acha que lá tem casas e ruas

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas “- Nós somos todos seres humanos”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História, Geografia e Artes.

Ela diz não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho realizado por um aluno de 10 anos, que não se identificou, retrata uma casa em forma de quadrado, preenchida com rabiscos, e uma porta também quadrada, representando uma oca ou toca. O que indica que a morada pertencente a uma pessoa indígena é um boneco palito com uma flecha, simbolizando um indígena.

As respostas do aluno e as reflexões feitas na descrição do desenho refletem uma consciência da presença e da importância da cultura indígena na sociedade, mesmo que ele próprio não tenha uma ligação direta com essa cultura. Suas declarações sobre a igualdade entre indígenas e não indígenas e sobre a importância do ensino da cultura indígena nas escolas demonstram uma postura de respeito e inclusão em relação aos povos indígenas.

Figura 23. Só tinha teto... não tinha parede



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um outro menino sorridente...

Sorrindo com os lábios e os olhos, penacho/cocar colorido com seus “pés” na grama bem verdinha.

Muito contente com o seu lugar de morar/viver. No desenho uma “casa” de teto de palha amarela e três pilares de madeira a lhe segurar.

Essa casa entra vento, entra luz e não há nada a lhe sufocar ou prender. Pois a casa tem teto, mas não tem parede.

*

O desenho foi feito por I. B., 12 anos, branca, aluna de um sexto ano.

Mora no Jardim Rasslem.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, “- Nunca fui, eu penso que tem indígenas e ocas”.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas e complementa:

“- Todos são pessoas e devem ser tratados iguais”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa.

Ela diz não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho realizado por I. B., uma estudante de 12 anos, retrata um menino sorridente com um penacho colorido, indicando sua ligação com a cultura indígena. Ele está de pé em um gramado verde, parecendo muito contente com seu ambiente. A casa representada no desenho possui um teto de palha amarela e três pilares de madeira, sugerindo uma estrutura aberta, onde o vento e a luz podem entrar livremente, sem sufocar ou prender.

A partir do desenho e das reflexões, pode-se evidenciar uma apreciação pela harmonia e liberdade encontradas na representação de um ambiente natural e acolhedor, o lugar. Nas declarações sobre a igualdade entre indígenas e não indígenas e sobre a importância do ensino da cultura, refletem uma postura de respeito e inclusão em relação aos povos e suas culturas.

Figura 24. Minha casa

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma casa... meio arredondada nas laterais, mas afunilada na parte de cima, quase a forma de uma gota... Amarela, com listras na vertical e uma porta marrom...

Ao lado mais um corpo em forma de palito, com uma cabeça arredondada e uma expressão sorridente ao lado da sua morada. No alto da cabeça um cocar a enfeitá-la.

*

O desenho foi feito por V. H., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Mora na Rua Manoel Santiago.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas acha que lá tem casas e muita terra.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há nenhuma diferença entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Geografia.

Ele diz não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa não ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

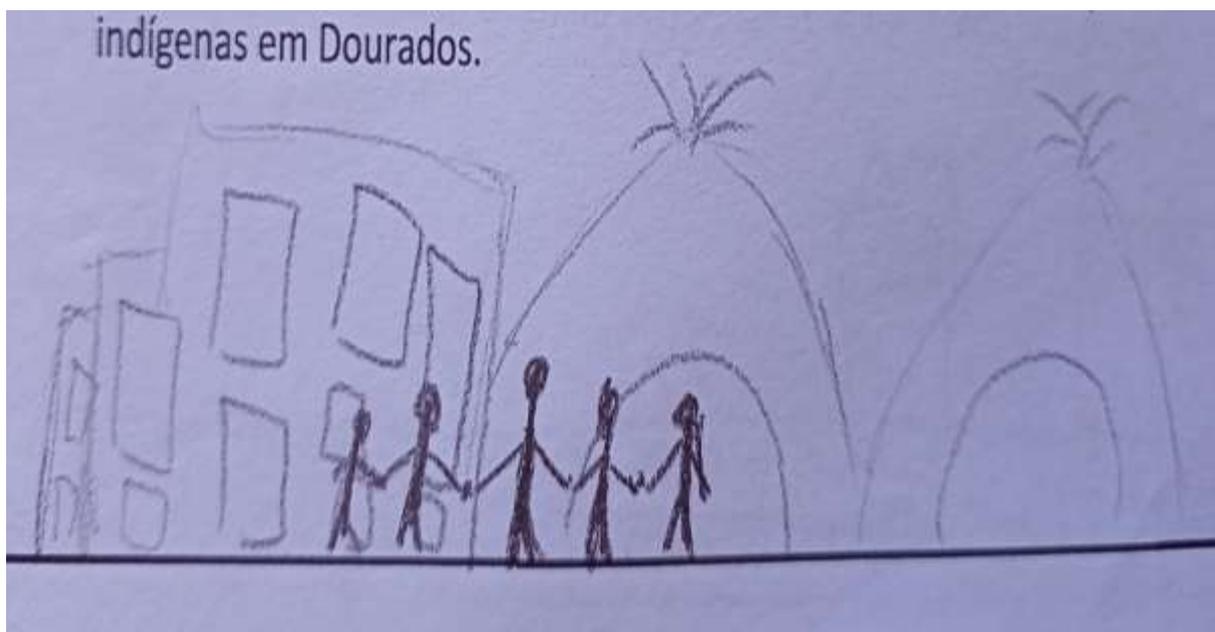
O desenho realizado por V. H., um aluno de 11 anos, retrata uma casa amarela com listras verticais, que possui uma forma peculiar, sendo arredondada nas laterais e afunilada na parte de cima, assemelhando-se a uma gota. Ao lado da casa, uma pessoa

com uma cabeça arredondada e uma expressão sorridente. Na cabeça um cocar, associação assim a pessoa à cultura indígena.

Sendo assim, o desenho de V. H. e suas respostas às perguntas do questionário refletem uma consciência da presença da cultura indígena em sua comunidade e em moradias presentes no espaço douradense.

2.4 LUGAR... TERRITÓRIO

Figura 25. De mãos dadas



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma cidade!... Um lugar...

Com seus vários prédios de um lado...

Uma aldeia!

Com suas casas indígenas do outro lado...

Cada uma de um lado... porém lado a lado.

Com pessoas/corpos... femininos/ masculinos, à frente, também lado a lado e de mãos dadas.

*

O desenho foi feito por G., 11 anos, negro, aluno de um sétimo ano.

Não escreveu onde mora.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas, “- Os locais as cidades as aldeias, o estilo de vida”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

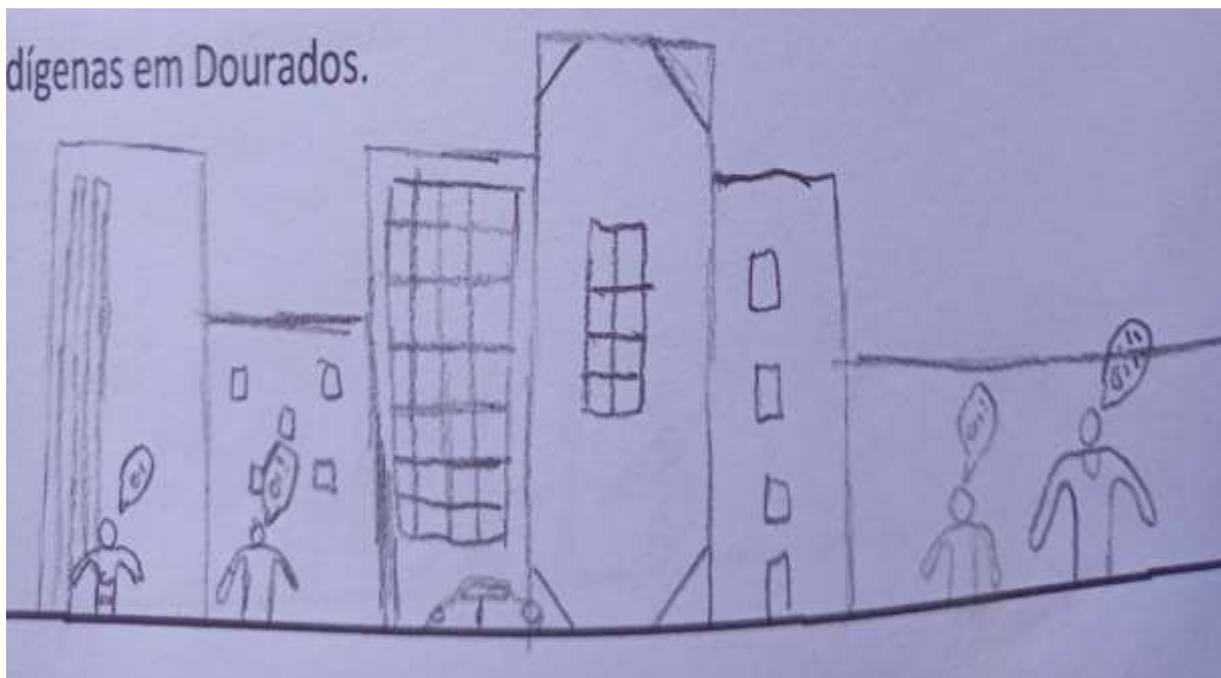
Na escola, estudou sobre os povos indígena na disciplina de Arte.

Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O estudante G., de 11 anos, retrata uma cena que contrasta uma cidade urbana com uma aldeia indígena, representando ambos os ambientes de forma simétrica e lado a lado. De um lado, há vários prédios representando a cidade, enquanto do outro lado estão as casas indígenas da aldeia. A presença de pessoas, tanto femininas quanto masculinas, posicionadas à frente e de mãos dadas, sugere o encontro de diferentes culturas que se fazem presentes na cidade de Dourados e a união entre os dois ambientes.

Além de sua familiaridade com os indígenas e sua vontade de conhecer mais sobre sua cultura, G. reconhece a importância de que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas. Seu desenho reflete uma sensibilidade para a coexistência pacífica e a valorização da diversidade cultural ao apresentar a cidade e a aldeia como espaços igualmente significativos e interligados.

Figura 26. Oi!

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um lugar! Uma cidade!

Com seus vários prédios, carros e muros...

Com suas diversas pessoas/ moradores (as), se comunicando, convivendo e compartilhando os espaços de uma cidade.

E o Oi! Vai e vem no cumprimento entre os vários, sem distinção, fazendo parte de um mesmo lugar, de um mesmo território. Efetivando assim o direito a cidade.

Como vivem os indígenas na cidade de Dourados?...

*

O desenho foi feito por D., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Não sabe onde mora

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas pensa que lá deve ser legal.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Há diferença de cor de fala, cultura e usam roupas diferentes”.

Nunca presenciou nenhuma situação de preconceito contra indígenas.

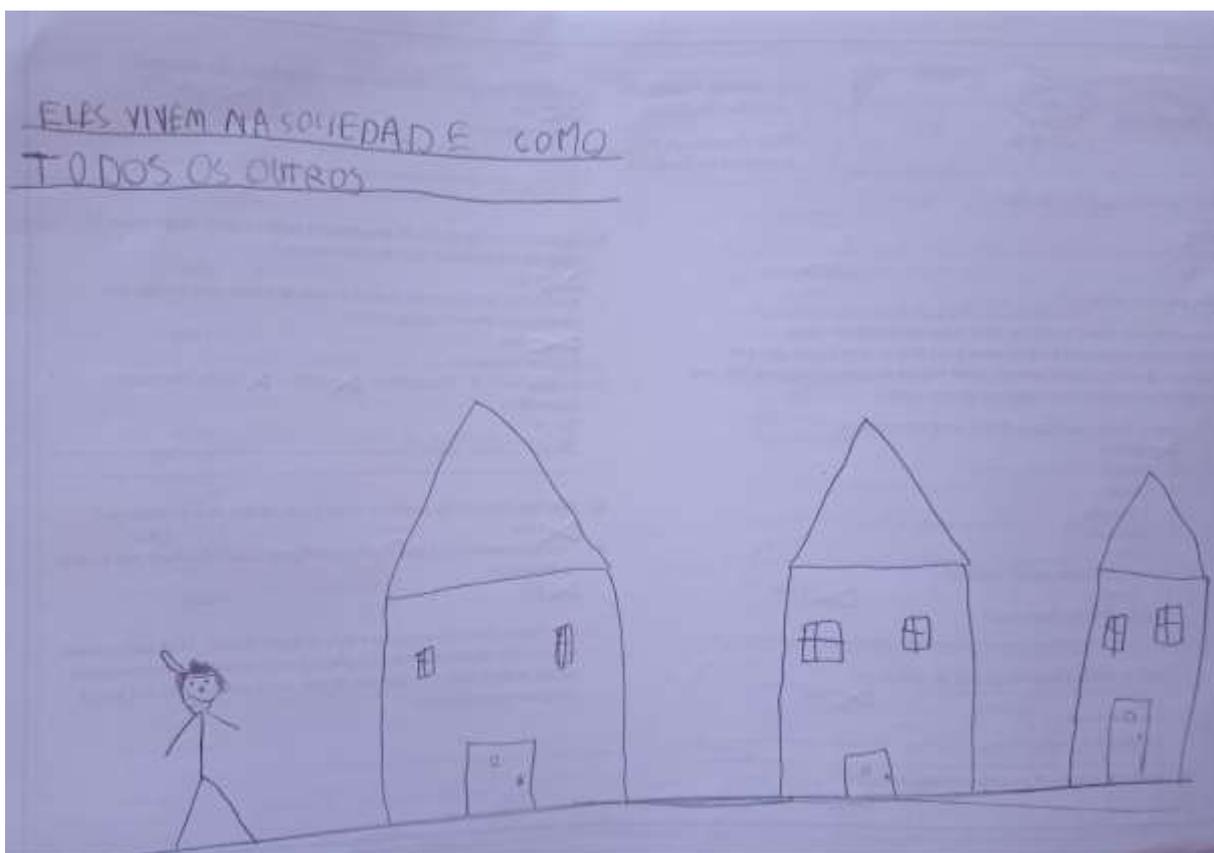
Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História e Ensino Religioso.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

Elaborado por D., um aluno de 11 anos, o desenho acima retrata uma cidade dinâmica e diversificada, com seus prédios, carros, e moradores interagindo e compartilhando os espaços urbanos. A representação enfatiza a comunicação e a convivência entre as pessoas, destacando a saudação "Oi!" como um gesto simples, mas significativo, que une os habitantes da cidade em um mesmo território e efetivando o direito de todos à cidade.

Figura 27. “Eles vivem na sociedade como todos os outros”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Três casas... casas “comuns”, com portas e janelas, formando uma espécie de vila, um lugar de viver e de morar.

Ao lado como que mostrando esse lugar, uma pessoa, ilustrada aqui com pequenos traços, no rosto um sorriso e no alto da cabeça algo que traz identidade, um penacho, um enfeite de cabeça usado por indígenas.

Poderia ser somente um indígena e três casas, porém, acima está escrito “Eles vivem na sociedade como todos os outros”, descrevendo como vivem em Dourados os indígenas.

*

O desenho foi feito por A., 11 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Mora no Parque do Lago II

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha indígenas.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- O jeito de falar e os costumes”.

Já presenciou situação de preconceito contra indígenas.

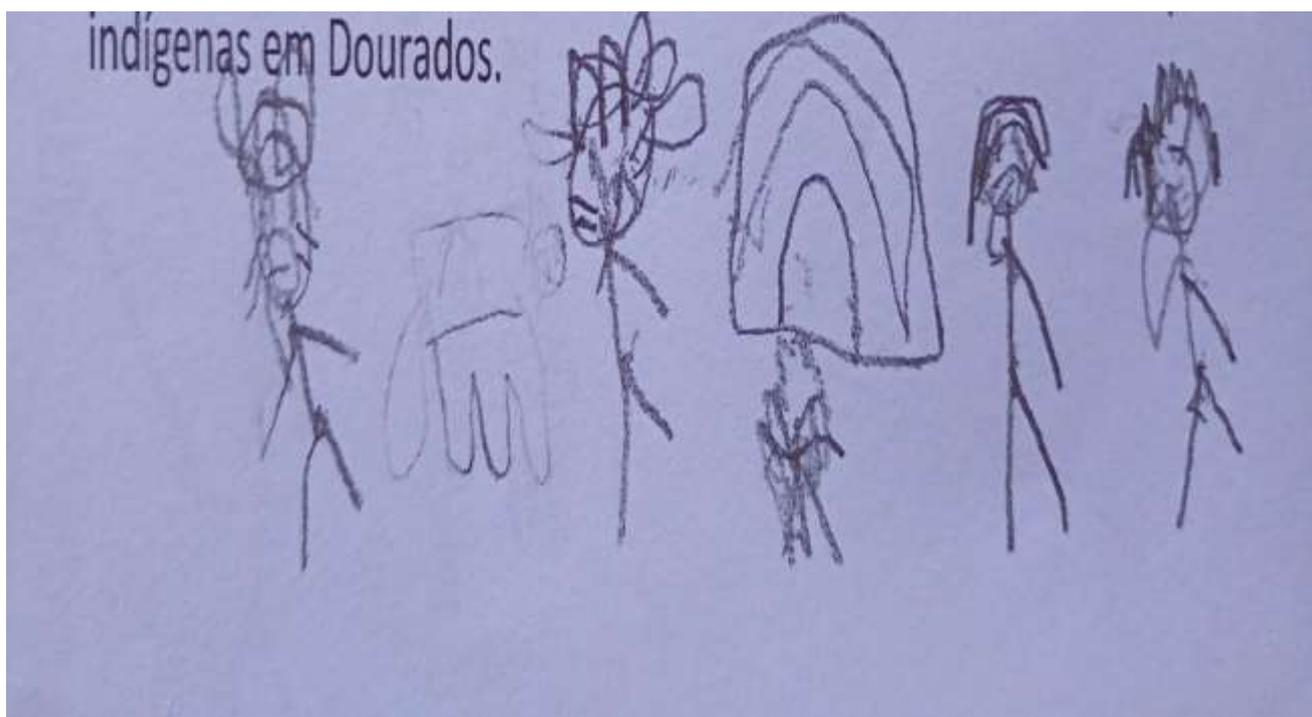
Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes, Língua Portuguesa e Educação Física.

Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho realizado por A., um aluno de 11 anos, apresenta uma representação simbólica da convivência dos indígenas na sociedade urbana de Dourados. Três casas comuns, caracterizando uma vila ou comunidade, são destacadas juntamente com a figura de uma pessoa, representada de forma simples, com um sorriso no rosto e um penacho na cabeça, um adereço típico indígena.

A legenda "Eles vivem na sociedade como todos os outros" ressalta a ideia de que os indígenas são parte integrante da comunidade, convivendo e compartilhando os mesmos espaços urbanos que os demais habitantes. A mensagem transmitida pelo desenho é de inclusão e reconhecimento da presença e contribuição dos indígenas na sociedade douradense.

Figura 28. Reunidos na fogueira

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Traços rústicos, quase não se pode identificar quais figuras desejava ilustrar... Se não fosse pelo objeto, aparentemente um cocar, a fogueira e a “oca”, como se poderia saber que ali vive um povo e suas diversas etnias?!

Uma fogueira, uma “oca” e quatro pessoas desenhadas de forma um tanto quanto “rascunhadas”.

Na conversa/reunião perto da fogueira, próximo da morada a compartilhar, a viver esse lugar.

*

O desenho foi feito por N., 11 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Não informou onde mora

Tem um tio de origem indígena em sua família.

Já visitou a Reserva Indígena de Dourados e diz ser legal lá.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

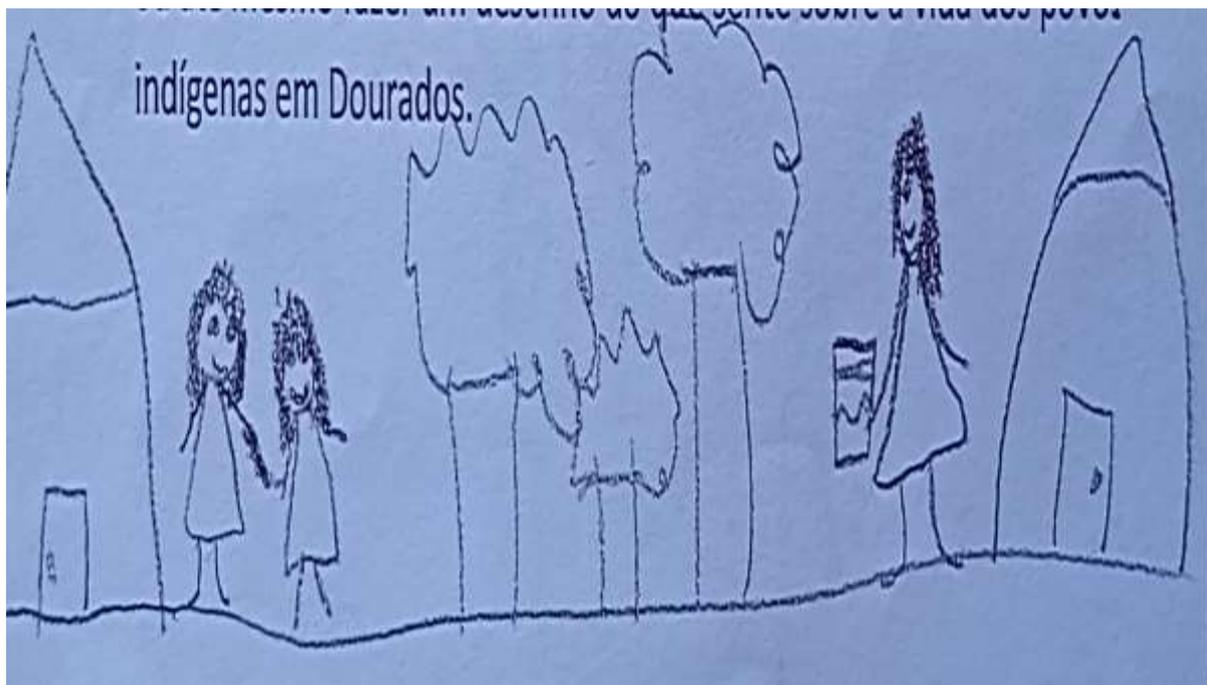
Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

N., um aluno de 11 anos, retrata de forma simples, mas impactante a vida cotidiana e a convivência comunitária dos povos indígenas. Com traços rústicos e aparentemente despreziosos, N. destaca elementos fundamentais da cultura indígena, como a fogueira, a oca e um cocar, que são símbolos marcantes da identidade dos povos indígenas. A representação das quatro pessoas de forma "rascunhada" sugere uma abordagem mais ampla e inclusiva, indicando a diversidade étnica e cultural presente nas comunidades indígenas. O estudante enfatiza mesmo que de forma rústica a importância da convivência próxima à fogueira, onde histórias são contadas, saberes são transmitidos e vínculos são fortalecidos.

Figura 29. As meninas de vestido



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Três meninas sorridentes...

De vestido soltinho e sorriso no rosto, três meninas... parecem vizinhas, pois se olham com carinho e atenção, uma delas com um objeto na mão.

Duas casas, as casas têm porta e tem teto.

E a natureza vem completar o quadro com três árvores a emoldurar.

*

O desenho foi feito por A., 11 anos, marcou as opções branca/parda e negra, aluna de um sexto ano.

Mora no Jardim Tropical

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, e diz como imagina que seja lá: “- Não sei, talvez divertido”.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- É que eles não convivi com a tecnologia.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, não estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

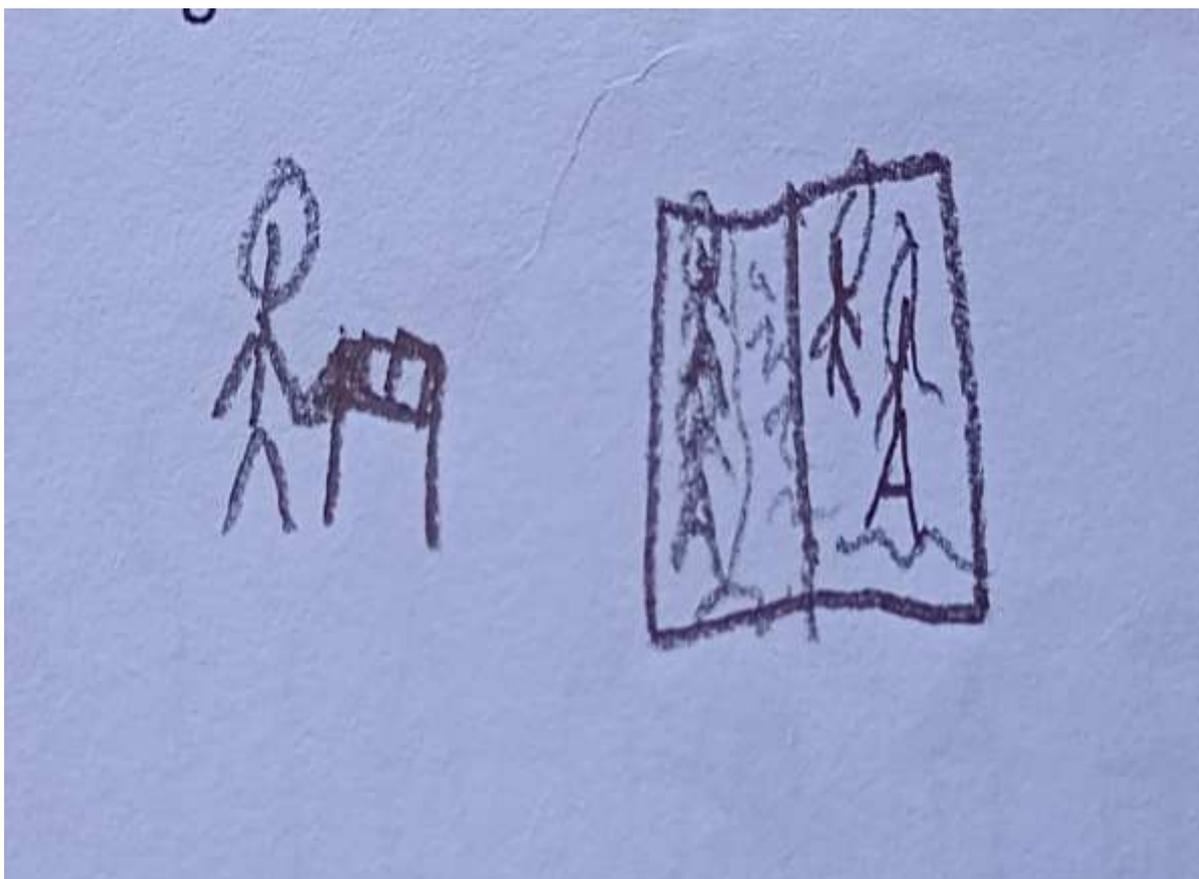
Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas não acha importante que o tema seja abordado nas escolas.

*

Uma cena simples e harmoniosa, é retratada pela aluna A. de 11 anos, onde três meninas, representadas com vestidos soltos e sorrisos no rosto, interagem de forma afetuosa. A presença das duas casas com portas e tetos indica um ambiente familiar e acolhedor, um lugar para elas, enquanto as três árvores ao fundo acrescentam um toque de natureza e tranquilidade ao cenário.

Sua percepção das diferenças entre indígenas e não indígenas, relacionada à tecnologia, sugere uma visão limitada da complexidade das identidades culturais e das formas de vida dos povos indígenas.

O desenho de A. destaca a importância da convivência harmoniosa e do respeito mútuo entre pessoas de diferentes origens e culturas, mostrando que a visão de e sobre indígenas vai além reproduzido pela sociedade douradense.

Figura 30. Imaginar

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

O que é que podemos ver nessa ilustração?...

Deixe sua imaginação falar, tem coisas que é difícil identificar... mas assim que o aluno conseguiu se expressar.

Se olhar de frente vejo uma “pessoa” fazendo um churrasquinho para amigos que estão à sua frente. De lado pode ser uma plantação, do outro um rio com peixes e ainda uma quadra de brincar.

Cada um com o seu olhar... porém o que existe aí é um Lugar.

*

O desenho foi feito por F., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Mora no Altos do Indaiá.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas diz: “- Eu acho que parece legal”.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

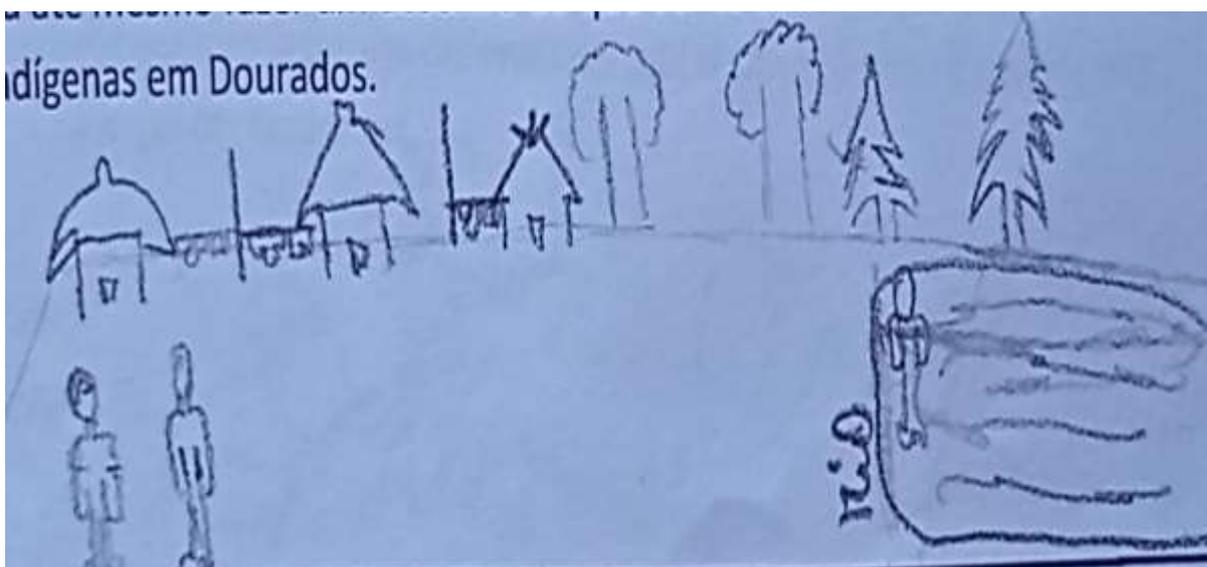
Na ilustração de F., um aluno de 11 anos, podemos vislumbrar uma cena diversificada e multifacetada, repleta de elementos que sugerem um ambiente acolhedor e vibrante. A imaginação é essencial para decifrar os detalhes presentes, e cada espectador pode interpretar a cena de forma única, adicionando camadas de significado com base em suas próprias experiências e perspectivas.

Ao olhar de frente, uma pessoa é vista preparando um churrasco para amigos, evocando uma atmosfera de convívio e camaradagem. A presença de amigos sugere um momento de socialização e descontração, enquanto o “churrasco” adiciona um toque de celebração e festividade ao ambiente.

Virando o olhar para os lados, diferentes elementos emergem, como uma plantação, um rio com peixes e uma quadra de brincar. Esses elementos diversificados dão a sensação de harmonia entre a natureza e as atividades humanas, destacando a interação entre o ser humano e seu ambiente.

A ilustração de F. convida os espectadores a explorar um mundo de possibilidades e interpretações, celebrando a diversidade e a riqueza cultural que enriquecem nossa experiência humana.

Figura 31. Um lugar de morar



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um lugar de viver...

Um rio para se banhar/ beber/ alimentar... Um homem se arrisca no exercício de pescar.

Duas árvores grandes e dois pinheiros para sombrear/refrescar. Não se bem se pinheiros na realidade fazem parte desse bioma.

Três casinhas uma ao lado da outra para morar e os varais cheios de roupas a secar... e junto disso tudo pessoas a viver e conviver nesse lugar.

*

O desenho foi feito por D.C., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Mora no Jardim Novo Horizonte

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas diz o que imagina de lá: “- Lá as pessoas devem ser unidas, deve ser legal lá, lá você pode fazer trilha na floresta e nadar no rio.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Indígenas tem uma cara diferente da nossa, tipo uma cara pesada, os não indígenas não tem a cara muito pesada”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História e Geografia.

Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A ilustração de D. C., um aluno de 11 anos, retrata um ambiente sereno e acolhedor, onde a natureza e a vida comunitária se entrelaçam harmoniosamente. O cenário é composto por elementos que evocam uma conexão profunda com o ambiente natural e com as atividades cotidianas da vida em uma aldeia indígena.

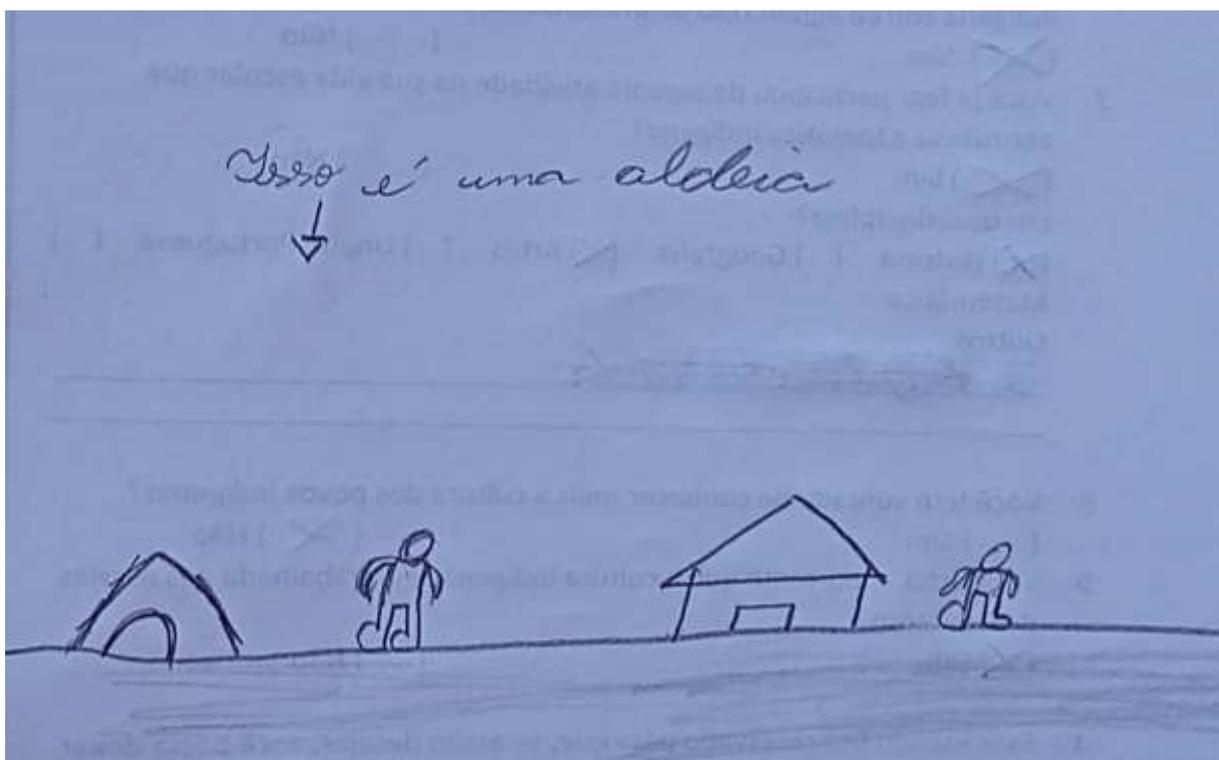
No centro da cena, um rio convida à contemplação e à interação, fornecendo água para beber, se banhar e alimentar. Um homem se aventura na pesca, demonstrando uma relação ativa e sustentável com os recursos naturais disponíveis. As árvores imponentes e os pinheiros oferecem sombra e frescor, criando um ambiente propício para o descanso e a contemplação da natureza.

Três casinhas alinhadas sugerem um senso de comunidade e convivência, com varais cheios de roupas indicando uma vida vivência no lugar de morar. A presença de pessoas vivendo e convivendo nesse ambiente reforça a ideia de uma comunidade, onde as relações interpessoais são valorizadas e cultivadas.

Apesar de não ter origem indígena e nunca ter visitado uma reserva indígena, D. C. demonstra interesse genuíno em conhecer e aprender sobre a cultura indígena. Sua descrição imaginativa da reserva, combinada com sua disposição para aprender sobre os povos indígenas na escola, reflete uma atitude de respeito e curiosidade em relação à diversidade cultural.

O desenho de D. C. convida os espectadores a refletir sobre a importância da harmonia entre o ser humano e a natureza, além de destacar a beleza e a riqueza das comunidades indígenas e suas formas de vida.

Figura 32. “Isso é uma aldeia”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma casa com abertura na frente e forma mais arredondada, ao lado outra casa, essa quadrada com teto triangular e porta retangular, as duas casas estão no mesmo espaço no mesmo lugar..

Duas pessoas também se apresentam, vivendo no lugar.

Como o autor do desenho fez questão de especificar sob o crivo de uma seta: “Isso é uma aldeia”.

*

O desenho foi feito por J.P., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Mora no Bairro Monte Carlo.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha indígenas.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Todos os humanos são iguais, não existe diferença”.

Já presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes e História.

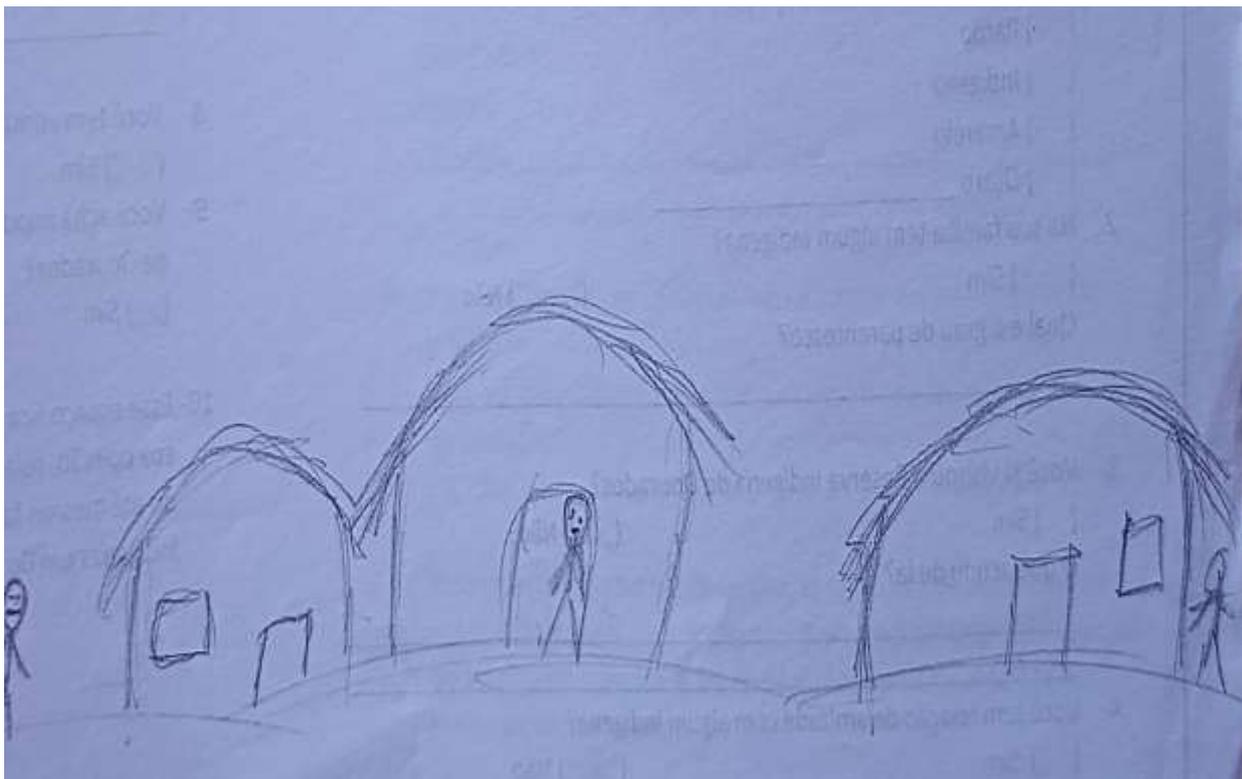
Ele diz não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

Através do desenho de uma aldeia feito por J. P., um menino de 11 anos, podemos captar não apenas as características físicas das casas representadas, mas também as nuances de sua percepção e compreensão do mundo ao seu redor, especialmente em relação aos povos indígenas.

Ambas as casas estão localizadas no mesmo espaço, indicando uma proximidade física. A seta indicando "Isso é uma aldeia" ressalta a intenção do autor em representar um ambiente específico.

É interessante notar que, apesar de sua falta de familiaridade com a cultura indígena e sua aparente indiferença em conhecer mais sobre ela, J. P. expressa uma visão igualitária e não preconceituosa, afirmando que, todos os seres humanos são iguais e reconhece a importância de ensinar a cultura indígena nas escolas, mesmo que pessoalmente não sinta vontade de explorá-la mais profundamente. Mostrando com suas respostas a complexidade entre diferentes grupos étnicos e a importância da educação na promoção da igualdade.

Figura 33. Meu lugar

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um aldeado ou uma vila... Três casas dispostas lado a lado... tem porta tem janela em cada uma delas.

Uma pessoa está do lado de dentro da casa do meio, olhando para fora, pode-se avistar a vizinhança, são dois do lado de fora de suas moradas, mas.... próximos delas.

Tem gente que mora nelas e compõe esse lugar... O lugar é meu é seu é nosso... O lugar tem marcas de vivência tem camaradagem, tem personalidade.

*

O desenho foi feito por R., 12 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Mora na Rua Rui Barbosa

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha algumas casas.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho de R., um menino de 12 anos, oferece uma representação calorosa e acolhedora de uma comunidade, destacando a vida cotidiana e a convivência entre os moradores. A disposição das três casas lado a lado, cada uma com sua própria porta e janela, transmite uma sensação de proximidade e intimidade entre os habitantes. A figura de uma pessoa olhando para fora da casa do meio sugere uma conexão com a vizinhança e uma percepção de pertencimento ao lugar.

Figura 34. Lugar de céu de nuvens



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um céu cheio de nuvens, uma casa grande quadriculada tipo de sapé, no quintal um gramado, denso e fofo assim como as nuvens... No canto um pé de coco, de tronco grosso e folhas finas, com dois cocos pequenos.

Mas seu céu carregado com nuvens bem visíveis... Esse é um lugar... lugar de viver e ver as nuvens a se mover.

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou, 10 anos, pardo(a), aluno(a) de um sexto ano.

Mora no Novo Horizonte.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha casas e terras.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História e Geografia.

Disse ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho descrito oferece uma imagem serena e pacífica de um ambiente familiar, onde a natureza desempenha um papel central. O céu repleto de nuvens, contrasta com a descrição da casa, que é grande e possui uma estrutura de sapé. O quintal com um gramado denso e fofo, semelhante às nuvens no céu, cria uma conexão entre o ambiente terrestre e o celestial, sugerindo uma harmonia entre o espaço habitado e o espaço natural ao redor.

Embora o autor ou autora do desenho não tenha se identificado, suas reflexões sobre a cultura indígena revelam uma atitude positiva e aberta em relação à diversidade cultural. Mesmo sem experiência direta com povos indígenas, expressa o desejo genuíno de aprender mais sobre sua cultura e reconhece a importância de sua valorização nas escolas.

O desenho e as reflexões do autor ou autora enfatizam a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e a harmonia entre o ser humano e a natureza para os povos indígenas.

Figura 35. Uma família “indígena” e seus elementos



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

A instigação era: *“Esse espaço fica reservado para que, se assim desejar, você possa deixar sua opinião, relatar alguma situação que você participou ou presenciou ou até mesmo fazer um desenho do que sente sobre a vida dos povos indígenas em Dourados.”*

Uma ilustração que mostra como ela vê ou acredita ser a vida de uma família indígena na cidade de Dourados é feita...

Uma casa colorida, com janela e porta, de frente a porta terra, uma árvore robusta de tronco marrom e copa verde, uma bicicleta/triciclo (pode ser das crianças).

O pai/mãe parece ensinar algo as crianças que são menores. Pode estar apresentando os elementos que compõe a vida, a terra ao redor da casa, a natureza representada pela árvore e o fogo, esses não se apartam do viver para os indígenas, como se tudo fosse parte de uma coisa só, inclusive seus corpos.

*

O desenho foi feito por J., 12 anos, branca, aluna de um sétimo ano.

Parque Alvorada

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que: “- Acho que lá tem vários índio e casas”.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- A cultura, a língua, que tem alguns que falam língua diferente”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, não estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

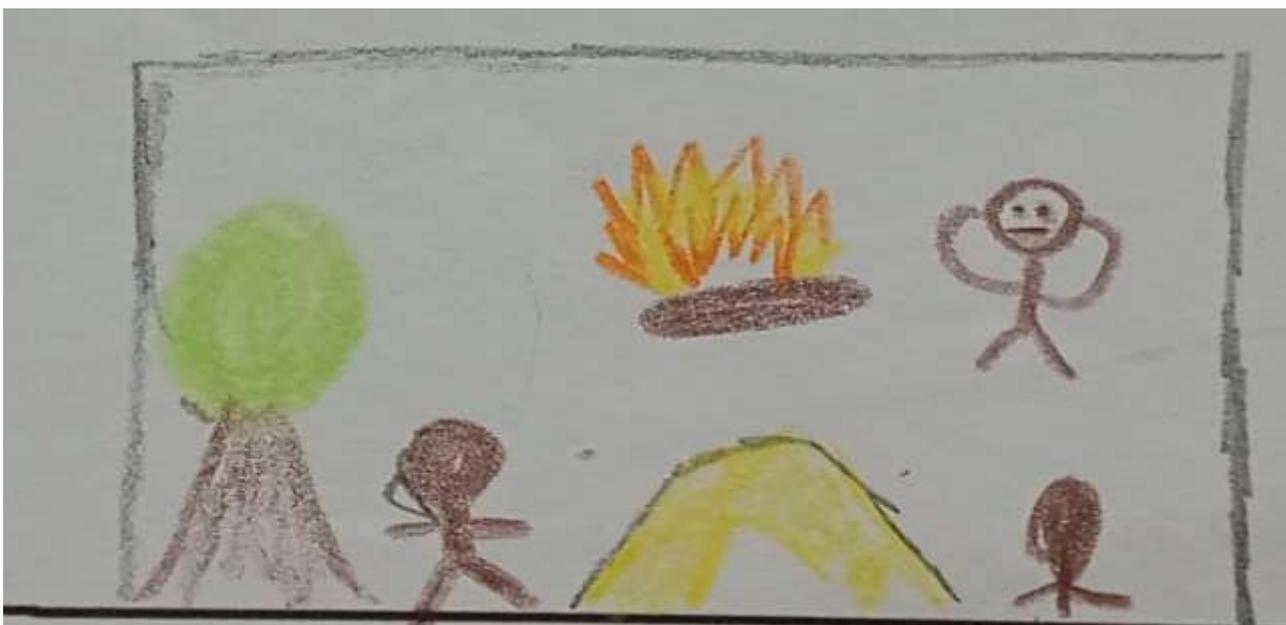
Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A estudante J., de 12 anos, oferece uma representação sensível e respeitosa da vida de uma família indígena na cidade de Dourados. A casa colorida, com janela e porta, simboliza um lar acolhedor e vibrante, enquanto a presença de uma árvore robusta e uma bicicleta ou triciclo das crianças indica uma conexão íntima com a natureza e a mobilidade cotidiana.

A figura do pai ou mãe ensinando algo às crianças ressalta a importância da transmissão de conhecimento e tradições dentro da família indígena. O gesto de mostrar os elementos que compõem a vida, como a terra ao redor da casa, a árvore e o fogo, sugere uma visão holística e integrada do mundo, onde a natureza e os seres humanos estão interligados de maneira indissociável.

O desenho de J. e sua disposição para aprender sobre os povos indígenas destacam a importância da educação na promoção da compreensão intercultural. Sua representação sensível e respeitosa da vida de uma família indígena na cidade de Dourados é um testemunho do poder da arte como meio de expressão e empatia.

Figura 36. Simbolismos

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um território cheio de simbolismo...

Tem pessoas de cor marrom, uma fogueira no plano do meio do desenho, uma casa na cor de palha e uma árvore de tronco marrom e copa de folhas verdes.

As pessoas parecem se comunicar ou fazer algum tipo de dança ou ritual.

Quase um quadro de um dia de festa... os símbolos como o fogo, a natureza, a casa de palha e a dança, caracterizam esse lugar.

*

O desenho foi feito por P. A., 12 anos, amarelo, aluno de um sétimo ano.

Mora no Nelson Santore.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha indígenas.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- A diferença é de uma vida diferente, menos conectada com a cidade”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes e História.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e não acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

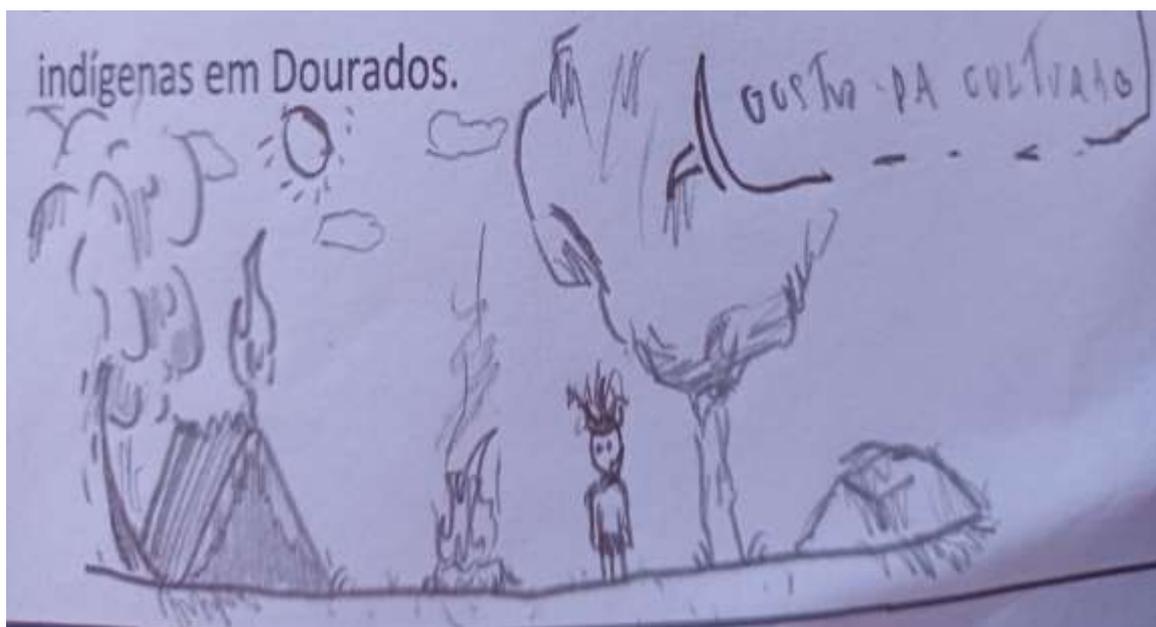
*

O desenho de P. A. oferece uma visão ricamente simbólica e culturalmente carregada de um território habitado por pessoas de cor marrom, evocando a presença de uma comunidade indígena. A fogueira no centro do desenho é um elemento central, simbolizando a conexão com a terra, a natureza e a espiritualidade, além de ser um ponto para atividades sociais e rituais. A casa de palha e a árvore de tronco marrom e copa verde representam a integração harmoniosa da comunidade com seu ambiente natural, ressaltando a importância da relação simbiótica entre os seres humanos e a natureza. A dança ou ritual das pessoas ao redor da fogueira sugere uma celebração da vida, da cultura e das tradições ancestrais, transmitindo uma sensação de alegria e vitalidade.

Embora P. A. não tenha origem indígena e nunca tenha visitado uma reserva indígena, sua amizade com indígenas e seu estudo sobre os povos indígenas na escola demonstram um interesse genuíno pela cultura e pela história desses povos. No entanto, sua falta de vontade de conhecer mais sobre a cultura indígena e sua opinião de que não é importante que seja ensinada nas escolas revelam uma perspectiva limitada em relação à valorização da diversidade cultural.

Apesar disso, o desenho de P. A. oferece uma representação poderosa e respeitosa da vida e das tradições indígenas, enfatizando a riqueza simbólica e espiritual dessas comunidades. Sua obra convida à reflexão sobre a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e a promover uma maior compreensão e respeito pelas tradições dos povos indígenas.

Figura 37. “Gosta da cultura”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

O território permeado pelo fogo, como símbolo de cultura...

Os traços foram feitos de maneira leve e descontínuo, mostrando um lugar aparentemente harmonioso. Com árvores, cabanas, sol e nuvens. Mas o centro é composto por um homem/menino indígena junto de uma fogueira que exala uma fumaça que se espalha pelo ar.

E a frase “Gosta da cultura” surge como luz para engrandecer a importância da cultura para esse e outros tantos indígenas.

*

O desenho foi feito por R., 14 anos, branco, aluno de um sétimo ano.

Mora no Jardim Paulista

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Geografia.

Disse ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

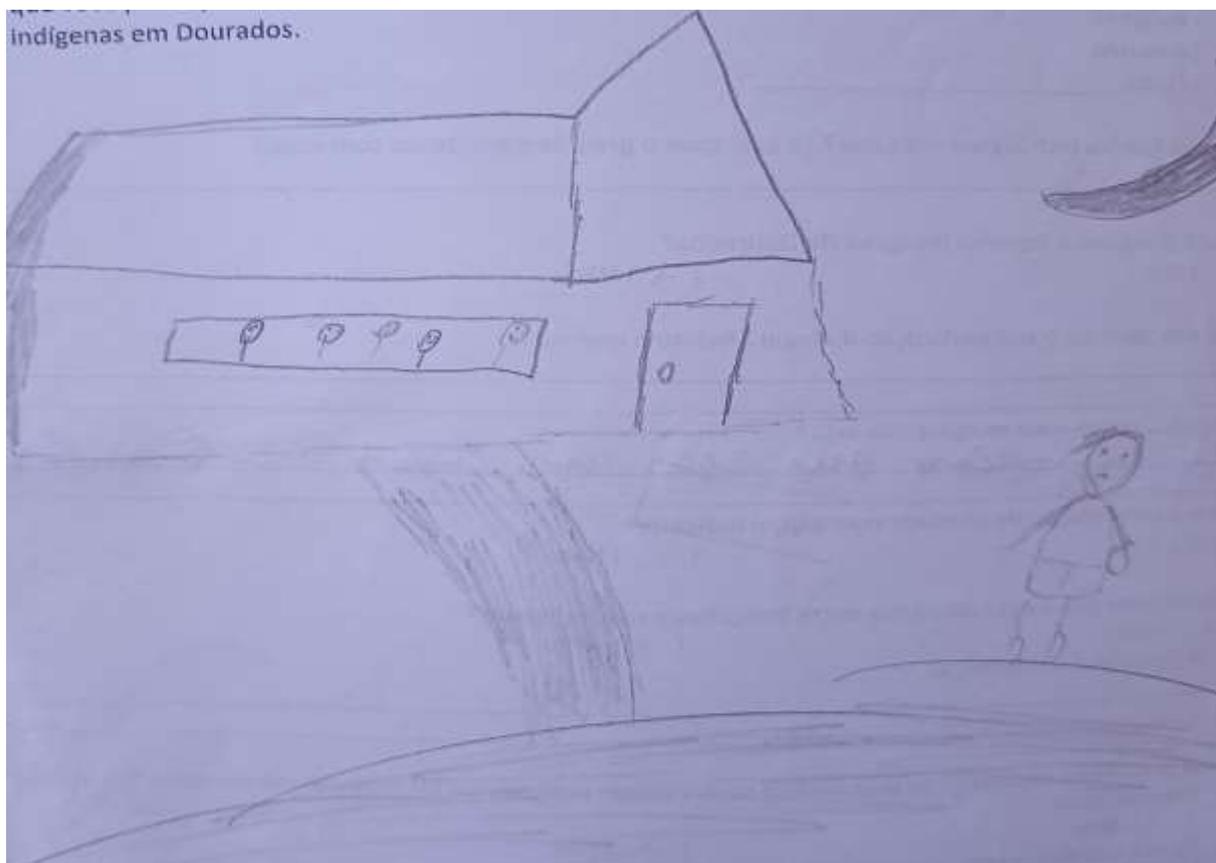
*

O desenho de R. transmite uma mensagem poderosa sobre a importância da cultura indígena, utilizando o fogo e o lugar/território vivido como um símbolo central. A representação leve e harmoniosa do território, com árvores, cabanas, sol e nuvens.

A frase "Gosta da cultura" adiciona uma camada de significado, destacando a valorização e o orgulho do indígena por sua própria cultura e incentivando outros a reconhecerem sua importância também.

A ilustração de R. é uma lembrança da importância de reconhecer, valorizar e preservar a cultura indígena como parte integrante da identidade nacional e da herança cultural do Brasil.

Figura 38. Casa de família



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

“Eu imagino que seja um lugar muito interessante” disse J. V - autor do desenho acima.

A casa tem paredes, tem telhado e uma janela bem grande para caber a “filharada”.

Tem porta tem um caminho e o pai indo encontrar os filhos, no seu rosto uma expressão preocupada... mas ele está avistando sua casa sua morada, na mão traz um pacote.

Ele volta ao anoitecer pois a lua bem alta já está a aparecer.

No desenho 1, 2, 3, 4, 5 pessoas ansiosas para aquele homem chegar e juntos poderem talvez descansar.

*

O desenho foi feito por J. V., 15 anos, branco, aluno de um oitavo ano.

Mora no Parque do Lago II

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados. “- Eu imagino que lá seja um lugar muito interessante

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- O jeito de falar e os costumes.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas e diz: “- Acho que devemos ter respeito por todos, até mesmo com os indígenas.

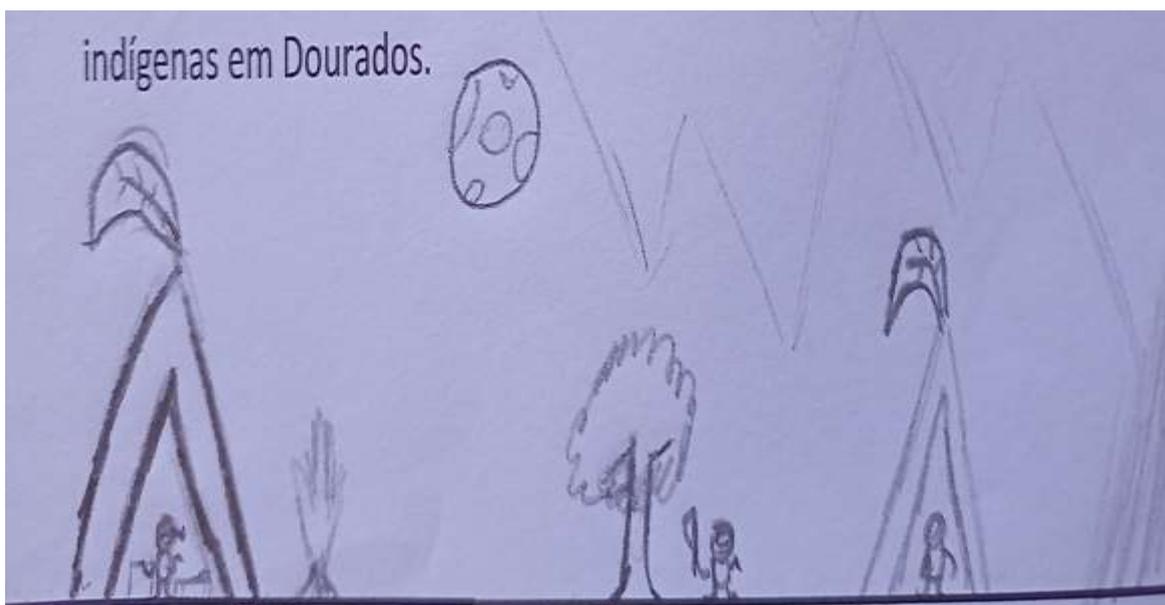
Na escola, nunca estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas “- Nunca tive muito interesse” e não sabe dizer se realmente é importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A ilustração de J. V. retrata uma cena familiar e acolhedora, onde um pai retorna para casa ao anoitecer, trazendo um pacote consigo. O lugar vivido, é o ponto central da cena, simbolizando segurança e conforto para a família. A expressão preocupada no rosto do pai sugere que ele pode estar enfrentando desafios ou preocupações, mas sua chegada é aguardada ansiosamente por seus filhos, que estão reunidos do lado de dentro, esperando para recebê-lo.

A cena familiar representada no desenho de J. V. transmite uma sensação de calor humano e união familiar, destacando a importância dos laços afetivos e da solidariedade dentro de uma comunidade indígena.

Figura 39. Vizinhança

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

A noite é momento de partilhar...

Das mãos do aluno T., 12 anos, estudante do sétimo ano, saiu: Duas cabanas em formato de oca, no topo delas tem uma folha grande, como se fosse uma bandeira, dentro de cada uma um morador.

No espaço de fora uma árvore com tronco e copa robusta e uma outra pessoa embaixo dela, aproveitando a sombra não deve estar, porque é noite de luar, uma lua cheia no topo do desenho esclarece que o momento do dia é noite. A frente da morada da esquerda uma fogueira grande para iluminar, que o morador parece cuidar.

O jeito de vizinhar indígena aqui está representada, entre eles nenhum muro para separar, muito pelo contrário, tem sim uma árvore a os ligar.

*

O desenho foi feito por T, 12 anos, pardo, aluno de um sétimo ano.

Não sabe onde mora.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- A língua o estilo de viver, as manias e a cultura.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, nunca estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho de T., um aluno de 12 anos, oferece uma representação poética e acolhedora da vida em uma comunidade indígena durante a noite. As duas cabanas em formato de oca, cada uma com um morador dentro e uma folha grande no topo como uma bandeira, simbolizam a moradia e a identidade cultural dos habitantes. A fogueira grande à frente da morada da esquerda, cuidada pelo morador, serve como fonte de luz e calor durante a noite, proporcionando um ponto de encontro e interação para a comunidade e a lua cheia no topo do desenho enfatiza que é um momento de noite.

A descrição do desenho oferece uma visão inspiradora da vida comunitária e da harmonia com a natureza, destacando os valores de compartilhamento, solidariedade e conexão humana que são fundamentais nas culturas indígenas. É um lembrete da riqueza e da importância da diversidade cultural e da necessidade de valorizar e preservar as tradições dos povos indígenas como parte integrante da identidade cultural no lugar vivido.

Figura 40. “... vários desenhos”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Duas “ocas”, desenhadas de frente. E uma de lateral?

Duas casas desenhadas de forma primitiva, entre as duas uma fogueira que pode estar ali, para aquecer, iluminar e ou cozinhar. As árvores ao redor das moradas, três bem juntas do lado direito e uma outra do lado esquerdo. Essas por sua vez parece ter um papel muito importante nesse lugar, estão ali para guardar, proteger e refrescar. Em azul uma outra casa vista de lado? Um tecido? Um rio? Não podemos afirmar.

A comunidade indígena de Dourados, e o modo de viver deles, para H. se representou nesse formato de vizinhança, de estar perto uns dos outros e junto da natureza.

*

O desenho foi feito por H. K, 12 anos, branca, aluna de um sétimo ano.

Não escreveu o bairro onde mora.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- As culturas e a aparência.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

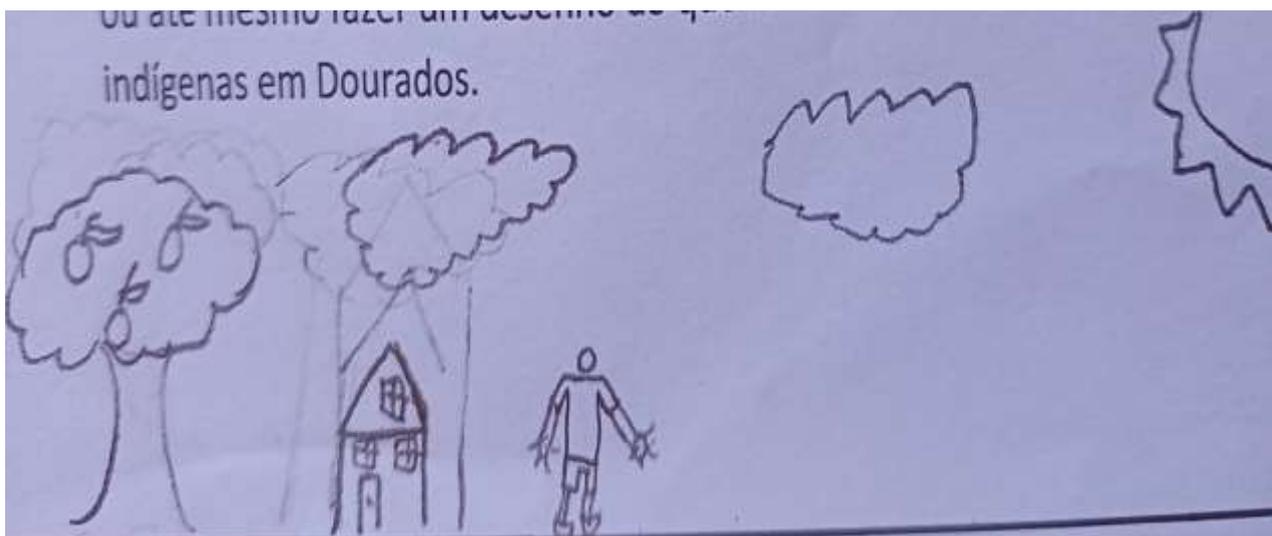
Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A estudante de H. K. oferece uma representação simples e simbólica da vida em uma comunidade indígena, destacando a proximidade entre os moradores e a natureza ao seu redor, ou seja, o lugar vivido. As duas casas desenhadas de frente, junto à fogueira entre elas, sugerem um espaço de convivência e interação entre os membros da comunidade. As árvores ao redor das moradas representam não apenas elementos naturais, mas também símbolos de proteção, segurança e conexão com o meio.

A casa em azul vista de lado, juntamente ao tecido e ao rio não claramente definidos, adicionam uma camada de mistério e ambiguidade ao desenho, convidando à interpretação e à reflexão sobre a relação entre a comunidade indígena e seu entorno natural.

O desenho é um lembrete da riqueza e da importância da diversidade cultural e da necessidade de valorizar e preservar as tradições dos povos indígenas como parte integrante da identidade cultural.

Figura 41. Um lugar frutífero

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um sol no canto ilumina a cena...

Duas nuvens, uma casinha pequena uma árvore grande cheia de frutos.

Um corpo grande com uma cabeça pequena...de braços abertos como se quer sentir, tatear o lugar, o lugar que dá frutos, que alimenta.

*

O desenho foi feito por P., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Mora no Jardim Flórida II

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Não tem diferença porque somos todos humanos.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

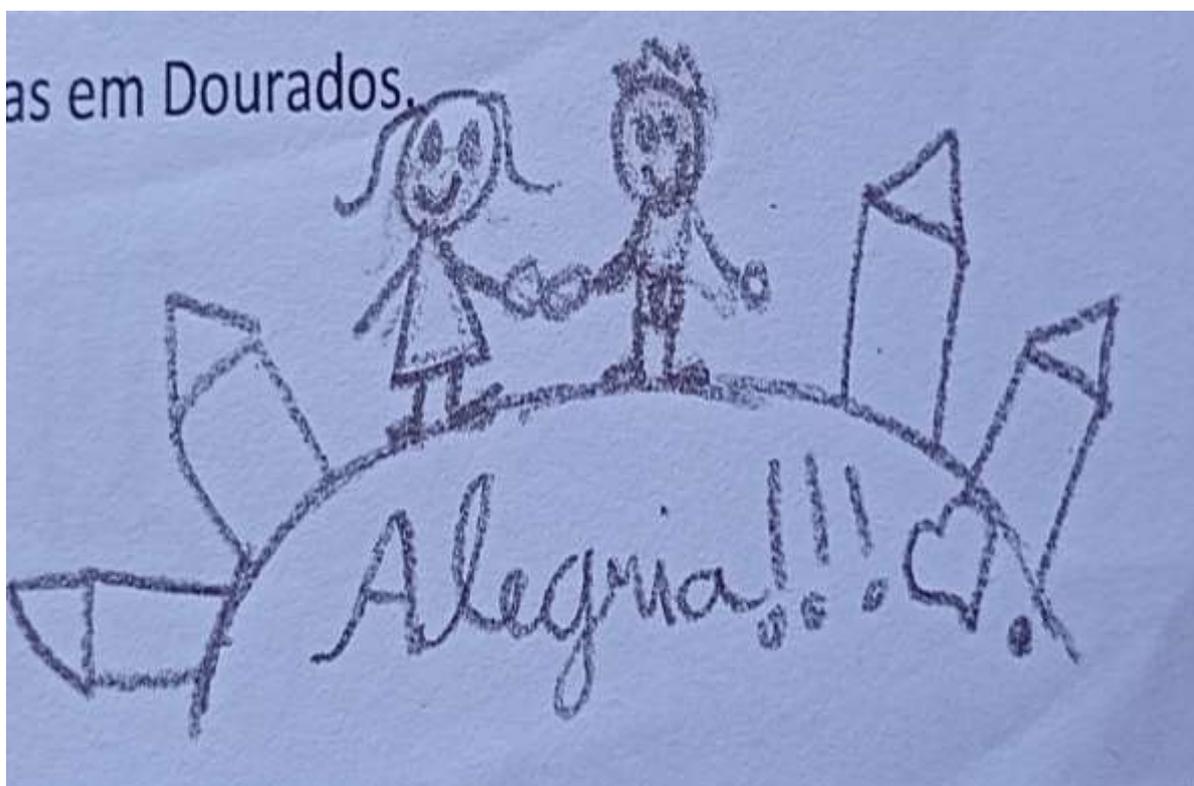
A ilustração acima de autoria de P., um aluno de 11 anos, traz uma representação simples da interação entre o ser humano e a natureza. O sol no canto, iluminando a cena, transmite uma sensação de calor e vitalidade, enquanto as duas nuvens surgem

para complementar o quadro. No centro do desenho, uma pequena casinha e uma árvore grande carregada de frutos mostra a abundância proporcionada pela natureza. A figura humana representada como um corpo grande com uma cabeça pequena, de braços abertos, parece estar em comunhão com o ambiente ao seu redor, expressando uma sensação de admiração e gratidão pela generosidade da natureza. A postura aberta e receptiva sugere uma conexão profunda com o lugar que fornece alimento e sustento.

O desenho mostra interdependência entre os seres humanos e a natureza é uma representação inspiradora da harmonia e da beleza que podem surgir quando o ser humano vive em equilíbrio e respeito com a natureza ao seu redor.

2.5 FUTEBOL, BRINCADEIRA, CONVIVÊNCIA. LUGAR DE ALEGRIA!!!

Figura 42. De mãos dadas com a alegria!!



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

O traço de um hemisfério... Em um “hemisfério” de alegrias.

Juntas, duas crianças de mãos dadas e sorriso largo no rosto, cercadas de casinhas, e uma “legenda” explica o momento: Alegria!!!

O desenho não mostra nada que identifique que essas casas ou essas crianças sejam indígenas... mas... a figura da criança nos movimenta de diversas formas, esse movimento também é indígena.

Não se sabe se o mundo está dentro da Reserva ou a Reserva está dentro do mundo.

*

O desenho foi feito por K., negra.

Não escreveu o bairro onde mora.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Disse que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Nós somos todos iguais”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

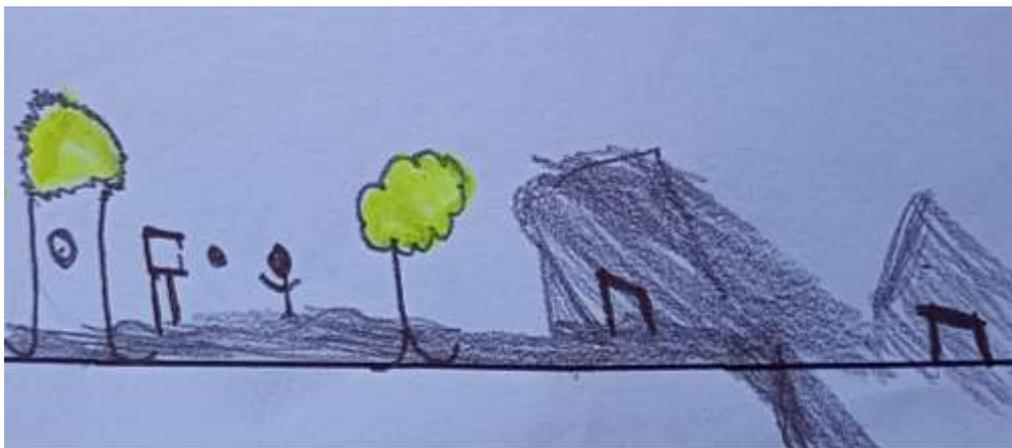
Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A estudante K. oferece uma representação da alegria compartilhada entre duas crianças, cercadas por casinhas em um ambiente de felicidade. Embora o desenho não contenha elementos específicos que identifiquem as crianças ou as casas como indígenas, a presença da figura infantil nos convida a refletir sobre a alegria e o movimento humano, que também é parte das culturas indígenas. A legenda “Alegria” mostra a felicidade como algo independente das origens étnicas dos sujeitos.

Figura 43. O vento a soprar



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Duas árvores de copa amarela, duas casas feitas de palha e mais atrás um menino de corpo franzino.

Parece estar sozinho, jogando um futebol... se divertindo.

O desenho mostra um vento forte pois as palhas estão a voar e o menino na terra a se banhar/brincar.

*

O(A) autor(a) do desenho preferiu não se identificar, 12 anos, pardo(a), aluno(a) de um sexto ano.

Mora na Vila Esperança.

Em sua família tem uma tia de consideração que é de origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá seja normal.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Por que todos são seres humanos igual”.

Já presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Projeto de Vida.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

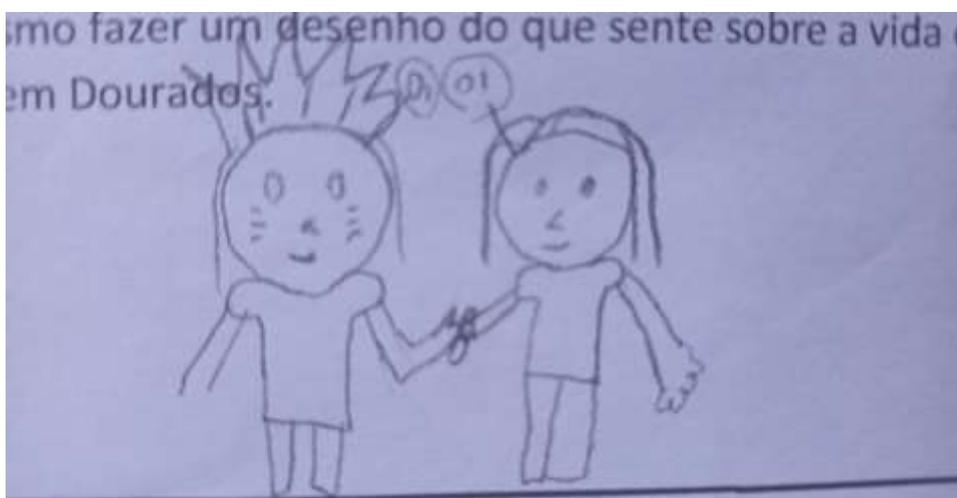
*

O desenho anônimo retrata uma cena cheia de vida e movimento. Duas árvores com copas amarelas dominam o cenário, enquanto ao fundo se avistam duas casas feitas

de palha. No centro da cena, um menino magro e pequeno parece estar sozinho, se divertindo ao jogar futebol. O vento forte é sugerido pelo movimento das palhas voando e pelo menino, que parece estar brincando na terra enquanto se banha de vento. Embora o autor do desenho não tenha se identificado, sua representação transmite uma sensação de liberdade e alegria infantil, mesmo em meio às condições simples de vida.

Em suma, o desenho anônimo reflete não apenas uma cena de brincadeira, mas também levanta questões sobre identidade, igualdade e diversidade cultural, convidando à reflexão sobre as experiências e perspectivas de diferentes grupos na sociedade.

Figura 44. Oi entre nós!



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um cumprimento entre “nós”...

O “outro” e “eu” ... Oi... Oi.

O “outro” de adereço na cabeça e pintura no rosto, características culturais dos povos indígenas... o enfeite também parece uma coroa, característica da nobreza.

O “eu” não usa nenhum adereço, seu rosto não tem pintura, mas sim uma expressão firme, assim como o aperto de mão.

- Oi!

*

O desenho foi feito por M., 11 anos, branca, aluna de um sétimo ano.

Mora no Parque das Nações I.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá “- Deve ser um lugar aberto e legal”.

Tem relação de amizade com indígenas.

Disse que não há diferenças entre indígenas e não indígena.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes, História e Geografia.

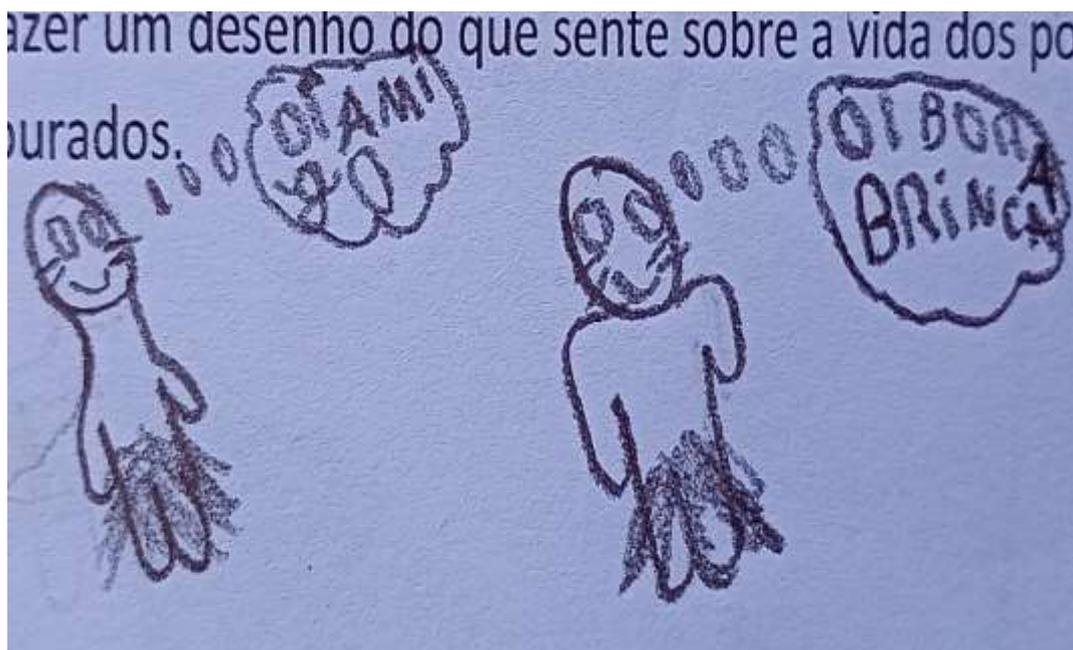
Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e não é importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho de M. retrata um momento carregado de significado, onde ocorre um cumprimento entre duas pessoas, representando "nós" e "outro". No desenho, o "outro" é caracterizado por adereços na cabeça e pintura no rosto, elementos culturais associados aos povos indígenas. O enfeite na cabeça também sugere uma coroa, evocando características da nobreza. Por outro lado, o "eu" não usa nenhum adereço e seu rosto não possui pintura, mas exibe uma expressão firme e o cumprimento muito simples, mas universal “Oi”.

Embora M. não tenha vontade de conhecer mais sobre a cultura dos povos indígenas e não considere importante que essa cultura seja trabalhada nas escolas, ela destaca a necessidade de promover a compreensão mútua e a coexistência pacífica entre diferentes grupos, mesmo que não haja um interesse pessoal em explorar profundamente essas culturas.

Figura 45. “Oi amigo!”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Amigos para brincar...

Com seus corpos cobertos na parte de baixo e peito a mostra...

Um sorriso contente com suas pinturas e uma pergunta...

- Oi bora brincar?

Viver esse lugar, com o brincar a alegria e amizades.

*

O desenho foi feito por M., 12 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Não sabe onde mora.

Sua família tem um primo de origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha: “- Eu acho que lá tem muito barraco”.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Disse que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes e Geografia.

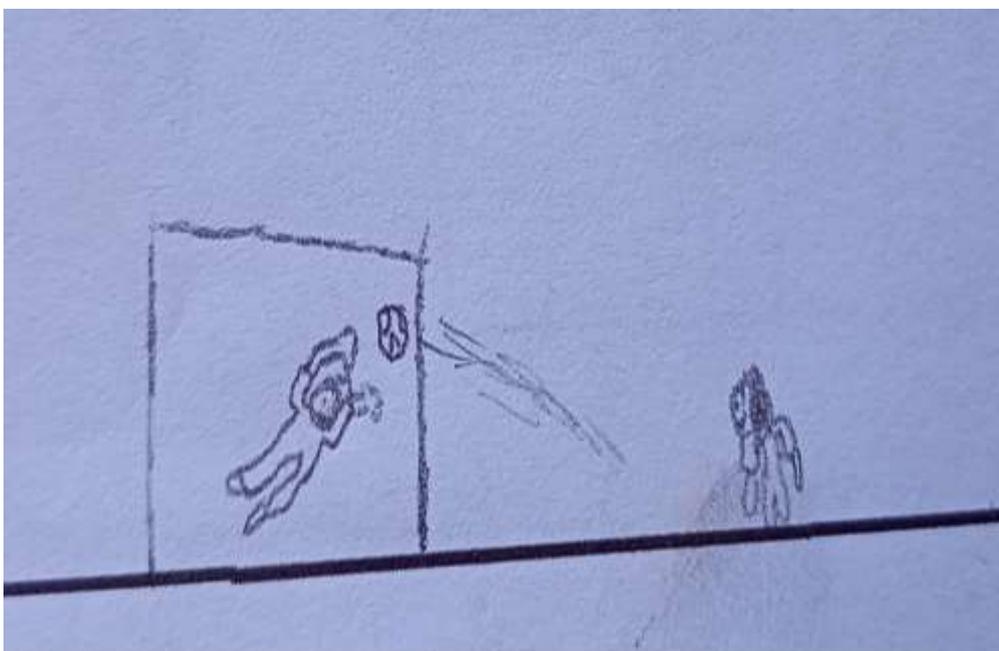
Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O autor do desenho, M., retratou um momento entre amigos que se reúnem para brincar. As figuras estão representadas com os corpos cobertos na parte de baixo e o peito à mostra, características que podem evocar costumes indígenas de vestimenta. Eles exibem sorrisos contentes e pinturas em seus corpos, mostrando sua identidade e cultura. A saudação amigável, "Oi bora brincar?", reflete o espírito de alegria compartilhada entre as crianças.

Talvez o desenho de M. seja um testemunho da importância da amizade, já que ele próprio tem um primo de origem indígena, ele apresenta a necessidade de celebrar e valorizar as diferentes identidades culturais presentes em nossa comunidade, promovendo, assim, uma cultura de respeito e troca.

Figura 46. Futebol



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma bola a voar e bem no ângulo foi entrar...

Uma trave retangular, o goleiro parece voar pra tentar evitar...

Mas foi inevitável, no ângulo a bola foi entrar... Pelo chute forte e certo o menino sorriu satisfeito.

Goool...

O futebol, uma das brincadeiras desse lugar, não importa a raça a cor ou a etnia.

O desenho foi feito por C., 11 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Mora na Vila Toscana.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Não todos nós temos as mesmas células, não muda pela cor dele que é diferente”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

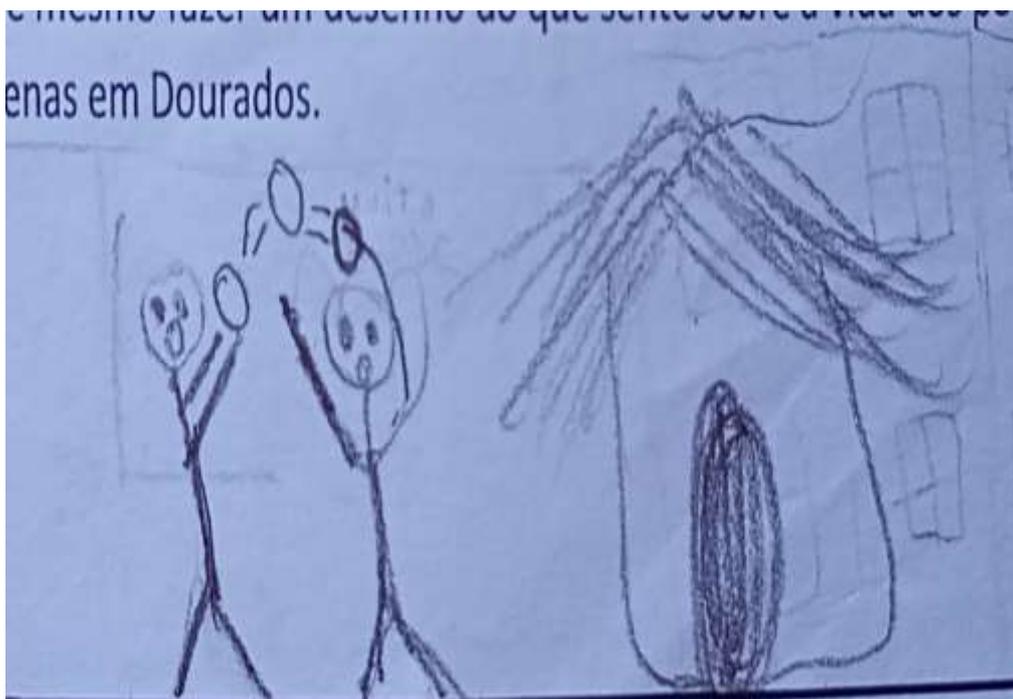
Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O retrato de C. mostra um momento animado de uma partida de futebol, onde um menino com um chute certeiro marca um gol. A bola voa em direção ao gol, enquanto o goleiro se lança para tentar evitar o gol, mas sem sucesso. O sorriso satisfeito do menino revela a alegria e a emoção de marcar um gol. O futebol é retratado como uma das brincadeiras comuns desse lugar.

O aluno C. de 11 anos enfatiza que as diferenças externas, como cor da pele, não alteram a nossa humanidade compartilhada. Ele nos lembra da capacidade do esporte de transcender barreiras e unir pessoas de diferentes origens e experiências em torno de uma paixão comum.

Figura 47. Brincando no quintal

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma casinha com uma porta e um teto de rabisco.

Na frente da casa duas “pessoas”...

Talvez crianças pois o brinquedo/bola passa de uma mão para a outra, no rosto certa tensão.

Jogando de um lado para o outro, no quintal de suas casas parece um bom lugar de brincar.

*

O desenho foi feito por R., 11 anos, branco, aluno de um sétimo ano.

Mora no Jardim América.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, mas: “- Imagino que lá tenha várias tocas e crianças brincando”.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Todos nós somos iguais independente da raça”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

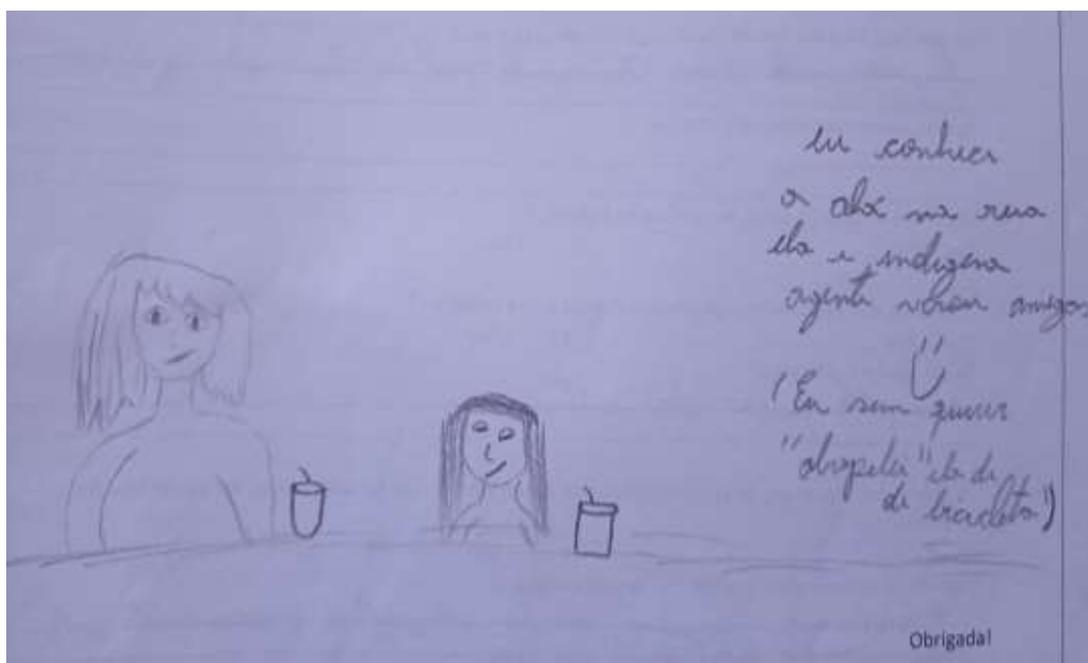
Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A aluna R. retrata uma cena onde duas crianças brincam em frente a uma casinha de rabisco. Na brincadeira passam a bola de uma mão para a outra entre as duas figuras. O quintal das casas é descrito como um bom lugar para brincar, sugerindo um ambiente acolhedor e familiar.

Em resumo, o desenho de R. representa um momento de brincadeira simples e universal, enquanto suas respostas às perguntas mostram uma abertura para aprender sobre outras culturas e promover a igualdade e reflete valores importantes de compreensão e respeito mútuo.

Figura 48. Tomando um tereré



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

- “ eu conheci a ___ na rua ela é indígena a gente virou amigas !! (- Eu sem querer atropeliei ela de bicicleta)”.

Dois meninas, cada uma com sua cuia de tereré. Do lado esquerdo a garota maior, cabelos na altura dos ombros e olhos bem abertos, a boca parece de dúvida. Do lado direito, outra garota, também com olhos atentos e lábios duvidosos.

Pela escrita podemos constatar que são amigas, se conheceram de maneira inusitada, num esbarrão, um atropelamento, uma amizade veio a acontecer e o tereré vem fortalecer esse laço.

*

O desenho foi feito por P., 14 anos, parda, aluna de um oitavo ano.

Mora no Canaã I.

Sua família tem os tataravós por parte de pai de origem indígena.

Já visitou a Reserva Indígena de Dourados e diz: “- Eu acho lá muito legal, tem muita gente, e tem umas crianças lindas”.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Sim pela questão da cultura”.

Já presenciou situação de preconceito contra indígenas “- Acho erradíssimo, ninguém merece desrespeito e preconceito pela sua raça, cor, jeito de ser, etc.”.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História. “- Sim fizemos pesquisas dos povos indígenas, cultura, fizemos trabalho.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas “- Acho muito legal algumas tradições, músicas, danças e comidas. E pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas “-Sim, conhecimento é sempre muito bom, principalmente de povos que estão presentes em nosso Estado e País. Pois são os povos que mais participaram da história do nosso país”.

*

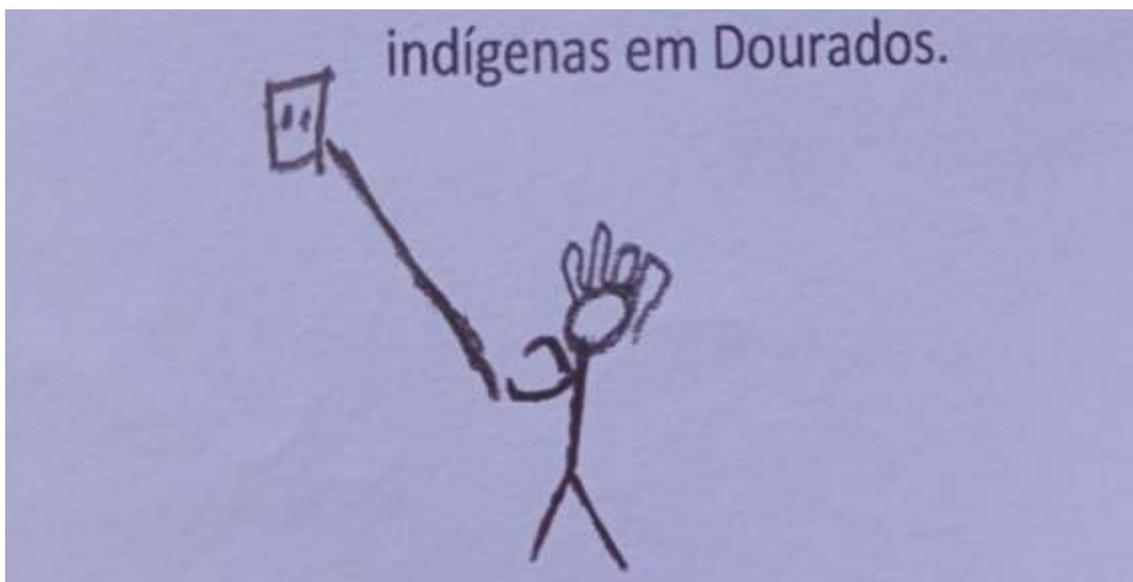
A ilustração acima mostra um encontro inusitado entre duas meninas, cada uma com sua cuia de tereré, simbolizando um momento de conexão e fortalecimento de laços de amizade. A expressão nos rostos das meninas reflete uma mistura de surpresa e curiosidade, o encontro ocorreu de maneira improvável, como consequência de um incidente na rua, onde uma delas atropelou a outra de bicicleta.

Apesar do incidente inicial, o tereré surge como um elemento unificador, representando não apenas uma bebida refrescante, mas também um símbolo de convívio e partilha. O encontro casual levou à formação de uma amizade genuína, que é fortalecida pelo compartilhamento de experiências e tradições culturais, como o tereré.

É interessante notar que P. possui raízes indígenas por parte de seu pai e tem interesse pela cultura dos povos indígenas. Sua visita à Reserva Indígena de Dourados e

sua amizade com indígenas demonstram envolvimento real com a comunidade. Além disso, sua postura contra o preconceito e a defesa da importância de conhecer e valorizar a cultura indígena nas escolas revelam uma consciência social e cultural admirável para sua idade. O desenho de P. não apenas retrata um encontro casual entre duas pessoas, mas também traz temas mais amplos de amizade, diversidade cultural, respeito e construção das relações entre diferentes grupos na cidade de Dourados.

Figura 49. Soltando pipa



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Na ilustração uma pessoa, desenhada em traços...

Um traço pro corpo, dois para as pernas e dois para as mãos, um traço em forma de circunferência para a cabeça, em cima dessa circunferência traços em ondas como se fosse um cocar.

O traço maior, liga a pessoa/criança ao brinquedo, uma pipa... essa linha faz a pipa voar em um céu aqui não desenhado, mas imaginado.

*

O desenho foi feito por G., 13 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Não disse onde mora.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá seja legal.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas nas roupas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, não estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e não acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

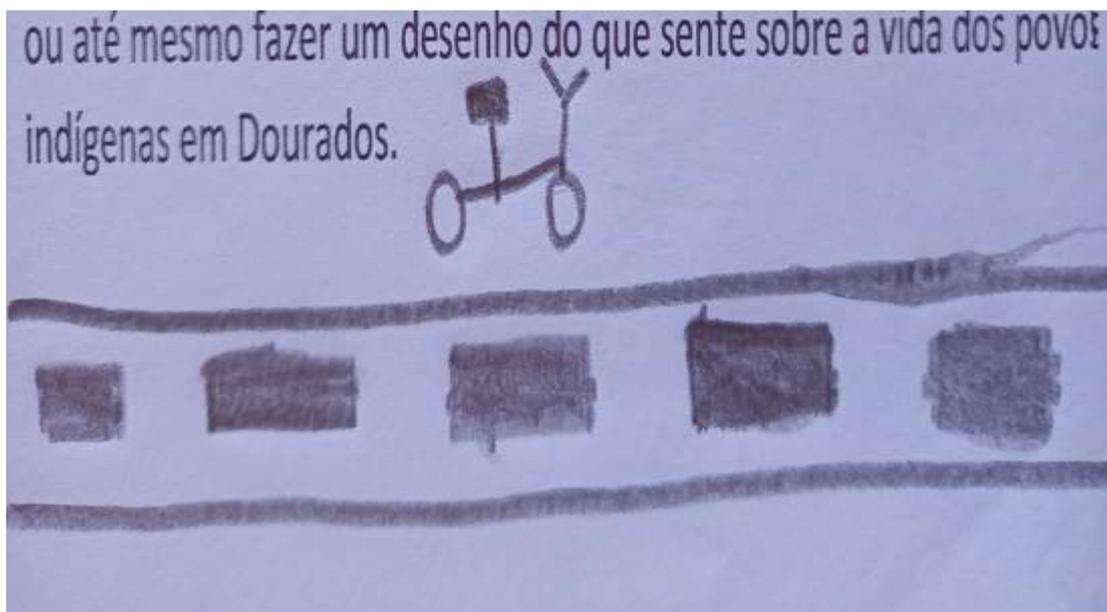
O desenho elaborado por G., um estudante de 13 anos, oferece uma representação simples, mas significativa, de uma criança em interação com um brinquedo, a pipa. A figura humana é retratada de maneira minimalista, com poucos traços que sugerem corpo, pernas, mãos e cabeça, enquanto os traços em forma de cocar acrescentam um elemento de identidade cultural indígena.

A simplicidade dos traços e a ausência de detalhes elaborados realçam a essência da infância e a experiência de brincar. Não importa a origem étnica ou cultural, a pipa é um brinquedo que transcende fronteiras, proporcionando momentos de alegria e criatividade para crianças de todas as origens.

É interessante notar que, apesar de não ter vivenciado diretamente a cultura indígena, G. não demonstra interesse particular em conhecer mais sobre isso e pensa que a mesma não seja importante de ser trabalhada nas escolas. Sua contribuição para a representação visual sugere uma abertura à diversidade e uma valorização das tradições culturais.

3.5 TRÂNSITO/TRANSPORTE NA RESERVA NA CIDADE, ANDAR PELA CIDADE, RELAÇÕES CIDADE/RESERVA E O PEDIR

Figura 50. Uma bicicleta na rua



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma bicicleta, na sua forma mais simples...

Duas rodinhas, um guidão e um cilindro.

Sobre a rua ela vai indo sem ninguém a lhe guiar, mas o invisível é sugestivo...

A rua é larga e sinalizada, não podemos dizer a onde ela vai levar.

*

O desenho foi feito por V., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Mora no Kairós II.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha indígenas.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa.

Ele diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

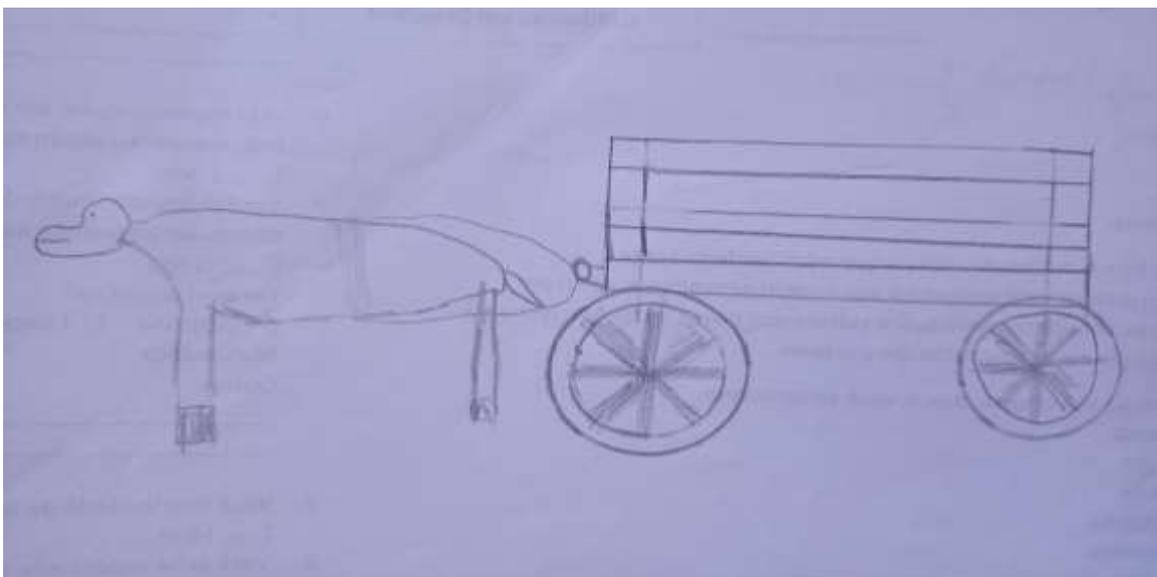
*

O desenho de V., um estudante de 11 anos, vem carregada de simbolismo. Na ilustração, uma bicicleta é representada de forma básica, com apenas duas rodas, um guidão e um cilindro. Apesar da simplicidade da representação, há uma sensação de movimento e liberdade, já que a bicicleta parece estar indo em frente por uma rua larga e sinalizada.

A ausência de uma pessoa guiando a bicicleta não anula o fato da percepção das pessoas que veem muitos indígenas andando de bicicleta pela cidade, ou seja, o "invisível sugestivo".

No geral, o desenho de V. transmite uma mensagem de liberdade, autonomia e abertura para novas experiências culturais, aqui em especial sobre os meios de transporte utilizados por pessoas indígenas em Dourados.

Figura 51. Uma carroça



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um cavalo comprido e magro com um rabinho minúsculo, duas pernas que se vê.

Uma carroça de madeira com duas rodas, amarrada ao corpo do cavalo está, mas ninguém a carroça parece carregar.

O que também não se sabe é se está nas ruas da cidade ou na reserva.

*

O desenho foi feito por G., 11 anos, moreno, aluno de um sexto ano.

Não disse onde mora.

Sua família tem a avó de origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha casas de palha.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas..

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes e Língua Portuguesa.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

No desenho, G., um estudante de 11 anos, retrata um meio de transporte comum na cidade de Dourados. Um cavalo magro e comprido é representado de forma simplificada, com apenas duas pernas visíveis e um pequeno rabinho. O cavalo está ligado a uma carroça de madeira com duas rodas, mas não está claro se está puxando ou apenas conectado a ela.

O ambiente é ambíguo, pois não está claro se a cena se passa nas ruas da cidade ou na reserva indígena e se a carroça está em movimento ou parada, já que não tem ninguém na sua direção. Essa incerteza adiciona uma camada de profundidade à narrativa visual, convidando o espectador a refletir sobre as diferentes realidades e experiências que podem coexistir em um mesmo espaço geográfico.

Figura 52. Uma carroça e uma pessoa



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Outra carroça...

Essa tem quatro rodas e é puxada por um “cavalo gordo” que parece empinar. Nele também só duas pernas põem se avistar.

Uma pessoa em cima da carroça se põe a “viajar”... passear na cidade, vender seus produtos, resolver negócios, comprar o que está faltando em casa...

Não dá pra prever e não se pode o controlar, pois arreio nas suas mãos não há.

*

O desenho foi feito por N., 11 anos, branca, aluna de um sexto ano.

Mora no Parque Alvorada.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha “-Índios, ocas, plantações e animais”.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Na cor e na raça”.

Já presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de História e Geografia.

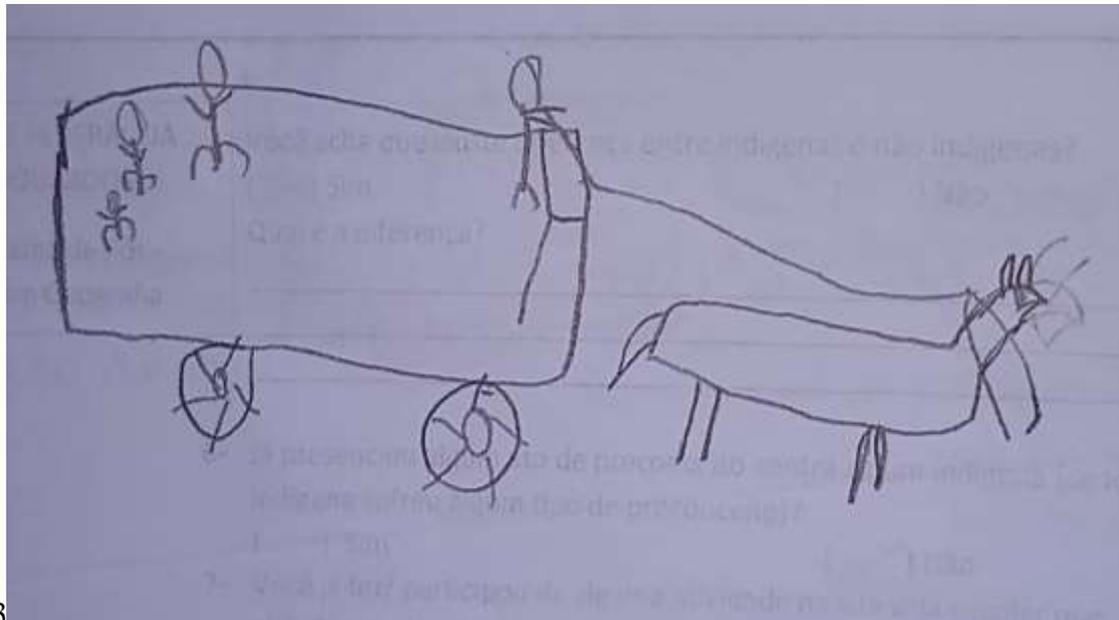
Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

O desenho de N. retrata a vida cotidiana de muitos indígenas na cidade de Dourados. Uma carroça com quatro rodas é puxada por um “cavalo gordo”. Em cima da carroça, uma pessoa está representada, numa atividade indefinida, talvez viajando, vendendo produtos ou realizando tarefas diversas. A falta de um arreio nas mãos da pessoa na carroça sugere uma ausência de controle sobre o movimento do cavalo, adicionando um elemento de imprevisibilidade à cena.

Embora N. não tenha uma conexão direta com a cultura indígena e nunca tenha visitado uma reserva indígena, tem disposição para aprender mais sobre essa cultura e reconhece sua importância. Sua amizade com pessoas indígenas e sua experiência de presenciar situações de preconceito contra elas demonstram uma sensibilidade para questões sociais e culturais.

A ilustração de N. convida à reflexão sobre a vida do indígena que transita entre a reserva e a cidade, a liberdade de movimento e a complexidade das interações humanas em diferentes contextos culturais.

Figura 53. Uma família na carroça



3

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Nessa carroça, diferente das outras, uma família...

O cavalo de quatro patas, de corpo comprido, um rabo, duas orelhas e um olhar atento para puxar a carroça sob o arreio do(a) condutor(a).

A carroça de duas rodas, carrega a família composta por três crianças e uma pessoa adulta.

A missão é cuidar dos filhos em cima da carroça e direcionar o cavalo.

*

O desenho foi feito por L. D., 12 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Mora no Jardim Novo Horizonte.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados. “- Não fui, deve ter costumes legais”.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Os costumes, culturas, raça e comida”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígena na disciplina de Geografia.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho de L. D., retrata uma cena muito familiar na cidade de Dourados. Uma carroça de duas rodas é puxada por um cavalo, com quatro patas, rabo, orelhas e um olhar atento, enquanto uma pessoa adulta segura as rédeas para guiar o animal, as três crianças completam o cenário, cada um ocupando seu espaço e parecendo desfrutar da jornada e todos compartilham a responsabilidade de cuidar uns dos outros. A presença do cavalo como meio de transporte adiciona um elemento tradicional de famílias indígenas de Dourados.

Através desse desenho, L. D. nos convida a refletir sobre temas como a vida familiar, a importância da colaboração e a valorização das tradições. Sua disposição para explorar e compreender melhor a cultura indígena, junto a sua crença na importância de ensiná-la nas escolas, destaca sua sensibilidade para questões socioculturais da cidade de Dourados.

3.6 CIDADE, SUAS RELAÇÕES E TENSÕES

Figura 54. Vivendo e vivenciando a cidade



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma cidade um bairro, característico em sua configuração...

Uma árvore, várias casas e um veículo e pessoas vivendo nela.

O menino e a menina brincam de bola, um outro anda pela rua passando pelas casas.

O fato é a cena de vivência, não se sabe se na cidade ou na reserva, e isso não parece ter importância aqui. O que importa é o viver a cidade sem fronteiras para dividir, separar ou segregar.

*

O desenho foi feito por H., 13 anos, parda, aluna de um sexto ano.

Mora na Rua Marçal Tupã

Sua família tem a esposa de um tio de origem indígena.

Já visitou a Reserva Indígena de Dourados e acha diferente e legal lá.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- A aparência”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

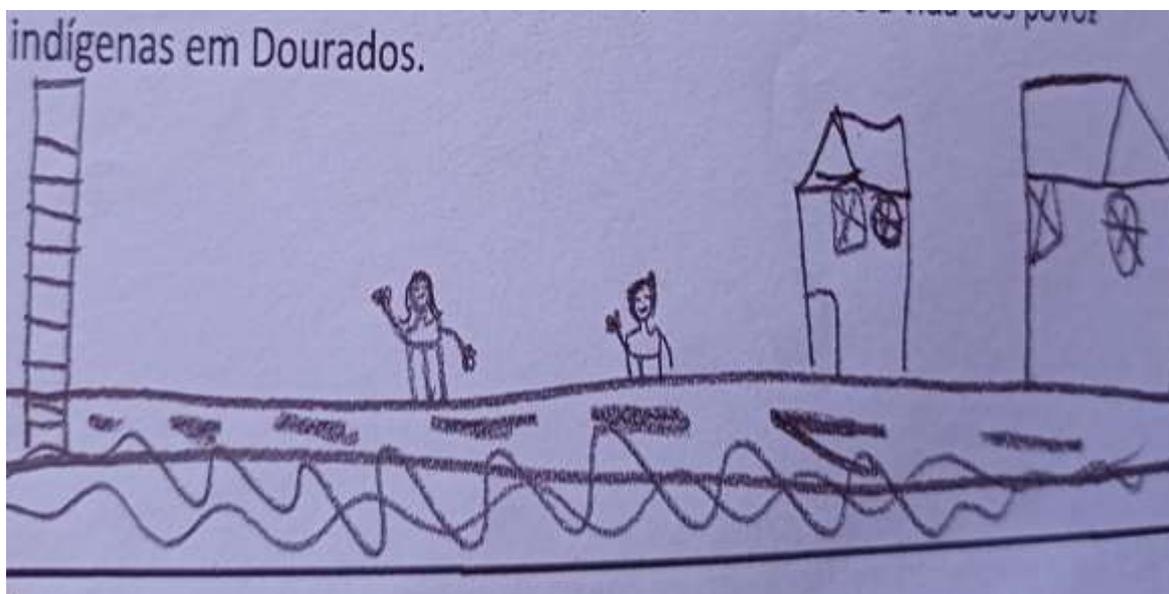
*

O desenho de H. retrata uma cena cotidiana na qual uma cidade ou bairro é representado de forma característica, com várias casas, uma árvore, um veículo, duas crianças brincam animadamente com uma bola, enquanto outra pessoa caminha pela rua, passando pelas casas.

O que se destaca nesta ilustração é a atmosfera de vivacidade e comunidade, onde as fronteiras entre a cidade e a reserva parecem desaparecer, demonstrando uma visão de cidade não segregacionista, mas sim inclusiva.

Embora H. tenha uma ligação indireta com a cultura indígena, através da esposa de um tio, sua disposição para reconhecer as diferenças na aparência e sua experiência de visitar a Reserva Indígena de Dourados demonstram uma abertura para explorar e entender outras culturas.

Figura 55. Caminho



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um caminho desenhado com as bordas rabiscadas...

Duas meninas acenando com as mãos e sorriso no rosto.

Duas casas que tem porta e janelas, mas também podem ser comércio.

A rua pode ser passagem diária... Caminho pra escola ou trabalho.

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou., 11 anos, indígena, aluno(a) de um sexto ano.

Mora na Aldeia.

Sua família é de origem indígena.

Mora na Reserva Indígena de Dourados e diz que lá tem um monte de casas.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Geografia.

Diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

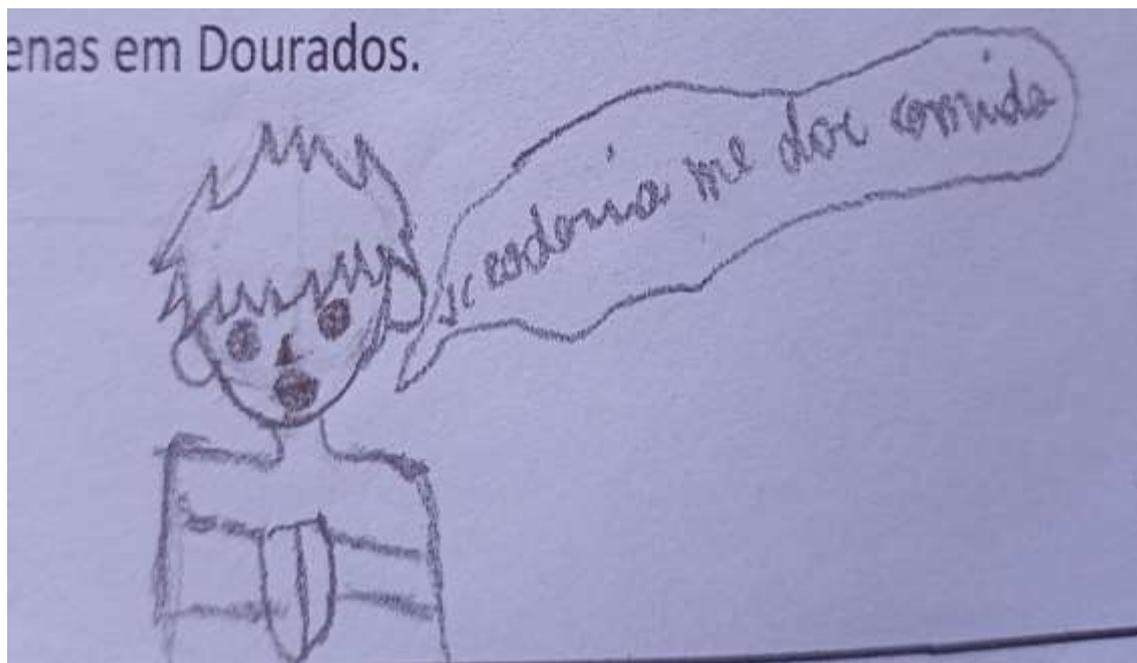
*

No desenho sem identificação do autor ou autora, somos apresentados a uma cena simples, porém significativa, que retrata duas meninas acenando alegremente em um caminho delineado por bordas rabiscadas. Ao fundo, vemos duas estruturas que podem ser interpretadas como casas ou estabelecimentos comerciais, com portas e janelas, sugerindo um ambiente urbano.

A simplicidade e a expressão de alegria das meninas contrastam com a complexidade das possíveis interpretações, que podem representar tanto um caminho comum do dia a dia, como o trajeto para a escola ou para o trabalho. Essa dualidade reflete a experiência comum compartilhada por muitas pessoas na cidade de Dourados, independentemente de sua origem ou contexto cultural.

É interessante notar que o autor ou autora é uma criança indígena que vive na Reserva Indígena de Dourados, o que adiciona uma camada de autenticidade e significado cultural ao desenho. Sua disposição para aprender mais sobre sua própria cultura e sua crença na importância de ensinar a cultura indígena nas escolas evidenciam um desejo de preservar e compartilhar as tradições de seu povo.

Figura 56. “Você poderia me dar comida?”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Cabelo bagunçado, olhar profundo e assustado... um olhar que pede apesar de tímido.

Um menino... Aparece estar mirrado com braços juntos ao corpo, o estômago pode estar vazio, pois a pergunta veio como um pedido: Você pode me dar comida?

*

O desenho foi feito por P. H., 11 anos, branco, aluno de um sexto ano.

Mora no 3º Plano.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que seja legal.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Não, por que nós todos somos uma mistura de etnias”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Educação Física.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

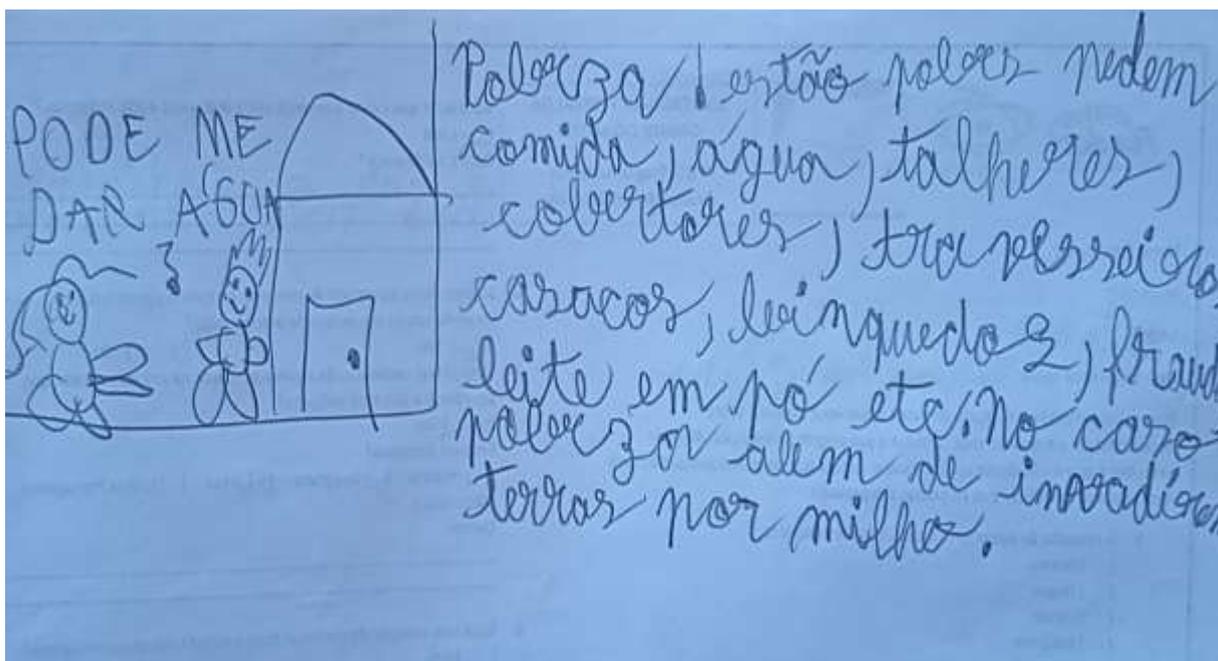
*

O desenho de P. H. apresenta uma cena tocante, poderosa e muito simbólica da cidade de Dourados, onde um menino de cabelos bagunçados e olhar profundo e assustado é retratado de forma delicada, mas impactante. A expressão de timidez misturada com uma súplica silenciosa nos faz refletir sobre as adversidades enfrentadas por muitas crianças indígenas em situações de vulnerabilidade.

A pergunta simples, "- Você pode me dar comida?", ressoa como um pedido humilde e urgente, que revela uma realidade socioeconômica e política por trás da imagem, revelando uma das problemáticas presentes na cidade de Dourados.

É notável que o autor, mesmo sem origem indígena e sem ter visitado a Reserva Indígena de Dourados, presencie situações como as do desenho, demonstrando sensibilidade e empatia ao retratar uma cena que transcende fronteiras culturais e étnicas.

Figura 57. “Pode me dar água?”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Pá, Pá, Pá... As palmas dão o sinal...

Duas pessoas/crianças, diante de uma casa.

No rosto levam um sorriso e a mesma moça faz o pedido...

Pode me dar água?

A ilustração é também escrita... Diante da pergunta de como vivem os povos indígenas na cidade de Dourados, veio uma reflexão: “– Pobreza! Estão pobres pedem

comida, água, talheres, cobertores, traveseiros, casacos, brinquedos, fralda, leite em pó etc. No caso pobreza além de invadirem terras por milho”.

E o sorriso persiste...

*

O(A) autor(a) não se identificou, 11 anos, amarelo(a), aluno(a) de um sexto ano.

Mora no Parque do Lago II

Sua família tem uma tia de origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha indígenas.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- A cor, os indígenas são mais avermelhados.”

Já presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas nas disciplinas de Artes, História e Geografia.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A ilustração e a reflexão apresentadas oferecem uma visão impactante sobre a realidade dos povos indígenas na cidade de Dourados. A cena retratada mostra duas crianças diante de uma casa, com um sorriso nos rostos, enquanto uma delas faz um pedido: “- Pode me dar água?”. Esse gesto revela não apenas uma necessidade básica não atendida, mas também a resiliência e a gentileza presentes mesmo em meio às dificuldades.

A reflexão escrita ao lado da ilustração aborda a questão da pobreza enfrentada pelos povos indígenas, destacando as múltiplas necessidades que muitas vezes não são supridas. Além disso, o(a) autor(a) do desenho observa a invasão de terras por milho como parte desse contexto de privação e desigualdade, ampliando nossa compreensão sobre os desafios enfrentados por essas comunidades.

É interessante notar a percepção do(a) autor(a) sobre as diferenças entre indígenas e não indígenas, mencionando a cor da pele como uma característica distintiva.

Em suma, a ilustração e a reflexão nos convidam a refletir sobre a importância de reconhecer e abordar as questões sociais enfrentadas pelos povos indígenas da cidade de Dourados.

Figura 58. “Você me roubou!”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma pessoa acusa...

- Você me roubou!

O acusado se defende...

- Não.

Essa conversa acontece em frente a uma casa entre duas pessoas, nada identifica quem é e se há um indígena entre eles.

Outra cena, em outro cenário duas pessoas de cabelos despenteados, um leva uma garrafa na mão e uma seta indicando a sua ação: Bebe. A outra pessoa fala ... – Fome. Essa casa tem o telhado diferente, desenhado como se fosse de palha. No canto, um cachorrinho observa tudo.

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou, 13 anos, pardo(a), aluno(a) de um sexto ano.

Mora no Parque do Lago II

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados, imagina que lá tenha várias casas.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

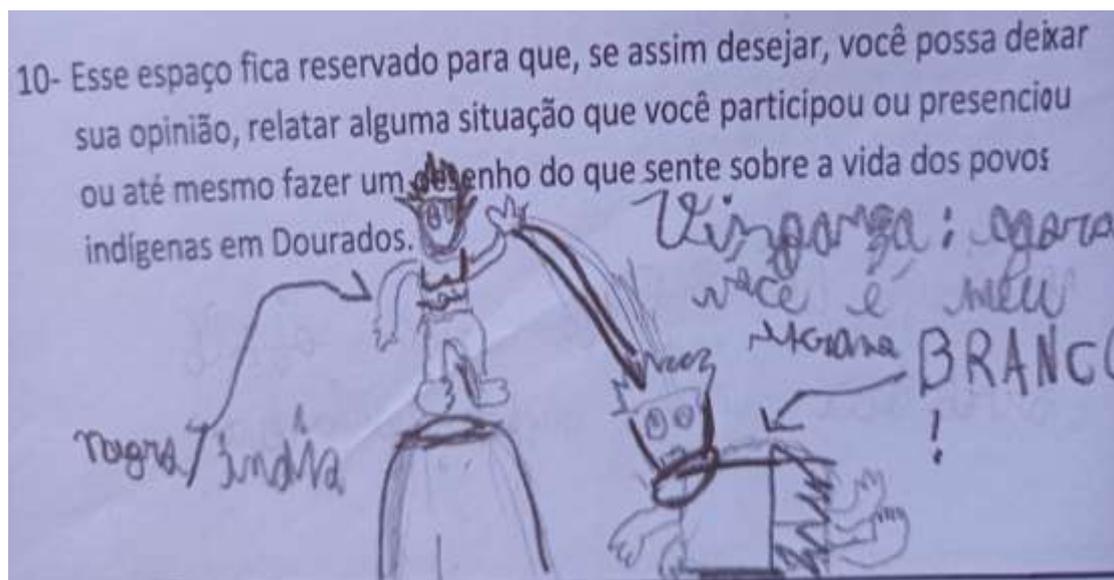
Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas não acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho retrata duas situações distintas, ambas sugerindo percepções de moradores douradenses sobre a presença do indígena na cidade de Dourados. Na primeira cena, há uma acusação de roubo seguida por uma negação, ocorrendo em frente a uma casa entre duas pessoas não identificadas. Essa interação ilustra um conflito comum na convivência humana, sem necessariamente indicar a presença de indígenas. Na segunda cena, vemos duas pessoas em um cenário que sugere dificuldades e carência. Uma delas segura uma garrafa, indicando a ação de beber, enquanto a outra menciona "fome". A representação de uma casa com telhado de palha adiciona a ideia comum que várias pessoas têm sobre as casas de pessoas indígenas. A presença de um cachorrinho no canto observando a cena pode simbolizar uma testemunha silenciosa dessas adversidades enfrentadas e divulgadas na cidade de Dourados.

Figura 59. A vingança

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Uma pessoa/um homem de chicote na mão, em cima de uma “pedra”, uma flecha o identifica “Negro/Índio”.

O chicote castiga o BRANCO, amarrado, torturado e assustado. No rosto uma expressão de desespero.

“- Vingança: agora você é meu escravo!

Como se mostrasse uma situação diferente do que se está acostumado a presenciar e recontar.

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou, 12 anos, normal, aluno(a) de um sétimo ano.

Mora no Parque Alvorada.

Não sabe se sua família tem alguém de origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Os indígenas são injustiçados”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

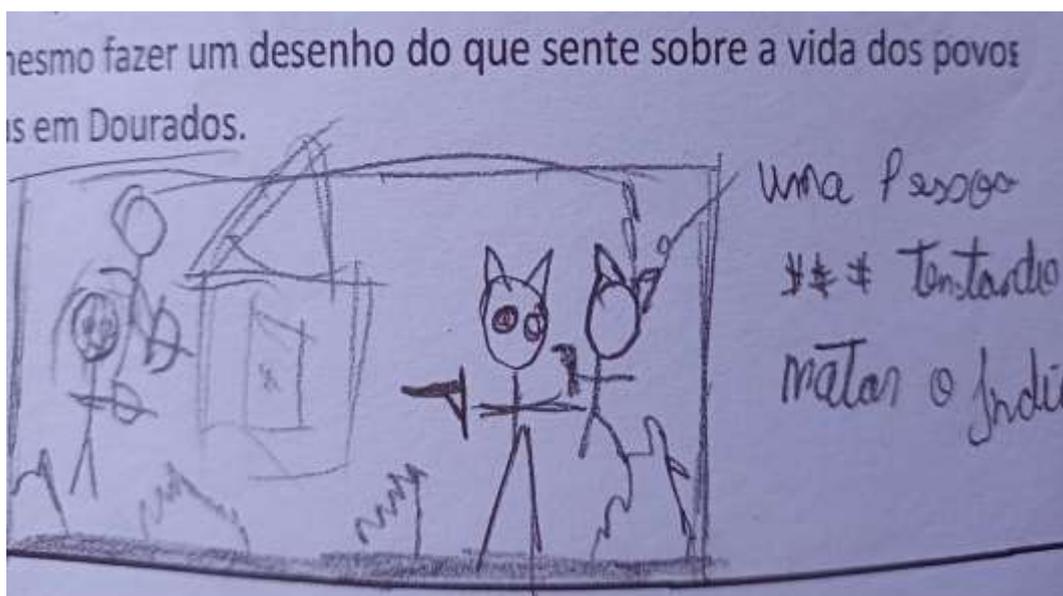
Na escola, nunca estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e não acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A ilustração acima apresenta uma situação de violência e opressão, onde um homem identificado como "Negro/Índio" segura um chicote enquanto outro homem branco, amarrado e torturado, parece expressar desespero em seu rosto. A frase "Vingança: agora você é meu escravo!" adiciona um contexto de vingança e dominação, invertendo as narrativas tradicionais de opressão histórica.

Embora o autor ou autora do desenho não tenha se identificado, é evidente que tem uma perspectiva crítica em relação às relações de poder históricas e à violência perpetrada contra certos grupos étnicos. Nota-se ainda que o(a) autor(a) expressa uma visão de injustiça em relação aos indígenas, sugerindo uma possível falta de compreensão ou conhecimento sobre a história e as lutas enfrentadas por esses povos.

Figura 60. Tensão

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Na esquerda, duas pessoas com corpos desenhados em forma de traços, nas mãos artefatos tradicionalmente utilizados por indígenas, arco e flecha. Um quadro delimita seu espaço, suas terras, com suas casas e suas plantações.

Do lado direito, outras duas pessoas adentram esse quadro... Não por acaso as suas cabeças carregam chifres. As mãos não estão limpas, carregas artefatos tradicionalmente utilizados por “brancos”, armas de fogo.

Uma legenda vem explicar a triste cena ilustrada, “Uma pessoa tentando matar o índio”.

*

O(A) autor(a) do desenho não se identificou, 12 anos, branco(a), aluno(a) de um sétimo ano.

Mora na Vila Rosa.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados. “- Eu acho que lá é tudo sujo”

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Os indígenas estavam aqui primeiro do que nós, então devemos respeitar todos eles”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de História.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas e pensa ser importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O desenho mostra uma situação de tensão entre dois grupos étnicos. De um lado, pessoas representadas com traços simples segurando arco e flecha, simbolizando os indígenas e sua cultura tradicional, do outro lado, indivíduos com chifres e armas de fogo, representando os colonizadores ou invasores.

O elemento central da ilustração é a tentativa de assassinato de um indígena por parte dos invasores, destacando a violência e a injustiça histórica enfrentada por esses povos. A presença de um quadro delimitando o espaço das terras indígenas, com suas casas e plantações, ressalta a tentativa de invasão de territórios.

Embora o autor ou autora do desenho não tenha se identificado, suas palavras refletem - também como o(a) autor(a) do desenho anterior a esse - uma consciência crítica em relação às questões indígenas no Mato Grosso do Sul. Mesmo sem ter visitado uma reserva indígena, expressa a necessidade de respeitar e valorizar a cultura dos povos originários, reconhecendo que eles estavam presentes nessas terras antes da chegada dos colonizadores.

Figura 61. Levando seus alimentos

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um homem de boné na cabeça, shorts, tênis e camisa com um símbolo da *Nike*.
As mãos vêm carregadas, trazendo o alimento... Feijão, arroz, verduras e frutas.
O rosto é vazio, não tem olhos, boca ou nariz.
Mas na roupa a marca... A roupa não é vazia e vem carregada de simbolismo.

*

O desenho foi feito por D. H., 12 anos, branco, aluno de um oitavo ano.

Mora no Moradas Dourados.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas. “- Não gosto de preconceito, acho muito errado quem faz isso, não quero nem perto”.

Na escola, nunca estudou sobre os povos indígenas em nenhuma disciplina.

Disse ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas “- Queria saber mais como vivem os indígenas”. E não sabe se abordar a cultura indígena nas escolas seja uma coisa boa “- Não sei, para mim tanto faz”.

*

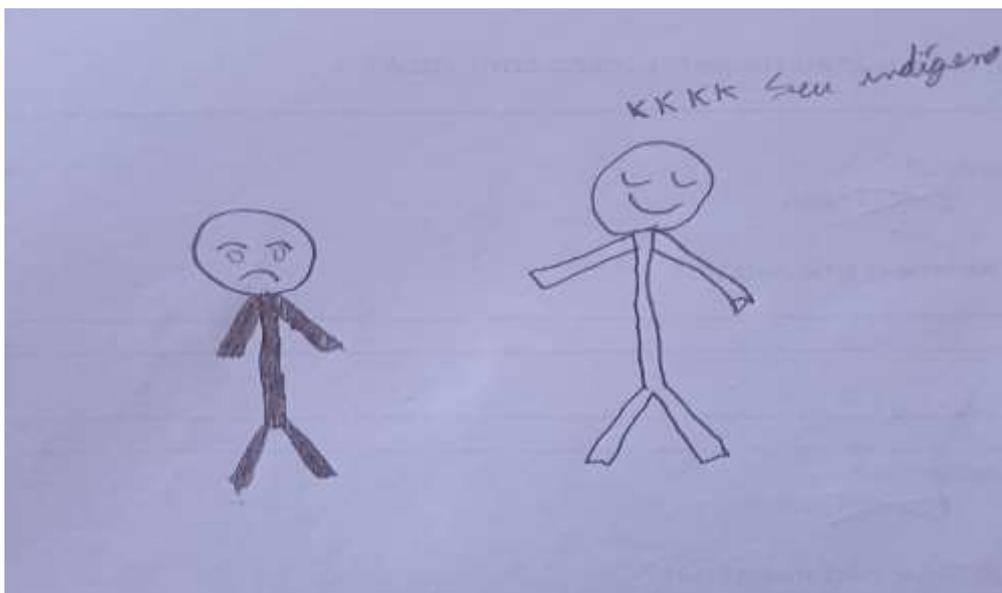
O desenho de D. H. retrata um homem carregando alimentos em suas mãos, vestindo roupas com o símbolo da *Nike*. O rosto do homem está vazio, sem

características faciais, não tendo como identificá-lo como sendo um morador indígena de Dourados. A escolha de representar o homem sem olhos, boca ou nariz pode sugerir uma reflexão sobre a falta de individualidade ou identidade, talvez indicando uma representação étnica da figura humana.

A presença da marca *Nike* na roupa carregada de simbolismo levanta questões sobre a influência do consumismo e da globalização na sociedade contemporânea. Ao associar o homem a essa marca famosa, o desenho pode estar comentando sobre a comercialização da vida cotidiana e a forma como as marcas se apropriam da identidade das pessoas.

A ilustração de D. H. oferece uma reflexão sobre questões contemporâneas, como identidade, consumismo e interesse por outras culturas, enquanto deixa espaço para considerações mais profundas sobre como a cultura indígena é percebida e abordada na sociedade em geral.

Figura 62. “KKKK Seu indígena”



Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um rosto entristecido.

Um rosto contente apontando para a pessoa triste.

A graça vem do: “KKKK (risos/sarro) Seu indígena”

O pronome possessivo (seu) e o substantivo (indígena) neste caso acaba que se tornando adjetivo, (des)qualificando o ser.

*

O desenho foi feito por F., 13 anos, pardo, aluno de um oitavo ano.

Mora no Parque do Lago.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados e nem imagina como seja: “- Não sei porque não penso nisso”.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que há diferenças entre indígenas e não indígenas e complementa: “- Hábitos diferentes”.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Não se lembra se estudou alguma vez em sua vida escolar sobre cultura dos povos indígenas.

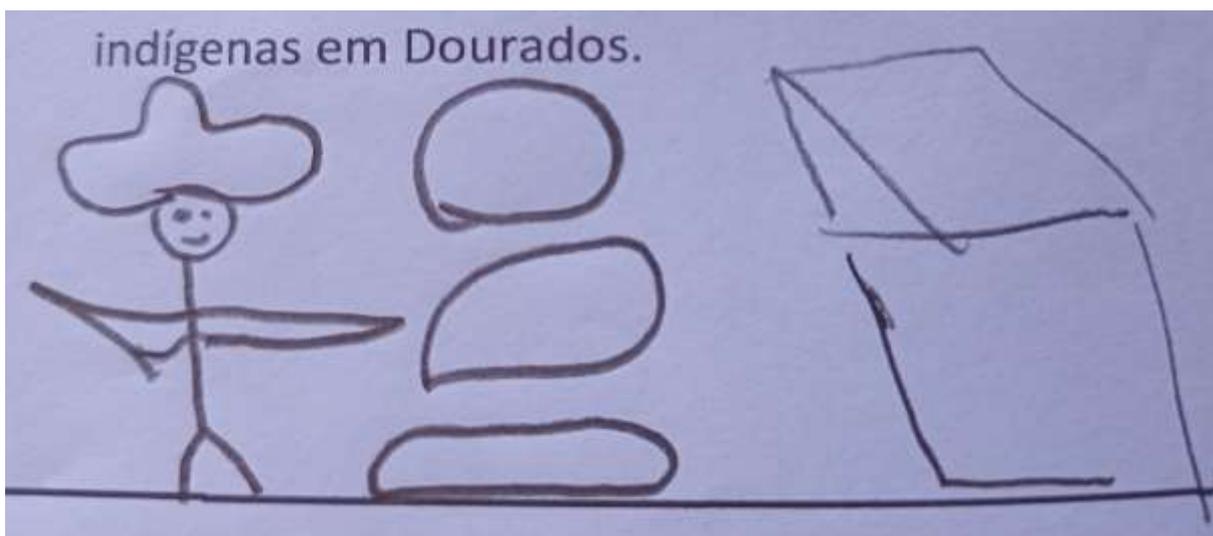
Disse não ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas: “- Não, porque não tenho interesse nesses povos”. Não sabe falar se é importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

A ilustração de F. retrata dois rostos, um entristecido e outro contente apontando para o primeiro. A expressão de alegria do segundo é acompanhada de uma frase sarcástica, utilizando o pronome possessivo "seu" seguido do substantivo "indígena". Essa combinação acaba transformando "indígena" em um adjetivo, que pode (des)qualificar o indivíduo retratado.

A escolha de F. de retratar essa interação sugere uma reflexão sobre o preconceito e a discriminação enfrentados pelos povos indígenas em Dourados. A frase sarcástica, acompanhada dos risos representados pelo "KKKK", é uma manifestação de desprezo e zombaria em relação ao ser indígena.

A falta de interesse do aluno F. em aprender mais sobre os povos indígenas e sua incerteza sobre a importância de abordar sua cultura nas escolas podem indicar uma necessidade de maior conscientização sobre o preconceito contra os povos indígenas, principalmente nas escolas.

Figura 63. Um homem de chapéu

Fonte: Trabalho elaborado pelos alunos da Escola Castro Alves, sob orientação da professora Marli. Acervo da professora Marli Avelino dos Santos (2023)

Um homem de chapéu na cabeça...

Braços em posição firme apontam para a casa. A sua frente parece uma barricada, mas não se pode afirmar.

Um sorriso tímido a se proteger ou a atacar.

A casa não tem porta, janela ou gente.

*

O desenho foi feito por V., 11 anos, pardo, aluno de um sexto ano.

Mora no Jardim Água Boa.

Sua família não tem origem indígena.

Nunca visitou a Reserva Indígena de Dourados.

Não tem relação de amizade com indígenas.

Diz que não há diferenças entre indígenas e não indígenas.

Nunca presenciou situação de preconceito contra indígenas.

Na escola, estudou sobre os povos indígenas na disciplina de Artes.

Ela diz ter vontade de conhecer mais a cultura dos povos indígenas, mas não acha importante que a cultura indígena seja trabalhada nas escolas.

*

O autor de inicial V. retrata um homem de chapéu, cujos braços estão estendidos em direção a uma casa. A expressão do homem é de um sorriso tímido, o que pode

sugerir diferentes interpretações sobre suas intenções ao apontar para a casa. A casa em questão parece estar desprovida de portas, janelas ou qualquer sinal de atividade humana.

Não está claro se o homem está protegendo a casa ou se está em uma posição de ataque. A presença de uma “barricada” à frente dá a dúvida à narrativa visual, deixando espaço para diversas interpretações.

O desenho de V. juntamente com a descrição da cena se torna intrigante e convida o espectador a refletir sobre as relações humanas e as diferentes formas de interpretação visual. Além disso, destaca a importância de promover a conscientização e a compreensão intercultural.

CONCLUSÃO

Diante das diversas fontes utilizadas para dar corpo a este trabalho, pode-se ter um panorama do percurso que foi feito durante os quatro anos de pesquisa. O trajeto foi híbrido, permeou pelos diversos espaços e lugares, captou a essência das relações feitas na escola entre os diversos sujeitos.

Partiu do relato, em forma de uma narrativa detalhada e profunda sobre as experiências da autora como professora em escolas de Dourados, Mato Grosso do Sul, e suas vivências, desafios e aprendizados ao lidar com diferentes realidades e contextos sociais, culturais e educacionais foram descritas. Destacou a complexidade das relações entre as pessoas que fazem parte das instituições de ensino e, considerando tudo isso, como se dá a construção da identidade e da diferença no contexto escolar, especialmente em relação aos indígenas e não indígenas, mediante o relato de alguns alunos indígenas que revelou a profunda desigualdade e discriminação enfrentadas por eles dentro e fora da escola. A pesquisa também refletiu sobre o papel dos professores e das instituições educacionais na reprodução ou superação dessas desigualdades, destacando a necessidade de se abordar as representações sociais e culturais de forma que os estereótipos e estigmas sejam rompidos.

A história de Matheus, Geovane, C. K. e outros alunos indígenas e não indígenas mostrou a importância de se compreender as diferentes realidades e as experiências dos alunos para promover uma educação mais justa, ressaltando sempre a necessidade de se valorizar e reconhecer a diversidade cultural e identitária presente nas escolas e na sociedade como um todo.

A parte da pesquisa que foi realizada na Escola Castro Alves ofereceu percepções valiosas sobre as experiências dos alunos em relação à temática indígena e à diversidade cultural e possibilitou entender melhor as dinâmicas sociais, culturais e educacionais que influenciam na construção da identidade e da diferença no contexto escolar e como essas representações contribuem para a produção de desigualdades e relações sociais discriminatórias entre os indígenas e os não indígenas na cidade de Dourados/MS., o que era um dos objetivos da pesquisa. Conclui-se, a partir de algumas respostas obtidas, que as questões de discriminação estão enraizadas no ambiente familiar e se reproduzem através das crianças e adolescentes no ambiente da escola e nas trocas entre os alunos.

Alguns professores também relataram a dificuldade que têm com a questão da aprendizagem dos alunos indígenas, enfatizando a falta de compreensão de conteúdos e do “enquadramento” dos mesmos às convenções de ensino das escolas não indígenas, com metodologias tradicionais e unilaterais cujas especificidades de cada aluno são deixadas de lado. Sendo assim, ainda há muitas dificuldades nas relações de ensino e aprendizagem, tanto para os professores - que não se sentem preparados para lidar com as diferenças culturais e étnicas - quanto para os alunos - que se deparam com uma forma de ensino ainda enquadrada nos moldes tradicionais.

Os relatos apresentados destacam a importância de se compreender e valorizar a diversidade cultural e identitária no contexto educacional, buscando promover uma educação mais inclusiva, respeitosa e justa para todos os alunos, independentemente de sua origem étnica, cultural ou social.

A partir das respostas coletadas nos questionários, foi possível observar uma significativa diversidade na composição étnica e no reconhecimento de ancestralidade indígena entre os alunos. Uma parte considerável deles identifica pelo menos um membro da família com origens indígenas, indicando que a presença e a influência indígena são significativas em suas histórias familiares. As referências variam desde parentescos diretos, como pais e avós, até relações mais distantes, como tataravós. Além disso, alguns alunos se identificaram pessoal e diretamente como sendo indígena (“Eu”). Por outro lado, um número menor de estudantes expressou incerteza ou falta de conhecimento sobre suas possíveis conexões indígenas. Ainda houve casos em que alunos indígenas negam a própria identidade e em um, específico, ficou clara a vergonha diante dos colegas em se identificar como sendo indígena: “- Eu só moro lá, meu pai é, mas eu não sou indígena não.”. Alguns apontamentos nos levam também a perceber uma necessidade de apoiar aqueles que desejam explorar mais profundamente suas raízes culturais, seja por meio de pesquisa genealógica, educação cultural ou participação em comunidades indígenas.

A pergunta número 2 teve o intuito de perceber o conhecimento dos alunos sobre a RID. As respostas coletadas mostraram uma ampla percepção dos alunos sobre a Reserva Indígena de Dourados (RID), que variam entre estereótipos negativos, reconhecimento de uma vivência normalizada até uma valorização de aspectos culturais da natureza. Percebeu-se, desse modo, que a diversidade sugere múltiplas influências na formação da imagem da RID entre os alunos, incluindo experiências pessoais, discursos sociais predominantes e até mesmo a falta de conhecimento direto. Esse contraste entre

visões negativas, baseadas em preconceitos e estereótipos, e visões que enfatizam a normalidade ou riqueza cultural indica uma oportunidade significativa para a educação que é a de desmistificar as visões estereotipadas, promover um entendimento mais profundo e respeitoso das culturas indígenas e, ao mesmo tempo, reconhecer e valorizar a contemporaneidade e diversidade das vivências indígenas, inclusive dentro da escola. Outro aspecto importante que a pesquisa trouxe é que há interesse por parte dos não indígenas em incluir vozes indígenas na narrativa sobre suas próprias comunidades, permitindo que contem suas histórias e compartilhem suas culturas, desafios e conquistas em seus próprios termos. Iniciativas que promovam interações diretas e significativas entre estudantes não indígenas e comunidades indígenas podem ser particularmente valiosas, pois permitem que os alunos formem suas percepções baseadas em experiências e relações reais, em vez de se apoiarem em concepções preconcebidas ou informações de segunda mão.

A pergunta número 4 “Você tem relação de amizade com algum indígena?”, da pesquisa realizada na Escola Castro Alves, revelou uma realidade animadora quanto à integração e aceitação de alunos indígenas entre os estudantes. Com 137 alunos, representando aproximadamente 59% dos participantes, declarando ter relações de amizade com pessoas indígenas. Fica evidente uma tendência positiva de inclusão e reconhecimento mútuo entre os estudantes, independentemente de suas origens étnicas, sugerindo não apenas a presença física de estudantes indígenas na instituição, mas também a sua integração social efetiva, quebrando barreiras de isolamento e preconceito que poderiam prevalecer em outros ambientes da cidade de Dourados. Este resultado desafia percepções preconcebidas ou estereótipos de separação ou distância entre alunos indígenas e não indígenas, demonstrando que, na prática, há uma convivência e aceitação segundo os relatos dados. No entanto, a existência de 40,5% dos entrevistados que não têm relações de amizade com indígenas, apontam para a fissura existente nas relações já presenciadas pela pesquisadora (professora), percepção essa que deu origem ao desenvolvimento desta pesquisa.

Os resultados da pesquisa indicam um avanço significativo na inclusão social e na quebra de barreiras étnicas na Escola Castro Alves, mas também ressaltam a importância de continuar promovendo e fortalecendo a diversidade e a inclusão dentro do ambiente escolar, para que todos os estudantes, independentemente de sua origem, possam se beneficiar de uma educação representativa. A Escola Castro Alves demonstra esforços significativos na promoção da educação intercultural e inclusiva, no entanto,

ainda há espaço para melhorias em termos de consistência, profundidade e engajamento dos estudantes. Uma abordagem educacional que valorize experiências vivenciais, o diálogo intercultural e a reflexão crítica é fundamental para enriquecer o conhecimento dos estudantes sobre os povos indígenas e para fomentar um maior respeito e valorização da diversidade cultural no Brasil e além, alinhando-se com os princípios da educação para a cidadania global e a justiça social (UNESCO, 2015; UNICEF, 2016).

Seguindo no viés das relações de identidade e da diferença, perguntou-se sobre as diferenças percebidas pelos alunos em relação aos povos originários, pergunta essencial para responder à pergunta que permeou a pesquisa. A ampla gama de percepções entre os alunos sobre as diferenças entre indígenas e não indígenas, destacou a complexidade das interações sociais e das construções identitárias dentro de um contexto escolar diversificado. De forma predominante, as respostas dos alunos se concentraram em diferenças físicas, culturais e de estilos de vida, refletindo uma percepção de “outro” baseada em características visíveis e práticas cotidianas. Por outro lado, uma parcela considerável de alunos argumentou que, todos são iguais, independente de diferenças culturais ou físicas, promovendo uma visão de igualdade e humanidade compartilhada. Essa perspectiva é fundamental para combater a discriminação, todavia, pode-se correr o risco de minimizar ou ignorar as realidades e desafios específicos enfrentados pelos povos indígenas que contam com um histórico de discriminação, desigualdade e incompreensão do seu modo de vida, tanto que, algumas respostas refletem preconceitos e estigmatização direta contra indígenas. As respostas que destacam a tecnologia e o estilo de vida como diferenciadores apontam para uma compreensão das diversas formas de viver, mas também podem perpetuar noções antiquadas de “tradicional” *versus* “moderno”, negligenciando a complexidade das identidades indígenas contemporâneas.

Há, portanto, uma dualidade de visões: uma que reconhece e valoriza a diversidade e outra que busca a universalidade da experiência humana. Ambas as perspectivas são essenciais para o entendimento intercultural, mas é crucial equilibrá-las com uma compreensão profunda sobre as especificidades e a autonomia dos povos indígenas. Isso inclui reconhecer e valorizar suas culturas, línguas e histórias, ao mesmo tempo em que se combate a discriminação e se promove a igualdade de direitos e oportunidades. Essa dualidade de visões sobre as diferenças entre indígenas e não indígenas destaca a complexidade das interações sociais e das construções identitárias, sugerindo a necessidade de uma abordagem equilibrada que reconheça e valorize as

especificidades e autonomia dos povos indígenas, enquanto promove a igualdade de direitos e oportunidades para todos (FREIRE, 1970; SMITH, 1999).

Em relação a atos de preconceito contra indígenas, houve um contraste entre os relatos, há aqueles que já observaram ou experimentaram preconceito, enquanto outros negaram ter presenciado qualquer ato discriminatório contra indígenas, o que sugere uma variedade de contextos e experiências entre os estudantes. Esse contraste pode refletir diferenças na percepção ou na exposição a situações de discriminação, indicando que o preconceito nem sempre é evidente, muitas vezes ele é praticado de modo velado e não compreensivo como sendo. Especialmente os alunos mais velhos mostram uma maturidade na compreensão dos efeitos negativos do preconceito e da discriminação. Eles reconhecem não apenas as implicações sociais e emocionais para os indivíduos afetados, mas também a importância de combater ativamente essas atitudes na sociedade. Conforme aponta Hall (2006) em sua teoria sobre a identidade cultural e a representação do "outro", é comum que os indivíduos construam suas identidades com base nas diferenças percebidas entre "nós" e "eles". Essa dicotomia pode ser observada nas representações dos alunos, quando elementos culturais específicos são destacados e também a universalidade da experiência humana é celebrada.

Analisando as respostas dos alunos sobre suas experiências com a temática indígena em sua vida escolar, revelou-se uma variedade de atividades educativas empreendidas para introduzir e explorar a cultura, a história e as tradições indígenas. A predominância de atividades nas disciplinas de Arte, História e Geografia demonstra uma tendência em abordar a temática indígena através de ângulos históricos, geográficos e culturais, com um destaque especial para as atividades artísticas

Notou-se, entretanto, que, apesar de uma significativa maioria dos estudantes (83,9%) afirmar ter participado de alguma atividade relacionada à temática indígena, ainda existe uma parcela (16,1%) que relata nunca ter tido contato com o conteúdo. Além disso, as respostas dos alunos sugerem que atividades práticas, interativas e culturais, como danças, artesanato e a participação em eventos ou visitas a comunidades indígenas, são particularmente significativas e memoráveis para eles. Essas atividades não apenas facilitam um entendimento mais profundo e empático da vida e cultura indígena como também ajudam a combater estereótipos e preconceitos, promovendo uma maior apreciação da diversidade cultural.

Instigou-se, ainda, em saber se há interesse dos alunos em conhecer melhor os indígenas e suas cultura, e uma maioria significativa dos estudantes expressou

curiosidade, admiração e desejo de ampliar seus conhecimentos sobre as tradições, a história, as artes, as crenças e os modos de vida dos indígenas. Por outro lado, um segmento dos alunos mostrou desinteresse ou neutralidade quanto ao aprendizado sobre a cultura indígena. As razões para essa postura variam desde a percepção de já possuírem conhecimento suficiente até a falta de interesse pessoal no tema. Essa diversidade de opiniões destaca a necessidade de abordagens educacionais que não apenas despertem o interesse e a curiosidade dos estudantes, mas que também abordem e superem possíveis preconceitos e desinformação sobre os povos indígenas.

A inclusão da cultura indígena no currículo escolar de Dourados é amplamente apoiada pelos alunos, como evidenciado pelas respostas coletadas. Para os alunos, as abordagens práticas e imersivas são importantes para uma educação que vai além do tradicional modelo de sala de aula, sugerindo uma experiência de aprendizado que inclua interações diretas com as comunidades indígenas, participação em suas práticas culturais e acesso a palestrantes e educadores indígenas. Essas propostas não apenas enriqueceriam o currículo escolar, mas também proporcionariam experiências de aprendizagem significativas que poderiam promover a empatia, o respeito mútuo e um entendimento mais profundo da história e da cultura indígenas.

A última questão que foi apresentada trouxe revelações de uma diversidade de percepções e opiniões sobre os povos indígenas em Dourados. A pobreza e as dificuldades materiais enfrentadas por muitos indígenas são aspectos amplamente reconhecidos, refletindo a necessidade urgente de intervenções sociais e políticas para melhorar suas condições de vida. O preconceito e a discriminação emergem como temas preocupantes, evidenciando a existência de estereótipos negativos e atitudes hostis em relação aos indígenas e da presença desses: “- Hoje um indígena tocou a campainha de casa, e meu pai mandou ele tomar no cú”, revelou mais uma vez, lembrando as pesquisas de 2013 e 2014, o evidente “tratamento desprezível” da sociedade douradense aos povos indígenas. Essas percepções, infelizmente, alimentam um ciclo de marginalização e exclusão social que impede o pleno reconhecimento e respeito pelos direitos indígenas.

Por outro lado, é encorajador observar que muitos valorizam a rica cultura indígena, reconhecendo suas contribuições significativas para a diversidade cultural do Brasil. Esse reconhecimento pela cultura indígena pode servir como uma ponte para promover maior compreensão e respeito entre os diferentes grupos sociais.

Adentrando as representações artísticas presentes no capítulo 2, onde deixamos que as descrições revelarem uma rica tapeçaria de percepções e sensibilidades em relação à cultura indígena entre os jovens estudantes artistas. Eles retratam a complexidade das identidades, os desafios da transição para a adolescência e a interação entre o imaginário e a realidade cultural. A arte, neste contexto, não apenas reflete a realidade como também serve como uma ponte para o diálogo intercultural e para a promoção da empatia e do entendimento mútuo.

Desvendou-se, nos desenhos, que, inconscientemente, os conceitos geográficos de lugar, território e territorialidade transcendem o imaginário e se apresenta nas ilustrações, quando os alunos rabiscam moradas indígenas, espaços de convivência, lugares de trocas de indígenas com a natureza. No aspecto territorial também se percebe a retratação do cotidiano douradense, onde indígenas permeiam entre a RID e os espaços urbanos. Além de elementos como o fogo e os rituais, corpo e seus adereços que aparecem de forma muito simbólica nos desenhos, como se esses fossem marcas da cultura indígena captando a sua essência, mesmo em meio a suas próprias experiências e realidades. O fogo, por exemplo, que foi muito representado pelos estudantes, não é apenas um elemento físico que fornece calor e luz, mas também pode-se perceber que desempenha um papel central em várias atividades e rituais, desde festas comunitárias até cerimônias solitárias. Ele é visto como um elemento que une as pessoas, aquece os corações e ilumina os caminhos. Além disso, o fogo é também um símbolo de identidade para os povos indígenas, como destacado pela citação de Pereira (2011) sobre a “família Kaiowá” e sua relação intrínseca com o fogo.

Os desenhos e as reflexões dos estudantes sobre a moradia indígena, em Dourados/MS., revelam uma complexa interação entre percepções, experiências pessoais e conhecimento adquirido através da educação formal, já que grande parte deles representou as casas de indígenas como “ocas”.

Embora todos os estudantes tenham demonstrado algum nível de familiaridade com a cultura indígena e expressado respeito por ela, suas representações variam significativamente em termos de precisão e profundidade. G., por exemplo, apresenta um entendimento básico da moradia indígena, influenciado pelo seu contexto pessoal e pela educação escolar. Sua visão é complementada por sua experiência pessoal e pelo contato com amigos indígenas. Já V. e V. H. demonstram uma apreciação mais profunda da cultura indígena, simbolizada por detalhes como o uso de cocares e a representação de atividades cotidianas dentro das moradias.

A alegria compartilhada entre crianças, como representado nos desenhos de K., M. e C., mostra que os momentos de diversão e convivência são universais e não estão confinados por barreiras culturais. Os desenhos mostram a capacidade de as crianças encontrarem pontos comuns e celebrarem a alegria da infância, independentemente das diferenças culturais. A representação de um cumprimento entre "nós" e o "outro", no desenho de M., destaca a importância do reconhecimento mútuo e da coexistência pacífica. Embora haja elementos que identifiquem características culturais específicas, como os adereços indígenas, o desenho ressalta a universalidade do gesto de cumprimento e a ideia de que, no fim das contas, somos todos seres humanos. O tereré, um símbolo cultural forte do estado do Mato Grosso do Sul, é destacado no desenho de P., mostrando como momentos simples podem levar ao fortalecimento de laços de amizade e compreensão. A história por trás do encontro inusitado de duas meninas, originado de um acidente de bicicleta, ilustra como situações cotidianas podem se transformar em oportunidades para o entendimento e a amizade entre diferentes culturas.

Finalmente, o desenho de G., apesar de sua simplicidade, ressalta a ideia de que a brincadeira, no caso soltar pipa, é uma experiência compartilhada por crianças de todas as origens. Mesmo sem um conhecimento profundo ou um interesse específico na cultura indígena, G. demonstra uma aceitação e valorização das tradições culturais.

Os desenhos e as percepções dos alunos sobre os povos indígenas e a convivência em Dourados revelam uma variedade de perspectivas e entendimentos. Enquanto alguns alunos demonstram uma familiaridade mais próxima com a cultura indígena, seja através de amizades ou visitas a reservas, outros têm uma compreensão mais limitada e baseada em estereótipos. Nota-se que a maioria dos alunos reconhece a importância da inclusão e do respeito à diversidade cultural. Eles expressam a necessidade de aprender mais sobre os povos indígenas e acreditam que a cultura indígena deve ser ensinada nas escolas. No entanto, também há evidências de desinformação e desconhecimento sobre a vida e a cultura indígena.

Por fim, é crucial que as escolas continuem a integrar o estudo dos povos indígenas em seus currículos, não apenas como uma matéria isolada, mas como parte integrante de uma educação mais ampla e inclusiva, pois isso ajudará a desmistificar estereótipos, promover o respeito à diversidade cultural e encorajar um diálogo intercultural mais profundo e significativo entre os estudantes.

REFERÊNCIAS

- BANDURA, A. et al. A evolução da teoria social cognitiva. In: **Teoria social cognitiva: Conceitos básicos**, p. 15-41, 2008.
- BARBOSA, P. A. A “Terra sem Mal” de Curt Nimuendajú e a “Emigração dos Cayuáz” de João Henrique Elliott. Notas sobre as “migrações” guarani no século XIX. **Tellus**, n. 24, p. 121-158, 2014.
- BHABHA, H. K. O pós-colonial e o pós-moderno. In: Bhabha, H. K., **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.114-121.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUTLER, J. **Corpos que importam**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993.
- COLMAN, Rosa Sebastiana. **Território e sustentabilidade: os Guarani e Kaiowá de Yvy Katu**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007.
- CRENSHAW, Kimberle Williams. Mapeando as margens: Interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres negras. In: **A natureza pública da violência privada**. Routledge, 2013. p. 93-118.
- ECO, Umberto. *¿De qué sirve el profesor?* **La Nación**, v. 21, p. 05-07, 2007.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Paris: Éditions du Seuil, 1952.
- FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- GALETTI, L. S. G. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2000.
- GASPAROTTI, F.; SILVA, S. Fronteira e construção do “outro”: concepções de alunos sobre povos indígenas 2014. Artigo **Revista Mercator**.
- GASPAROTTI, F.; FRANCO, I. **Encontros, derivas e rasuras**. Uberlândia: Assis, 2017.
- HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.

- _____. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed, São Paulo, Martins Fontes, 2017.
- INGOLD, T. **Lines: a brief history**. London: Routledge, 2007.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LOURENÇO, Renata; PEREIRA, Levi Marques. Escolarização e reivindicação de uma teoria do conhecimento guarani e kaiowá: interconexões entre o modo de ser indígena-ava reko-e o modo de ser não indígena-karai reko. **Revista de Antropologia**, v. 66, p. e201335, 2023.
- MARTINS, J. S. **Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MOREIRA, A. S. A construção social da realidade de Peter Berger e Thomas Luckmann. **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, v. 20, n. 1, p. 12-28, 2022.
- MOTA, J. G. B. Trabalho, progresso e desenvolvimento: o discurso “moderno” do agronegócio para não-demarcação das terras indígenas. In: **Anais XV Encontro Nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre: AGB, 2010.
- MUNDUKURU, D. **Meu vô Apolinário, Um mergulho no rio da (minha) memória**. Studio Nobel, 2009.
- OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado. GEOGRAFIAS MENORES: POTÊNCIAS DE EXPRESSÃO-entre imagens, pesquisa, educação. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 9, n. 17, p. 27-43, 2019.
- OMI, M.; WINANT, H.. Formação racial. In: **O novo leitor da teoria social**. Routledge, 2020. p. 405-415.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 118-142.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, A. S. A retórica dos limites: notas sobre o conceito de fronteira. In: SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 475-501.

SANTOS, Ana Lucia Cavalcante dos. **Corpo, cultura e poder**: as várias representações da cunhã poranga do festival folclórico de Parintins. Dissertação.

SILVA, S. R. da. **Ensino de Geografia e educação escolar indígena**: da interculturalidade a outras imaginações espaciais. 2018. 336 p. Tese (Doutorado em Geografia) - FCH, UFGD, Dourados-MS.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-103.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SOUSA SANTOS, B.; NUNES, J. A. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SOUSA SANTOS, B. de. (Org.). **Reconhecer para libertar**. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13-59.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes Ltda, 2009. p. 7-72.